

ANEXOS

Índice de Anexos

Anexo I - Caracterização inicial do grupo dos 5 anos

Anexo II - Caracterização final do grupo dos 5 anos

Anexo III – Caracterização inicial da turma do 4º ano

Anexo IV – Caracterização final da turma do 4ºano

Anexo V – Gráficos referentes ao grupo da Educação Pré-Escolar

Anexo VI – Gráficos referentes ao grupo do 1ºCEB

Anexo VII – Entrevista à Educadora Cooperante

Anexo VIII – Entrevista às crianças

Anexo IX – Análise de conteúdo da entrevista à Educadora

Anexo X – Análise de conteúdo da entrevista às crianças

Anexo XI – Entrevista ao Professor Cooperante

Anexo XII – Entrevista aos alunos

Anexo XIII – Análise de conteúdo da entrevista ao Professor Cooperante

Anexo XIV – Análise de conteúdo da entrevista aos alunos

Anexo XV – Registo Fotográfico nº1 da EPE

Anexo XVI – Registo Fotográfico nº2 da EPE

Anexo XVII – Registo Fotográfico nº3 da EPE

Anexo XVIII – Registo Fotográfico nº4 da EPE

Anexo XIX – Registo Fotográfico nº5 da EPE

Anexo XX – Registo Fotográfico nº6 da EPE

Anexo XXI – Registo Fotográfico nº7 da EPE

Anexo XXII – Registo Fotográfico nº8 da EPE

Anexo XXIII – Registo Fotográfico nº9 da EPE

Anexo XXIV – Registo Fotográfico nº1 do 1ºCEB

Anexo XXV – Registo Fotográfico nº2 do 1ºCEB

Anexo XXVI – Registo Fotográfico nº3 do 1ºCEB

Anexo XXVII – Registo Fotográfico nº4 do 1ºCEB

Anexo XXVIII – Registo Fotográfico nº5 do 1ºCEB

Anexo XXIX – Registo Fotográfico nº6 do 1ºCEB

Anexo XXX – Registo Fotográfico nº7 do 1ºCEB

Anexo XXXI – Registo Fotográfico nº8 do 1ºCEB

Anexo XXXII – Registo Fotográfico nº9 do 1ºCEB

Anexo XXXIII– Registo Fotográfico nº10 do 1ºCEB

Anexo XXXIV – Registo Fotográfico nº11 do 1ºCEB

Anexo XXXV – Registo Fotográfico nº12 do 1ºCEB

Anexo XXXVI - Registo Fotográfico nº13 do 1ºCEB

Anexo XXXVII – Estratégias adotadas para motivar os alunos

Anexo XXXVIII – Estratégias adotadas para colmatar as dificuldades dos alunos

Anexo XXXIX– Estratégias adotadas para a construção de composições

Anexo XL – Primeiro contacto estabelecido com a Expressão Plástica

Anexo XLI – Técnica do Mergulho

Anexo XLII – Decoração de uma castanha para o S.Martinho

Anexo XLIII – Construção de um rebuçado, após a audição da história *A árvore dos rebuçados*

Anexo XLIV– Interdisciplinaridade – Expressão Plástica/Matemática

Anexo XLV – Enfeites de Natal

Anexo XLVI – Grelha de avaliação dos projetos

Anexo XLVII – Registo de Incidente Crítico nº1 da Educação Pré-Escolar

Anexo XLVIII – Registo de Incidente Crítico nº2 da Educação Pré-Escolar

Anexo XLIX – Registo de Incidente Crítico nº3 da Educação Pré-Escolar

Anexo L – Registo de Incidente Crítico nº4 da Educação Pré-Escolar

Anexo LI – Registo de Incidente Crítico nº1 do 1ºCEB

Anexo LII– Registo de Incidente Crítico nº2 do 1ºCEB

Anexo LIII – Registo de Incidente Crítico nº3 do 1ºCEB

Anexo LIV – Registo de Incidente Crítico nº4 do 1ºCEB

Anexo LV – Registo de Incidente Crítico nº5 do 1ºCEB

Anexo LVI – Lista de verificação da Educação Pré-Escolar

Anexo LVII – Amostragem de acontecimentos da Educação Pré-Escolar

Anexo LVIII – Critérios de Avaliação para a leitura

Anexo LIX - Critérios de Avaliação para a produção de textos

Anexo LX – Descrição Diária do 1ºCEB

Anexo LXI– Grelhas de auto-avaliação

Anexo LXII – Grelha de observação da aula preenchida pelo par pedagógico

Anexo LXIII – Perfil de Implementação do Programa (PIP) utilizado na Educação Pré-Escolar

Anexo LXIV - Registo do Portfólio da Criança nº1 na Educação Pré-Escolar

Anexo LXV – Registo do Portfólio da Criança nº2 na Educação Pré-Escolar

Anexo LXVI – Registo de uma atividade significativa na Educação Pré-Escolar

Anexo LXVII – Sessão de Expressão Motora na Educação Pré-Escolar

Anexo LXVIII – Exemplo de uma Planificação Semanal realizada na Educação Pré-Escolar

Anexo LXIX – Exemplo de uma Planificação Semanal realizada no 1ºCEB

Anexo LXX – Exemplo de uma avaliação semanal da Ed. Pré-Escolar

Anexo LXXI – Exemplo de uma avaliação semanal do 1ºCEB

Anexo LXXII – Rede Curricular

Anexo LXXIII – Reflexões elaboradas na Ed. Pré-Escolar

Anexo LXXIV – Reflexões elaboradas no 1ºCEB

Anexo LXXV - Registo do Projeto Lúdico “O canto da bicharada”

Anexo LXXVI – Grelha de avaliação do Projeto

Anexo I - Caracterização inicial do grupo dos 5 anos

Desenvolvimento socio-afectivo

Ao nível do domínio sócio-afectivo, as crianças desta sala são perfeitamente capazes de se vestirem e despirem sozinhos e de apertarem e desapertarem os botões, necessitando apenas da ajuda do adulto para apertar e desapertar atacadores.

Relativamente a este domínio, as crianças demonstram ainda um grande crescimento a nível pessoal, pois já demonstram capacidade de iniciativa, de tomada de decisões, de diálogo e de espírito crítico.

Segundo Arnold Gesell (2000) as crianças de 5 anos são altamente sociáveis, passam pouco tempo sozinhas e são cooperantes e imaginativas, bem como propensas a optar pelas brincadeiras em grupo. Este grupo de crianças não faz, por norma, diferenciação de sexos durante a formação de grupo para brincar nas actividades espontâneas nas diferentes áreas. Contudo atribuem papéis consoante o sexo. O que segundo Piaget, é normal nesta idade, pois tudo tem que ser muito real.

A maior parte das crianças brincam em pequeno grupo, que varia de acordo com as necessidades e interesses do momento. No entanto há alguns elementos que manifestam preferência em estar mais com uns do que com outros (ex: a criança So e Ri brincam normalmente juntas). É, ainda, de salientar que não só na sala as crianças interagem positivamente, como também no recreio.

As brincadeiras entre rapazes implicam, por norma, a utilização de objectos tais como carros. As raparigas preferem brincadeiras mais calmas, brincando muitas vezes com as bonecas assumindo o papel de mãe. Contudo não é regra haver separação de sexo, o que implica que por variadas vezes as raparigas e os rapazes interajam nas diferentes brincadeiras.

A sociabilidade é demonstrada também nas actividades que pressupõem maior concentração, tais como o desenho, pintura, etc. Uma vez que não se isolam é frequente ouvi-los a dialogar entre si, mostrando as suas produções e pedindo materiais.

Este grupo de crianças é bastante meigo e carinhoso, demonstrando em várias situações afecto pelos adultos e colegas (beijos e abraços).

Desenvolvimento cognitivo

Segundo Jean Piaget, as crianças nesta faixa etária encontram-se no estágio pré-operatório, no qual o seu pensamento simbólico fica mais sofisticado, contudo ainda não são capazes de pensar logicamente. No estado pré-operatório, as crianças já são capazes de pensar em algo, como em objetos, palavras ou imagens, sem os ter à sua frente. Esta ausência "*de pistas sensoriais e motoras caracteriza a função simbólica*". (PAPALIA, 2001:312)

O jogo simbólico está bem presente nesta faixa etária durante as suas brincadeiras diárias. É visível, principalmente, na casinha quando tentam reproduzir os comportamentos dos adultos, encarnando o papel de mães, pais e de outras pessoas que para elas sejam referências, como é o caso do educador. A imitação da realidade é muito frequente nesta idade, imitam com frequência situações do quotidiano, tais como levar a filha ao médico (bonecas da sala), a passear, dar de comer à filha.

O jogo simbólico assume uma importância extrema nesta faixa etária, pois é através deste que as crianças entendem o mundo dos adultos, desenvolvem a sua imaginação e a criatividade, adquirem sentido de responsabilidade, dispersam emoções e desenvolvem a sua identidade, para a partir daqui, construir elas próprias a sua acção, uma vez que já conseguem dar significados que lhes permitem conhecer e recrear o real.

No que diz respeito à expressão verbal pode dizer-se que estas crianças possuem agora um alargamento do seu campo lexical, o que lhes permite construir frases cada vez mais complexas e longas. Algumas crianças detêm já um grande poder de argumentação o que é bem visível quando são contrariadas, como por exemplo a criança Jo. A maioria tem grande facilidade em exprimir-se, construindo frases, expressando ideias, sentimentos, interesses e necessidades, colocando questões e mantendo diálogos quer com o adulto quer entre si. No entanto, duas crianças têm problemas da fala (as crianças F e Ta), sendo acompanhado por uma especialista de terapia da fala. Estas crianças são bem aceites pelo grupo, na medida em que, quando se expressam as outras crianças conseguem perceber o que elas dizem e

conseguem comunicar entre elas, contrariando o que Jean Piaget afirma “as crianças que não falam ou compreendem tão bem como os seus pares, tendem a ser julgadas negativamente pelos adultos e pelas outras crianças” (PAPALIA, 2001:325)

Segundo Arnold Gesell (2000), aos 5 anos as crianças adoram exageros e disparates verbais. Ficam fascinados por palavras novas, diferentes e compridas, o gosto pelo exagero leva-as a inventar histórias impressionantes. Esta característica está bastante visível neste grupo de crianças uma vez que facilmente ultrapassam o limiar da realidade para a fantasia. É importante realçar que algumas crianças já despertaram para a escrita reconhecendo letras do seu nome e muitas delas já são capazes de escrever o seu nome sem a ajuda do adulto ou da placa de identificação.

Desenvolvimento motor

O corpo que a criança vai progressivamente dominando desde o nascimento e de cujas potencialidades vai tomando consciência, constitui o instrumento de relação com o mundo e o fundamento de todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem. (ME, 1997:58).

De facto o movimento é como que um estímulo para o crescimento biológico da criança, tanto físico como intelectual.

As crianças desta idade (5 anos) demonstram muito interesse por actividades que pressupõem movimento, envolvendo-se totalmente naquilo que fazem.

No que respeita à marcha, todas as crianças andam naturalmente e com equilíbrio.

É frequente verem-se crianças a chutar e lançar objectos (bolas, peluches...) fazendo-o com grande facilidade.

Relativamente à lateralidade “preferência pelo uso de uma mão”, (PAPALIA, 2001:288) todas as crianças já reparam qual é a sua mão dominante, no entanto algumas ainda confundem a mão direita com a mão esquerda, como pude observar na sessão de movimento do dia 5 de março.

Na motricidade fina, que engloba actividades como “apertar os cordões dos sapatos, os botões do casaco, cortar com uma tesoura, desenhar e pintar” (PAPALIA, 2001:287), a maior parte das crianças já consegue cortar, pintar e

desenhar relativamente bem, à exceção de uma criança que necessita de ajuda para cortar.

Anexo II - Caracterização final do grupo dos 5 anos

Após estes quatro meses de estágio, a evolução do grupo foi significativa podendo, agora, acrescentar mais aspetos à caracterização do grupo. Essa mesma caracterização foi feita por áreas de desenvolvimento: cognitivo, socio-afectivo, raciocínio lógico-matemático e psicomotor, contudo considero que elas se interpenetram contribuindo para o desenvolvimento integral da criança.

Domínio sócio-afectivo

As crianças desta sala são perfeitamente capazes de se vestirem e despirem sozinhas e de apertarem e desapertarem os botões, necessitando apenas da ajuda do adulto para apertar e desapertar atacadores. No entanto, ao longo do estágio foi notória a evolução de algumas crianças que já são capazes de apertar os cordões, levando a que outras também o façam ou pelo menos tentem.

Relativamente a este domínio, as crianças demonstram ainda um grande crescimento a nível pessoal, pois já demonstram capacidade de iniciativa, de tomada de decisões, de diálogo e de espírito crítico, como pude verificar nas assembleias realizadas semanalmente com as crianças ou em pequenos diálogos que realizavam ao início da manhã.

Segundo Arnold Gesell (2000) as crianças de 5 anos são altamente sociáveis, passam pouco tempo sozinhas e são cooperantes e imaginativas, bem como propensas a optar pelas brincadeiras em grupo. Este grupo de crianças não faz, por norma, diferenciação de sexos durante a formação de grupo para brincar nas actividades espontâneas nas diferentes áreas. Contudo atribuem papéis consoante o sexo. O que segundo Piaget, é normal nesta idade, pois tudo tem que ser muito real. Ao retirarmos da sala a área da casinha e prolongarmos o canto da bicharada, esta atribuição de papéis deixou de existir e notou-se uma grande interação de ambos os sexos.

A maior parte das crianças brincam em pequeno grupo, que varia de acordo com as necessidades e interesses do momento. No entanto há alguns elementos que manifestam preferência em estar mais com uns do que com

outros (ex: a criança So e Ri brincam normalmente juntas). É, ainda, de salientar que não só na sala as crianças interagem positivamente, como também no recreio.

A sociabilidade é demonstrada também nas actividades que pressupõem maior concentração, tais como o desenho, pintura, etc. Uma vez que não se isolam é frequente ouvi-los a dialogar entre si, mostrando as suas produções e pedindo materiais.

Este grupo de crianças é bastante meigo e carinhoso, demonstrando em várias situações afecto pelos adultos e colegas (beijos e abraços).

Segundo Jean Piaget, as crianças nesta faixa etária encontram-se no estágio pré-operatório, no qual o seu pensamento simbólico fica mais sofisticado, contudo ainda não são capazes de pensar logicamente. No estado pré-operatório, as crianças já são capazes de pensar em algo, como em objetos, palavras ou imagens, sem os ter à sua frente. Esta ausência *“de pistas sensoriais e motoras caracteriza a função simbólica”*. (PAPALIA, 2001:312)

O jogo simbólico assume uma importância extrema nesta faixa etária, pois é através deste que as crianças entendem o mundo dos adultos, desenvolvem a sua imaginação e a criatividade, adquirem sentido de responsabilidade, dispersam emoções e desenvolvem a sua identidade, para a partir daqui, construírem elas próprias a sua acção, uma vez que já conseguem dar significados que lhes permitem conhecer e recriar o real. Este jogo simbólico continuou a ser manifestado mesmo sem a existência da área da casinha na sala podendo ser manifestado no canto da bicharada, uma vez que, neste cantinho as crianças tinham a oportunidade e tinham disponíveis diversos materiais que lhes permitia recriar o real, tais como, o jipe, as lupas, as lanternas e os binóculos do explorador. E podiam, também, recriar a vida dos africanos, através da casa africana (cubata), das saias, dos colares, dos instrumentos musicais e dos arcos/flechas.

Expressão verbal

As crianças possuem agora um alargamento do seu campo lexical, o que lhes permite construir frases cada vez mais complexas e longas. Com o projeto vivido, as crianças tiveram a oportunidade de alargar o campo lexical ao

contactarem com palavras que antes não conheciam como: Pigmeus, cubata, herbívoro, carnívoro, entre outros.

Algumas crianças detêm já um grande poder de argumentação o que é bem visível quando são contrariadas, como por exemplo a criança Jo. A maioria tem grande facilidade em exprimir-se, construindo frases, expressando ideias, sentimentos, interesses e necessidades, colocando questões e mantendo diálogos quer com o adulto quer entre si. No entanto, duas crianças têm problemas da fala (as crianças F e Ta), sendo acompanhado por uma especialista de terapia da fala. Estas crianças são bem aceites pelo grupo, na medida em que, quando se expressam as outras crianças conseguem perceber o que elas dizem e conseguem comunicar entre elas, contrariando o que Jean Piaget afirma *“as crianças que não falam ou compreendem tão bem como os seus pares, tendem a ser julgadas negativamente pelos adultos e pelas outras crianças”* (PAPALIA, 2001:325)

É importante realçar a evolução do grupo ao nível da escrita, uma vez que já são capazes de reconhecer as letras do seu nome e já conseguem escrever o seu nome sem a ajuda do adulto ou da placa de identificação.

Raciocínio lógico-matemático

As crianças adquiriram noções de espaço, nas sessões de motora bem como nos jogos realizados ou nas atividades de matemática. O grupo é capaz de identificar quantidades, de estabelecer relações entre a quantidade e número e formar padrões. Contudo, numa das atividades de formar padrões, dois meninos mostraram uma maior compreensão do processo e de explicar o seu raciocínio quando lhes foi apresentado um padrão com um grau maior de dificuldade.

Desenvolvimento motor

O grupo demonstrou muito interesse por actividades que pressupõem movimento, envolvendo-se totalmente naquilo que faziam, como pude comprovar nas sessões de movimento que realizei ao longo do estágio.

No que respeita à marcha, todas as crianças andam naturalmente e com equilíbrio, mesmo quando realizado um percurso com obstáculos ou com algo onde as crianças se teriam de equilibrar, o grupo conseguiu realiza-lo com

facilidade. Esses percursos eram criados por mim ou pelas próprias crianças nas atividades livres, do recreio.

É frequente verem-se crianças a chutar e lançar objectos (bolas, peluches...) fazendo-o com grande facilidade.

Relativamente à lateralidade *“preferência pelo uso de uma mão”*, (PAPALIA, 2001:288) todas as crianças já reparam qual é a sua mão dominante, no entanto algumas no início confundiam a mão direita com a mão esquerda, no entanto, fui trabalhando isso com as crianças ao longo do estágio.

Na motricidade fina, que engloba actividades como *“apertar os cordões dos sapatos, os botões do casaco, cortar com uma tesoura, desenhar e pintar”* (PAPALIA, 2001:287), a maior parte das crianças já consegue cortar, pintar e desenhar relativamente bem, à exceção de uma criança que necessita de ajuda para cortar.

Anexo III – Caracterização inicial da turma do 4º ano

A turma do 1º Ciclo do Ensino Básico, do 4ºano de escolaridade, é constituída por 23 crianças, sendo 9 do sexo feminino e 14 do sexo masculino.

Relativamente às características desta faixa etária, os alunos, ao nível cognitivo, encontravam-se no estágio operatório concreto, segundo Piaget. Estas crianças são menos egocêntricas e são capazes de pensar em vários aspetos ao mesmo tempo. As crianças nesta faixa etária conseguem compreender os pontos de vista dos outros, sendo mais flexíveis nos julgamentos morais. Conseguem compreender a diferença entre a fantasia da realidade, fazem classificações, relações lógicas, conceitos espaciais e conservação e são mais competentes com os números.

Ao nível da leitura as crianças estavam na fase da literatura fantástico-realista, pois gostavam de contos maravilhosos, fantásticos e de aventura, a vida dos animais como também o conhecimento de outros países e povos, ainda assuntos relacionados com jogos e deportes e o conhecimento do mundo. Nesta faixa etária, a criança é considerada *“um grande leitor”* (GESELL, 1977:408). Ao longo destas semanas de estágio é possível verificar o interesse de alguns alunos em requisitar livros da biblioteca para levarem para casa e lerem, como por exemplo, a S, o I, o D, o N e Ma.

Ao nível da escrita, a estagiária observou que existia uma falta de preocupação e de empenho por parte dos alunos, em tornar a sua escrita legível e sem erros ortográficos. O constatado é que o grupo apresentava erros sistemáticos tanto na escrita pessoal como a copiar. Por isso, as estagiárias tinham o cuidado e verificavam sempre que possível as composições criadas pelos alunos, de forma a corrigir alguns erros, uma vez que, quase todos os alunos escreviam da forma que pronunciavam as palavras.

Ao nível do processamento de informação, as crianças de 9 anos são capazes de observar uma imagem rapidamente de forma a recordar os objetos da mesma forma que foram observados.

Relativamente ao domínio da matemática, o que mais se destaca é o cálculo mental (PAPALIA e FELDMAN; 2001:245). Por sua vez, um elevado número de alunos exibia dificuldades em realizar cálculos em que fosse necessário utilizar as propriedades associativa e distributiva, como o caso da Is, do Br, da Mari e da AC. Outros alunos mostravam dificuldades em realizar contas de dividir com um ou mais algarismos, como por exemplo o D, a AC, o I, o Br,

Relativamente ao desenvolvimento motor, as crianças nesta fase tornam-se mais fortes, mais rápidas e melhor coordenadas.

É de salientar que os rapazes procuram brincadeiras mais “violentas” como o “brincar à luta”, enquanto que as raparigas preferem jogar às caçadinhas. No entanto, existem outras brincadeiras escolhidas pelo grupo, como, jogar à bola, saltar à corda.

Anexo IV – Caracterização final da turma do 4º ano

A turma do 1º Ciclo do Ensino Básico, do 4º ano de escolaridade, é constituída por 23 crianças, sendo 9 do sexo feminino e 14 do sexo masculino.

Relativamente às características desta faixa etária, os alunos, ao nível cognitivo, encontravam-se no estágio operatório concreto, segundo Piaget (PAPALIA, 2001). Estas crianças são menos egocêntricas e são capazes de pensar em vários aspetos ao mesmo tempo. As crianças nesta faixa etária conseguem compreender os pontos de vista dos outros, sendo mais flexíveis nos julgamentos morais. Conseguem compreender a diferença entre a fantasia da realidade, fazem classificações, relações lógicas, conceitos espaciais e conservação e são mais competentes com os números.

Ao nível da leitura os alunos estavam na fase da literatura fantástico-realista (PAPALIA, 2001), pois gostavam de contos maravilhosos, fantásticos e de aventura, a vida dos animais como também o conhecimento de outros países e povos, ainda assuntos relacionados com jogos e desportos e o conhecimento do mundo. Ao longo destas semanas de estágio é possível verificar o interesse de alguns alunos em requisitar livros da biblioteca para levarem para casa e lerem, como por exemplo, a S, o I, o D, o N e Ma.

Ao nível da escrita, a estagiária observou que existia uma falta de preocupação e de empenho por parte dos alunos, em tornar a sua escrita legível e sem erros ortográficos, como é possível comprovar no anexo XXXVIX. O constatado é que o grupo apresentava erros sistemáticos tanto na escrita pessoal como a copiar. Por isso, as estagiárias tinham o cuidado e verificavam sempre que possível as composições criadas pelos alunos, de forma a corrigir alguns erros, uma vez que, quase todos os alunos escreviam da forma que pronunciavam as palavras. Assim, ao serem confrontadas com as dificuldades de escrita dos alunos, as estagiárias propuseram algumas atividades para ajudar os alunos a superar as suas lacunas, a título de exemplo, é apresentado no anexo XXXV algumas das estratégias adotadas.

Relativamente ao domínio da matemática, o que mais se destaca é o cálculo mental (Papalia e Feldman, 2001:245). Por sua vez, um elevado número de alunos exibia dificuldades em realizar cálculos em que fosse necessário utilizar as propriedades associativa e distributiva, como o caso da Is, do Br, da Mari e da AC. Outros alunos mostravam dificuldades em realizar contas de dividir com um ou mais algarismos, como por exemplo o D, a AC, o I, o Br, Para além disto, a turma também apresentou dificuldade em realizar operações que envolvessem a multiplicação, uma

vez que, não sabiam as tabuadas, tal como se comprova no registo de incidente crítico nº4, inserido no anexo L. Contudo, é de salientar que se notou uma evolução no grupo ao longo do ano, na medida em que, as estagiárias utilizaram estratégias lúdicas que motivassem e ensinassem os alunos, serve de exemplo, o loto da multiplicação (anexo XXV) ou o jogo do stop (anexo XXXII) para a operação da multiplicação e a divisão em linha (anexo XXXII) para a operação da divisão.

Relativamente ao desenvolvimento motor, as crianças nesta fase tornam-se mais fortes, mais rápidas e melhor coordenadas, no entanto, as aulas de Expressão e Educação Físico-Motora eram lecionadas por um professor específico.

Para finalizar, importa referir que no início do ano o grupo era barulhento e tinha muitas dificuldades em se respeitarem e cumprirem as poucas regras existentes na sala. Assim, de forma a colmatar essa barreira, que dificultava e prejudicava as aulas, as estagiárias adotaram uma estratégia, que os motivou e que marcou de forma positiva o estágio, “as estrelas da boa educação” (ver anexo XXXIV). Semanalmente a turma selecionava uma regra e criava um cartaz que à posterior era afixado na sala (ver anexo XXXIV), todos teriam de cumprir a regra e se o fizessem ganhavam uma estrela.

Anexo V – Gráficos referentes ao grupo da Educação Pré-Escolar

Na sala dos cinco anos, a maioria das crianças vive com os dois pais, sendo predominante o tipo de família nuclear, como é possível observar no gráfico.

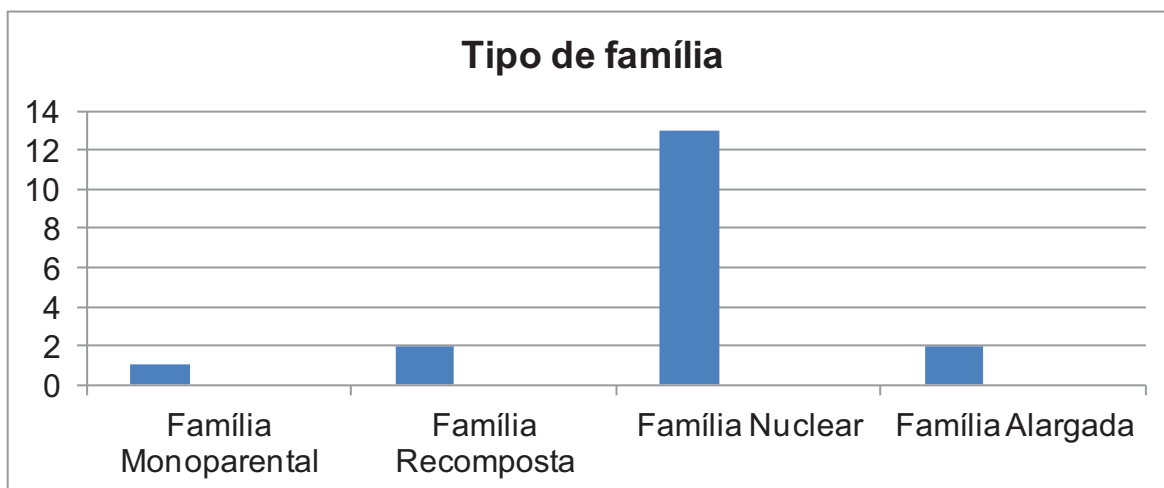
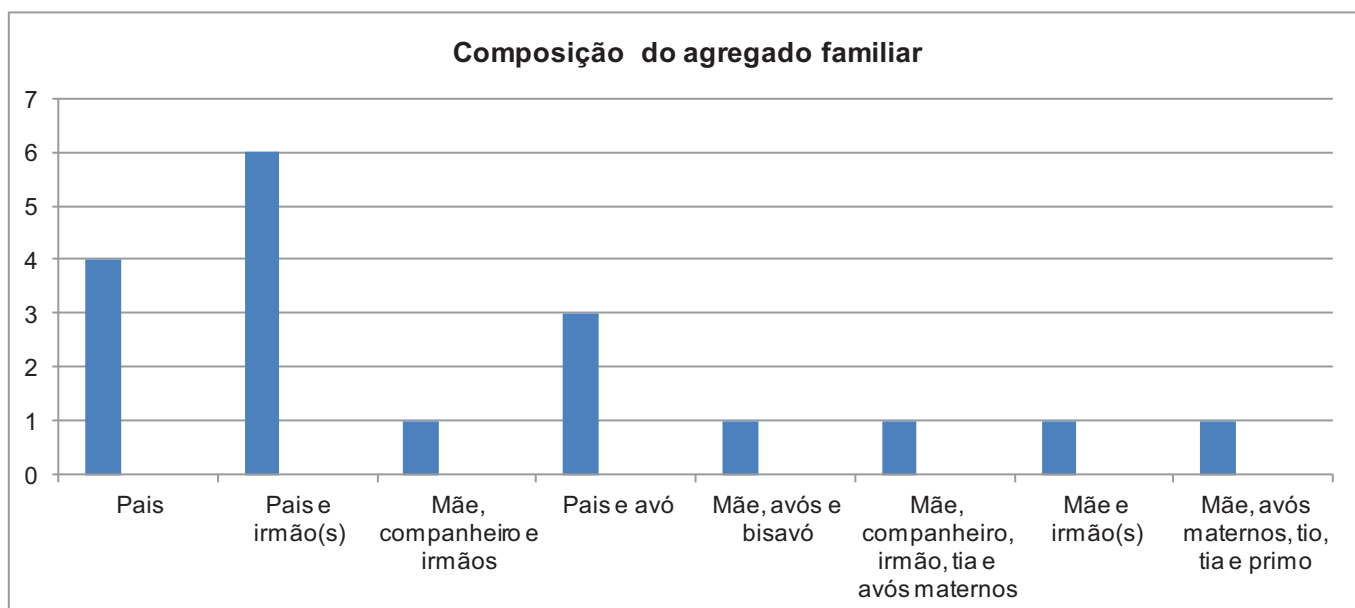


Gráfico nº1 – Tipo de família

Como consta no seguinte gráfico, a maior parte das crianças habita com os pais e com os irmãos ou somente com os pais. No entanto, as restantes



crianças do grupo vivem com outros parentes para além dos pais.

Gráfico nº2 – Composição do agregado familiar

A nível de escolaridade, nota-se um predomínio de famílias cujos pais possuem habilitações que oscilam entre o 2º Ciclo e o 3º Ciclo. Verificamos que apenas um pequeno número de pais com o ensino secundário e temos pais com cursos superiores. Como pode ser comprovado no gráfico.

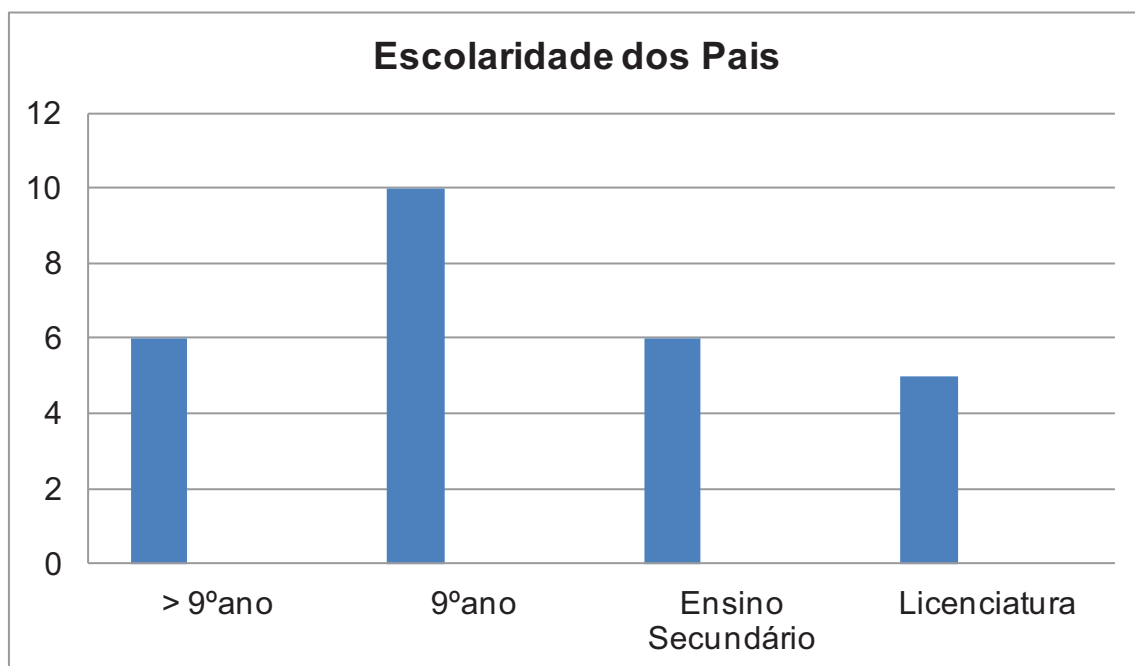


Gráfico nº3 – Escolaridade dos Pais

Ao analisar o gráfico relativo às profissões dos pais pode-se deduzir que alguns pais exercem actividades bem remuneradas, outros exercem actividades de média e baixa remuneração e há pais que estão desempregados. Por tudo isto, constata-se que há uma heterogeneidade no grupo ao nível dos estatutos sócio-económicos dos agregados familiares a que as crianças pertencem.

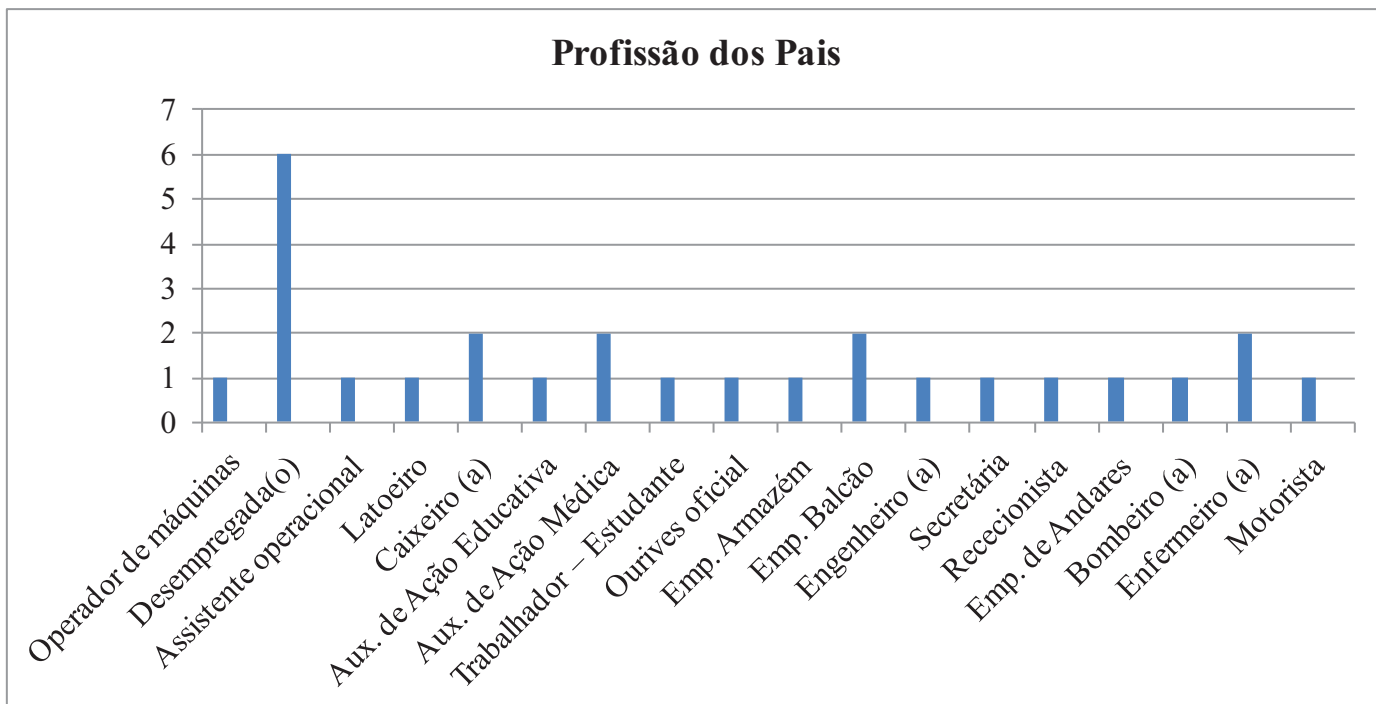


Gráfico nº4 – Profissão dos Pais

Relativamente à área de residência, a maior parte das crianças mora no concelho do Porto, à exceção de duas crianças que residem em Vila Nova de Gaia.

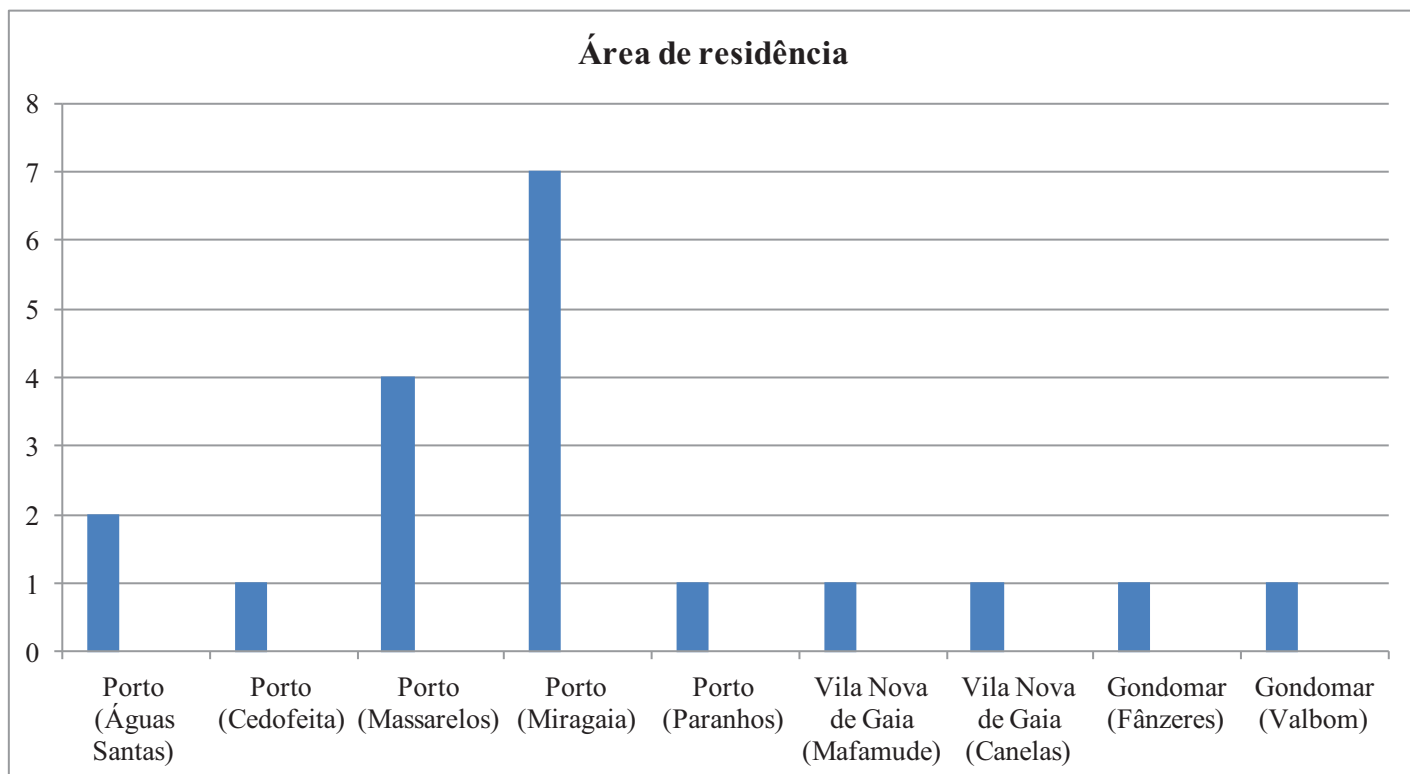


Gráfico nº5 – Área de Residência

A maior parte das crianças tem um irmão, contudo existem algumas crianças do grupo que não têm irmãos e outra que tem três irmãos.

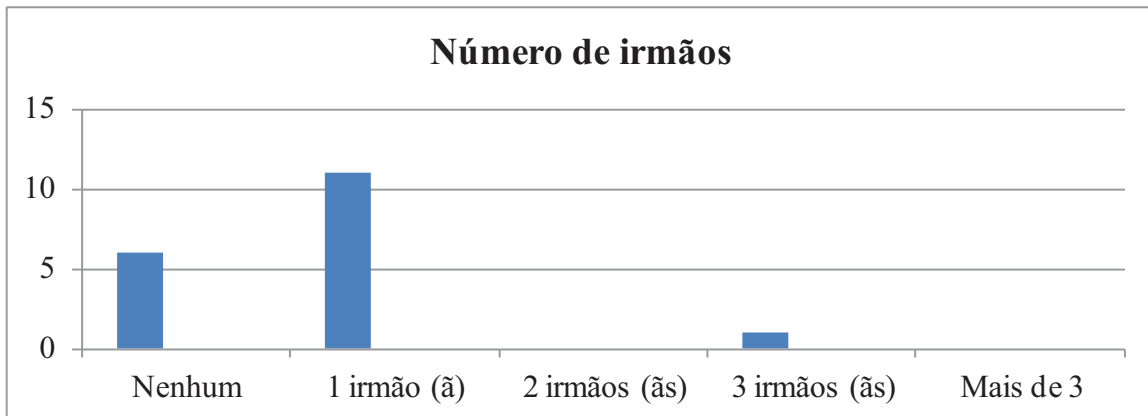


Gráfico nº6 – Número de irmãos

Anexo VI – Gráficos referentes ao grupo do 1ºCEB

- **Caracterização Sócio – Familiar**

A turma é constituída por 24 alunos, sendo estes maioritariamente do sexo masculino, como é possível observar no gráfico número 1.

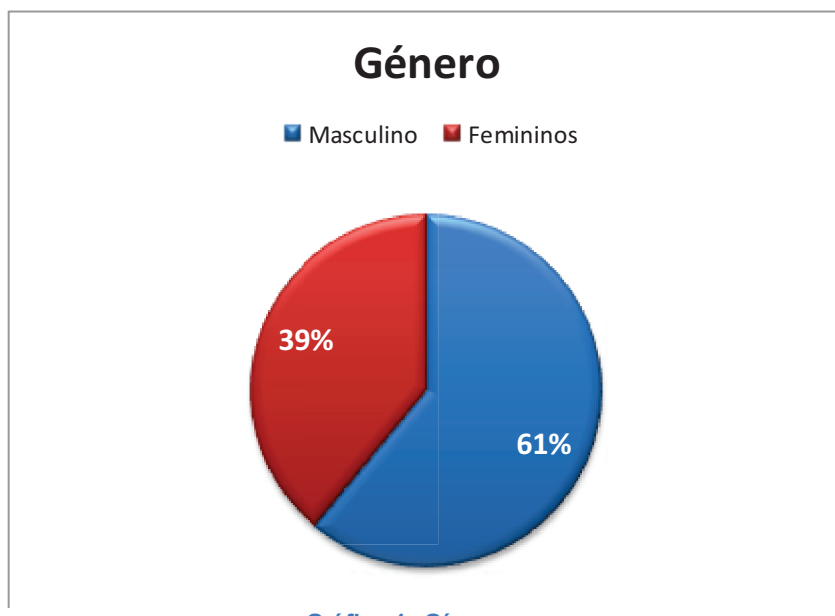


Gráfico 1- Género

Relativamente às idades dos alunos, mais de metade da turma tem 9 anos de idade, à exceção de 4 crianças que correspondem aos 17% que já completaram 10 de idade este ano.

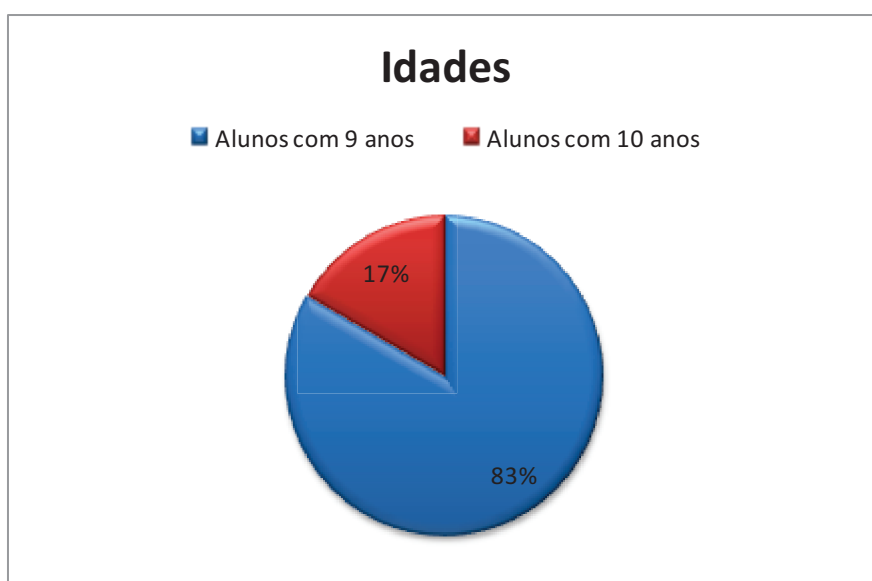


Gráfico 2 - Idades

A constituição do agregado familiar pode influenciar o ambiente familiar de cada criança e o tipo de educação recebida. O tipo de educação que uma família monoparental (constituída pelos filhos e por apenas um dos progenitores), pode oferecer, é diferente de uma família nuclear (constituída pelos progenitores e pelos filhos) ou de uma família extensa (constituída pelos progenitores, pelos filhos, pelos pais de um dos elementos do casal e/ou quando um filho constitui família e fica a habitar na casa da sua família.)

Os pais são outro elemento da situação que incide de maneira notável na aprendizagem e, em geral, em toda a dinâmica do processo escolar.

No gráfico 3, pode-se constatar que a maior parte dos alunos vive com os pais, sendo predominante o tipo de família nuclear, como é possível observar no gráfico. No entanto, 35% das crianças pertence a uma família monoparental.

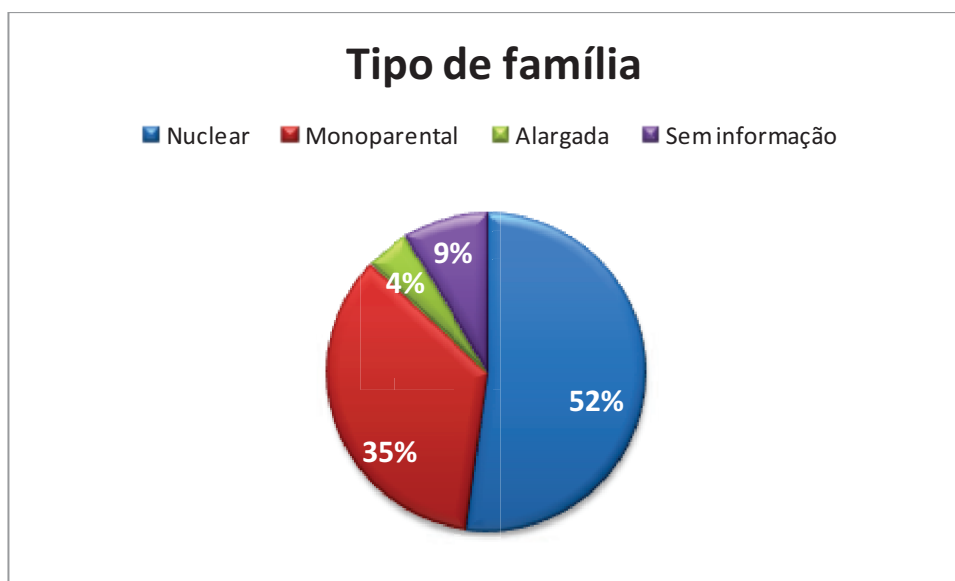


Ilustração 3 – Tipo de família

No gráfico 4, verifica-se que mais de metade dos pais são casados, no entanto 27% dos pais encontram-se divorciados e, uma minoria é solteiro.

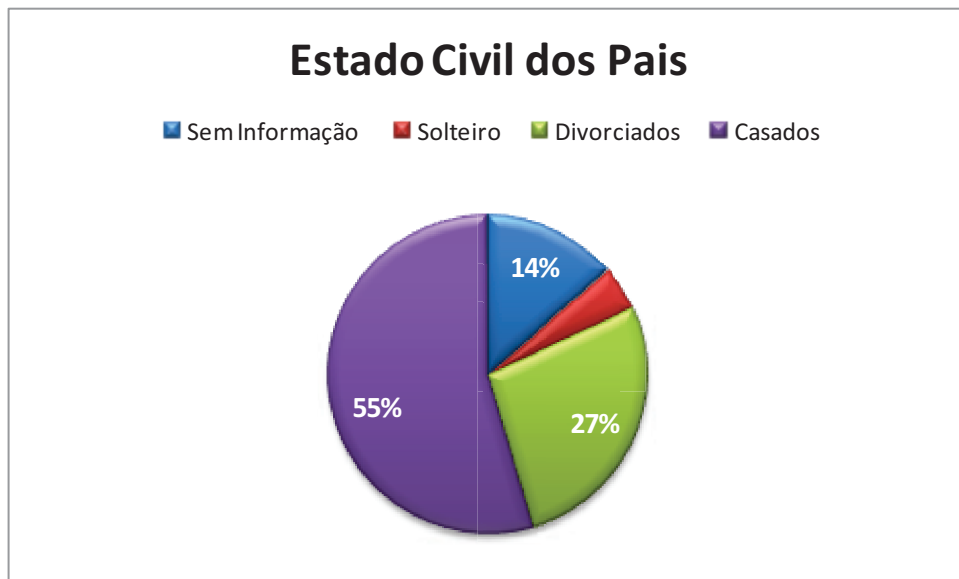


Ilustração 4 – Estado Civil dos Pais

Ao analisar o gráfico relativo às profissões dos pais pode-se deduzir que a maior parte dos pais não deu a informação ao Professor Cooperante. Uma grande parte dos pais encontra-se desempregado e, os restantes, exercem atividades remuneradas. Por tudo isto, constata-se que há uma heterogeneidade no grupo ao nível dos estatutos sócio-económicos dos agregados familiares a que as crianças pertencem.

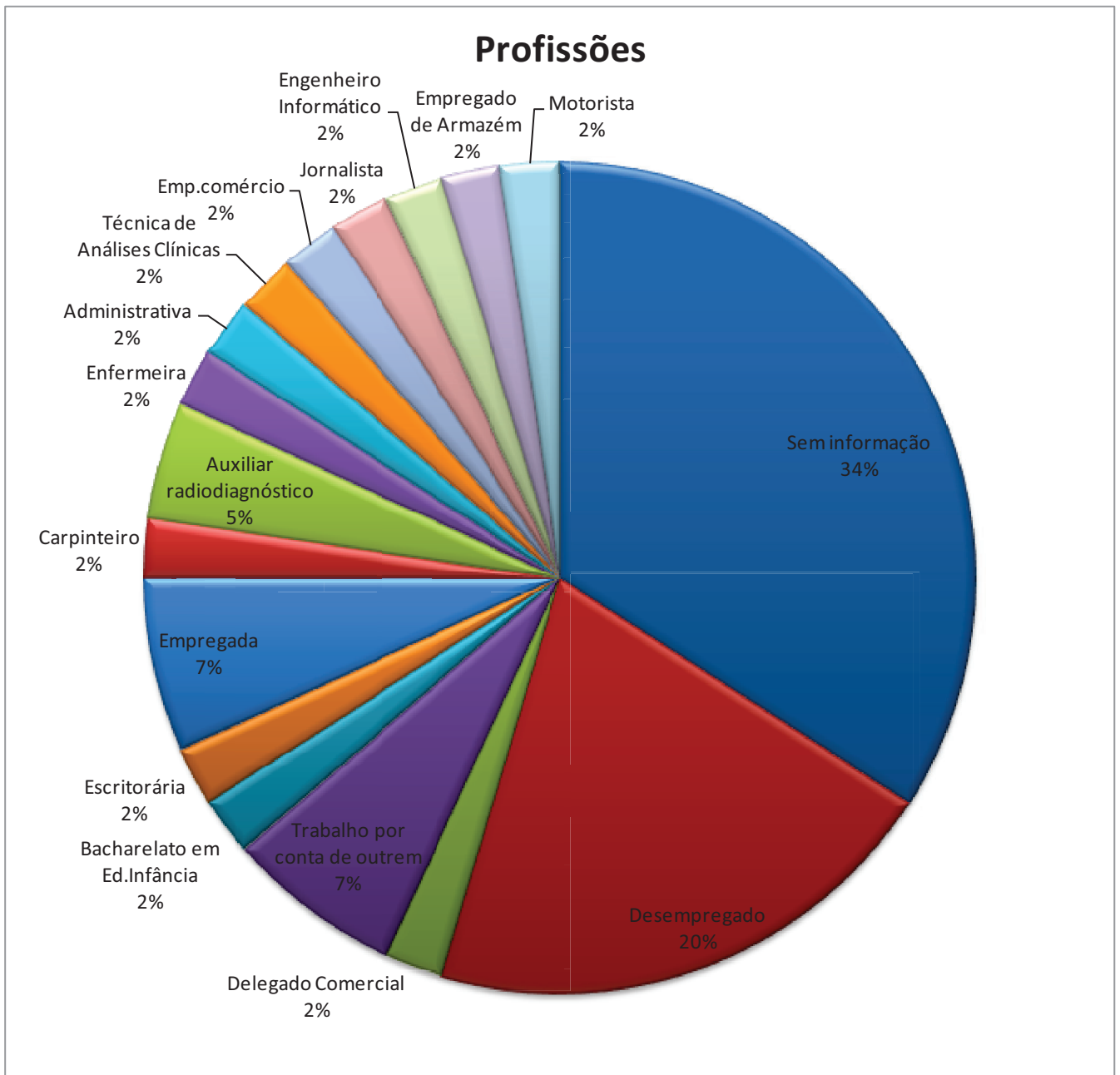


Ilustração 5 – Profissão dos Pais

A nível de escolaridade, nota-se um predomínio de famílias cujos pais possuem habilitações que oscilam entre o 2º Ciclo e o 3º Ciclo. Verificamos que apenas um pequeno número de pais com o ensino secundário e temos pais com cursos superiores, como pode ser comprovado no gráfico.

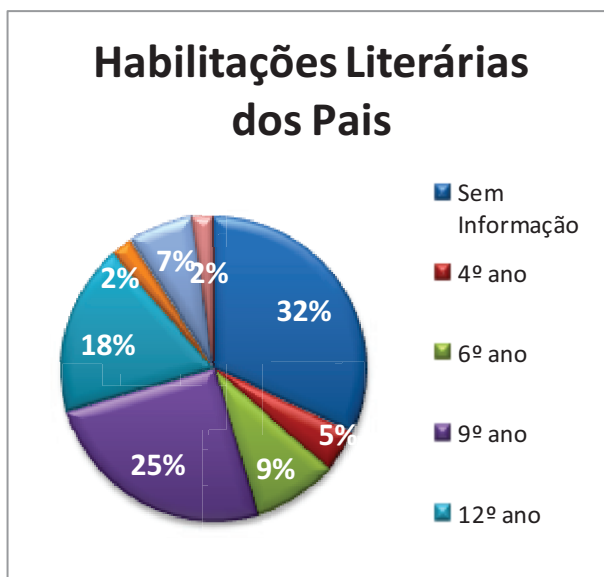


Ilustração 6 - Habilitações Literárias dos Pais

Ao serem disponibilizadas as atividades que as crianças exercem fora da escola, pode-se afirmar que mais de metade da turma (52%) exerce outras atividades para além das que são disponibilizadas na escola, tais como, futebol, dança, música e karaté.



Ilustração 7 - Atividades fora da escola

Tendo em conta o número de Pais desempregados, é notório o número de crianças com apoio social. Assim, no gráfico é evidenciado que quase metade dos alunos beneficia do apoio do Estado.

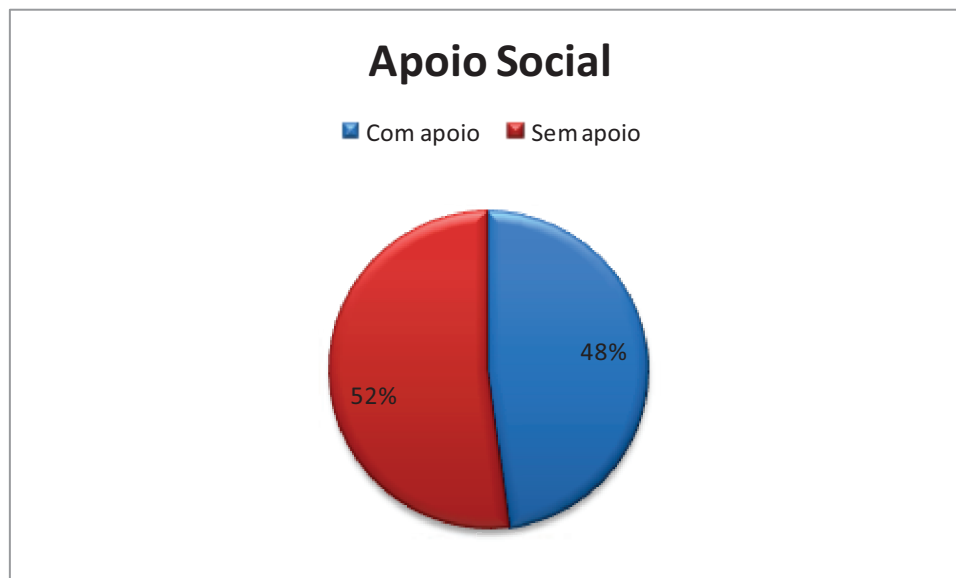


Ilustração 8 - Apoio Social

Anexo VII – Entrevista à Educadora Cooperante

A presente entrevista foi formulada para dar resposta a um ponto do relatório de estágio, da unidade curricular de Estágio em Educação Pré-Escolar, do Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico.

Esta entrevista foi elaborada de forma a ter conhecimento da sua opinião relativamente à influência que a arte poderá ter para o desenvolvimento das crianças, da sala dos 5 anos.

Agradeço, desde já, a sua colaboração e disponibilidade em responder às questões colocadas e garanto a confidencialidade da mesma.

A estagiária
Ângela Ferreira

1. Como define o grupo, no início do ano, relativamente à forma como se expressava?

Educadora: O grupo no início do ano letivo era um grupo com dificuldades em se expressarem e em darem a sua opinião. O grupo ficava sempre à espera das propostas do adulto e aderiam a tudo o que fosse proposto pela equipa pedagógica. Quando lhes perguntávamos o que queriam fazer, nunca sabiam dar uma direção, não sabiam dizer o que queriam fazer. Aderiam a tudo!

2. Considera importante o contacto estabelecido com a Arte para o seu grupo? Justifique.

Educadora: Foi muito importante o contacto com a arte para o grupo.

Na biblioteca, a responsável falou de dois artistas plásticos com quem as crianças se identificaram: o Pollock e o Van Gogh. Com o Van Gogh porque mostrava algumas paisagens e o facto de fazer remóinhos muito simples levou a que eles dissessem que eles também sabiam fazer. Quando houve o

desmantelar da obra, eles aí acharam fácilimo e o facto de puderem experimentar ajudou imenso.

Com Pollock por causa dos salpicos. Eles conseguiram perceber que com os salpicos conseguem criar e expressar-se.

Depois disto, disseram que queriam fazer uma selva. Mas afirmaram que não eram capazes, que não conseguiam fazer porque não eram nenhuns artistas. Foi aí que lhes contei a história “O ponto”, que fala de uma menina que dizia que não era capaz, que só fazia pontos e a professora valorizou esse ponto, ao valorizar esse ponto que era a forma de expressão dela, eles perceberam perfeitamente que basta um ponto para ser arte e para se expressarem. A partir daí eles começaram a pronunciar uma frase muito bonita que é “eu sou capaz de tudo! Se eu não conseguir, eu tento outra vez!”. Esta história foi muito importante para eles porque a partir daqui as mudanças da sala partiram sempre deles, a forma como queriam fazer, o porquê, o que queriam experimentar, que tipo de material, isto ajudou-os muito na sua auto-estima.

3. Depois do contacto com a Arte foi notório o desenvolvimento das crianças? Em que medida?

Educadora: Foi notório um desenvolvimento em todas as áreas.

Na expressão plástica porque eles faziam trabalhos manuais, eles não se expressavam plasticamente, era uma dificuldade que eu estava a ter. Aquilo que lhes era dado, que lhes era proposto, eles tentavam reproduzir, agora expressar-se criativamente, eles não o faziam.

Outra obra que eles tiveram a oportunidade de conhecer e que os ajudou foi a Floresta tropical de Rousseau. Propus que tendo em conta os guaches e as aguarelas, os pincéis, a esponja ou as mãos, como eles quisessem, reproduzissem a obra. Foi a primeira vez que eles não me disseram que não sabiam fazer. só me disseram que tinha muitas cores, e a partir dali cada um fez como queria. E foi muito engraçado porque uns viam as expressões do tigre. E o facto de termos exposto isto no placadr da entrada para os pais verem levou a que as crianças dissessem “Eu fui capaz de fazer aquilo... eu sou capaz!”

4. Na sua sala, que contactos com a Arte a criança teve a oportunidade de vivenciar?

Educadora: Conheceram vários autores nas várias vertentes, não só a nível da pintura, mas também da escultura.

Tiveram a oportunidade ir ao atelier da pintora Ofélia, que foi muito importante para a aprendizagem do grupo. Ela deu-lhes o seu próprio testemunho e disse-lhes que começou a pintar com a idade deles. Aí eles tiveram o contacto com a vida e obra da pintora, mas ela lhes explicou a mistura de cores, os vários materiais que ela utiliza...

Já que conheciam o Pollock, o Van Gogh, o Rousseau e o Miró, porquê que não conhecemos um pintor português? Já conhecima a Ofélia mas eles queriam conhecer mais. Então conheceram Júlio de Resende, nunca sabendo que a Ribeira Velha era da sua autoria. Conheceram a vida e obra dele, adoraram os azulejos... Aqui já foram eles que propuseram e reproduziram, depois, num mural em tecido que colocamos no canto da bicharada. Experimentaram muitas técnicas de expressão plástica desde a digitinta, o recorte, a colagem,... Evoluíram ao nível do desenho, os seus desenhos começaram a ser muito criativos, houve reprodução de imagens, mas eles próprios começaram a desenhar o que imaginavam, isso aconteceu depois de observarem a obra de Rousseau. E isso foi muito bom, porque apesar do que podia apresentar e ter as minhas intenções pedagógicas, eles iam um bocadinho mais além e isso foi muito bom no desenvolvimento em todas as áreas.

5. Na sua opinião, qual o papel que o Educador deve adotar, quando proporciona o contacto com a Arte?

Educadora: É muito importante o papel do Educador. Eu tenho a mais-valia de já ter uma formação direcionada para a Expressão Plástica e na Arte para crianças. No entanto, cada grupo é um grupo e eu defrontei-me com mais uma dificuldade que me ajudou também a evoluir. Foi a primeira vez que tive um grupo assim, um grupo tão inseguro e com uma falta de auto-estima como

eles tinham. Então para mim foi complicado e a arte não só os ajudou a eles, como me ajudou a mim porque foi com a arte que eu percebi que esta seria um ótimo caminho para o reforço da sua auto-estima e da criatividade deles. Tive de me atualizar o mais possível, de trazer muitas propostas, organizar-me para articular a teoria com a prática, de forma a conseguir abranger todas as áreas de conteúdo. Devemos mostrar ao máximo o nosso entusiasmo, ser humilde, dizer eu não sei mas vamos descobrir juntos porque temos de nos envolver com eles para que eles sintam o nosso empenhamento, compromisso... porque eles ao verem isso, também se vão empenhar e florir cada vez mais.”

6. Na sua opinião, e a nível geral, a arte é importante para as crianças? Justifique.

Educadora: Sem dúvida! É uma área que deve ser trabalhada acima de tudo porque com esta área abrangemos todas as outras. Por exemplo, nós fizemos atividades a todos os níveis: matemática, experiências, leitura de imagens, enriquecimento a nível do vocabulário, o facto de verem certas obras também lhes possibilita um conhecimento do mundo mais alargado e a formação pessoal e social porque sempre que fizemos algo que envolvesse a arte, eles envolviam-se mais uns com os outros e manifestavam mais a sua opinião, falavam mais e ajudou-os a respeitar os outros. Sem dúvida que a arte nos leva a outros caminhos e a articular de forma saudável todas as áreas de conteúdo.

Anexo VIII – Entrevista às crianças

1. Lembras-te de quando a Lúcia contou a história d’“o ponto”? O que que falava essa história?

C1: Nós ouvimos a história d’ “o Ponto” que falava de uma menina que não sabia desenhar. Essa menina só fazia pontinhos nos seus desenhos e a professora gostou muito e valorizou.

C2: depois de ouvir a história da menina que não sabia desenhar o cão e fez só um ponto percebi que com um simples ponto conseguimos fazer tudo, conseguimos expressar-nos

C3: Depois de ouvir a história percebi que não devo desistir de nada... eu agora nunca desisto e nunca devemos desistir. Todos somos capazes!

2. Que pintores é que conhecestes? O que aprendeste com eles?

C4: Nós na biblioteca conhecemos o Van Gogh, o Pollock e na sala falamos sobre um pintor português: o Júlio de Resende.

C5: Nós fomos a um atelier de pintura. Esse atelier era da pintora Ofélia.

C2: Os pintores que nós conhecemos faziam os seus desenhos e as suas pinturas para se expressarem.

C4: Nós também fazemos para expressarmos o que sentimos, para falarmos...

3. Que locais onde existiam arte visitaste?

C1: Nós fomos a um atelier de pintura.

C2: Visitamos o Museu Soares dos Reis

C3: Fomos à Biblioteca Almeida Garrett.

C4: Depois de ver como os pintores fazem, eu aprendi a desenhar. Se eles conseguem pintar, eu também consigo.

Anexo IX – Análise de conteúdo da entrevista à Educadora

Caracterização do grupo no início do ano
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Dificuldades em se expressarem;</i> • <i>Dificuldade em darem a sua opinião;</i> • <i>Não sabiam dar uma direção;</i> • <i>Não sabiam dizer o que queriam fazer;</i> • <i>Aderiam a tudo;</i> • <i>Esperavam sempre a proposta do adulto;</i>

Quadro nº1 – Caracterização do grupo

Contactos com a Arte	
Na sala	No exterior
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Floresta tropical de Rousseau;</i> • <i>Conheceram Júlio de Resende;</i> • <i>Propuseram e reproduziram um mural em tecido que colocamos no canto da bicharada;</i> • <i>Experimentaram muitas técnicas de expressão plástica desde a digitinta, o recorte, a colagem,...</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Tiveram a oportunidade ir ao atelier da pintora Ofélia;</i> • <i>Tiveram o contacto com a vida e obra da pintora;</i> • <i>Na biblioteca Almeida Garrett conheceram o Van Gogh e o Pollock;</i> • <i>Experimentaram a técnica dos dois pintores;</i>

Quadro nº2 – Contactos estabelecidos com a Arte

Importância da arte	
Para o grupo	Para as crianças
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Dois artistas plásticos com quem as crianças se identificaram;</i> • <i>O facto do Van Gogh fazer remóinhos muito simples levou a que eles dissessem que eles também sabiam fazer.</i> • <i>Com Pollock eles conseguiram perceber que com os salpicos conseguem expressar-se;</i> • <i>“Eu sou capaz de tudo! Se eu não conseguir, eu tento outra vez!”</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>A Arte ajudou-os em muito;</i> • <i>É uma área que abrange todas as outras;</i> • <i>Fizemos atividades a todos os níveis: matemática, experiências, leitura de imagens, enriquecimento a nível do vocabulário, o facto de verem certas obras também lhes possibilita um conhecimento do mundo mais alargado e a formação pessoal e social porque sempre que fizemos algo que envolvesse a arte, eles envolviam-se mais uns com os outros e manifestavam mais a sua opinião, falavam mais e ajudou-os a respeitar os outros;</i> • <i>A arte nos leva a outros caminhos</i> • <i>Articulamos de forma saudável todas as áreas de conteúdo.”</i>

Quadro nº3 – Importância da Arte

Desenvolvimento das crianças depois de contactarem com a Arte	
Desenvolvimento a nível do desenho	Desenvolvimento a nível Pessoal e Social
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Os seus desenhos começaram a ser muito criativos;</i> • <i>Houve reprodução de imagens;</i> • <i>Eles próprios começaram a desenhar o que imaginavam;</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Foi a primeira vez que eles não me disseram que não sabiam fazer;</i> • <i>Porque apesar do que podia apresentar e ter as minhas intenções pedagógicas, eles iam um bocadinho mais além e isso foi muito bom no desenvolvimento em todas as áreas.</i>

Quadro nº4 - Desenvolvimento das crianças depois de contactarem com a Arte

Papel do Educador
<ul style="list-style-type: none"> • <i>É muito importante o papel do Educador;</i> • <i>Cada grupo é um grupo e eu defrontei-me com mais uma dificuldade que me ajudou também a evoluir.</i> • <i>Grupo inseguro;</i> • <i>Falta de auto-estima;</i> • <i>Foi com a arte que eu percebi que esta seria um ótimo caminho para o reforço da sua auto-estima e da criatividade deles;</i> • <i>Tive de me atualizar;</i> • <i>de trazer muitas propostas;</i> • <i>Organizar-me para articular a teoria com a prática, de forma a conseguir abranger todas as áreas de conteúdo;</i> • <i>Mostrar ao máximo o nosso entusiasmo;</i> • <i>Ser humilde;</i> • <i>Dizer eu não sei mas vamos descobrir juntos porque temos de nos envolver com eles de forma a que eles sintam o nosso empenhamento, compromisso...</i> • <i>Eles vão-se empenhar e florir cada vez mais</i>

Quadro nº5 – Papel do Educador

Anexo X – Análise de conteúdo da entrevista às crianças

Desenvolvimento das crianças	
Auto-estima	Desenhos
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Depois de ouvir a história da menina que não sabia desenhar o cão e fez só um ponto percebi que com um simples ponto conseguimos fazer tudo, conseguimos expressar-nos;</i> • <i>Percebi que não devo desistir de nada... eu agora nunca desisto e nunca devemos desistir. Todos somos capazes!;</i> • <i>Os pintores famosos faziam os seus desenhos e as suas pinturas para se expressarem;</i> • <i>Nós também fazemos para expressarmos o que sentimos, para falarmos...</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Nós usamos a nossa imaginação para desenhar;</i> • <i>Depois de ver como os pintores fazem, eu aprendi a desenhar. Se eles conseguem pintar, eu também consigo!</i>

Quadro 1 – Desenvolvimento das crianças

Contactos com a Arte	
Na sala	No exterior
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Ouvimos a história “o ponto”;</i> • <i>Conhecemos Júlio de Resende;</i> • <i>Experimentamos algumas técnicas de expressão plástica</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Nós fomos a um atelier de pintura;</i> • <i>Fomos à biblioteca Almeida Garrett;</i> • <i>Visitamos o Museu Soares dos Reis;</i>

Quadro 2 – Contactos com a Arte

Anexo XI – Entrevista ao Professor Cooperante

A presente entrevista foi formulada de forma a completar o estudo de caso realizado no âmbito do Mestrado de Educação Pré-Escolar e do Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. A mesma tem como objetivo tomar conhecimento da sua opinião relativamente à influência que a Arte/Expressão Plástica poderá ter para o desenvolvimento dos alunos.

Agradeço, desde já, a sua colaboração e disponibilidade em responder às questões colocadas e garanto a confidencialidade da mesma.

A estagiária
Ângela Ferreira

1. Acha que a Arte deveria ser mais abordada no 1ºCEB? Porquê?

De uma maneira geral a arte é pouco abordada no 1º ciclo, em primeiro lugar porque os manuais escolares esquecem essa vertente, em segundo lugar porque a abordagem da arte não pode ser feita apenas de forma teórica e dificilmente se encontram centros culturais como museus perto de escolas, em terceiro lugar porque os professores, na sua formação de base foram pouco sensibilizados para esta forma de aprendizagem e por ultimo é de certa forma compreensível que os professores que os professores ignorem esta atividade porque a carga burocrática pedida aos professores para fazer este género de aprendizagens é demasiado grande, o que os leva a simplificar o seu trabalho.

Contudo existem muitas exceções e é sobre estas que devemos colocar o nosso olhar.

2. Na sua opinião, de que forma a Expressão Plástica poderá influenciar o desenvolvimento dos alunos?

A criança desenvolve as suas primeiras aprendizagens através do jogo lúdico e com as primeiras manifestações de expressão plástica. Começa por fazer pequenos “gatafunhos” e neles identifica aqueles que lhe são mais próximos, os pais ou familiares (com quem convive) ou mesmo animais que coabitem com ela. Chamemos-lhe jogos e expressões livres que são muito abordadas por Rousseau. Ora as expressões são por definição o ato puro de

criar e nada pode influenciar mais o desenvolvimento de uma criança que o ato de criar.

3. Na sua sala, que contactos com a Arte a turma teve a oportunidade de vivenciar?

A minha turma pode ser uma excepção à regra na abordagem da arte, porque consegue aliar alguns dos factores que condicionam a sua abordagem. Em primeiro lugar porque está situada relativamente perto dum museu, que permite que o tenhamos visitado, indo a pé. Também está perto da casa de cultura “barbot”, a qual já visitamos. Em segundo lugar porque o professor e a escola têm muita disponibilidade para muitas formas de cultura e arte, quer pelo seu passado que por tradição da cultura de escola. Assim de forma continuada tiveram acesso a teatro, cinema, musica, pintura e escultura.

4. Considera importante o contacto estabelecido com a Arte para o seu grupo? Justifique.

Sem querer ser repetitivo, considero muito importante o contacto com a arte, nas suas diferentes componentes, porque para além do dito anteriormente, educam para a sensibilidade ética e estética.

5. Do seu ponto de vista, qual o papel que o Professor deve adotar, quando proporciona o contacto com a Arte?

Em primeiro lugar sensibilizar para tudo o que a arte representa, depois adotar junto com os alunos uma atitude contemplativa para todos os pormenores, por fim uma atitude critica da observação antes de uma experimentação da forma de arte estudada.

6. Na sua opinião, e a nível geral, a arte é importante para as crianças? Justifique.

Pelas respostas anteriores julgo ter considerado o quão ´r importante para as crianças e sua educação a arte e a cultura artística. Por fim poderei referir que um povo sem sensibilidade artística/cultural é um povo acrítico e incapaz de se recriar.

Anexo XII – Entrevista aos alunos

1 – Para vocês o que é arte?

A1: a arte para mim é uma palavra enorme que significa exposições, pintura, escultura., concertos e tudo o que é dedicado ao nosso esforço, ao que treinamos. Tudo o que fazemos é uma arte.

A2: a arte é um dom.

A3: a arte é a pintura com pincéis, com a mão,...

2 – Gostam de desenhar, de pintar e de trabalhar com materiais recicláveis? Porquê?

A1: Nós ao pintarmos expressamos aquilo que sentimos. E ao utilizarmos os materiais recicláveis podemos, também, criar, imaginar... Devemos seguir a nossa imaginação.

A2: Os materiais recicláveis foram muito utilizados na nossa sala e em casa com os nossos pais.

3 – Em que locais é que podemos encontrar diferentes formas de arte? Já visitaram algum?

A3: Visitamos igrejas, fomos ao quartel militar da Serra do Pilar e visitamos o Museu Teixeira Lopes;

4 – De todas as atividades de expressão plástica, qual foi a que mais gostaram? Porquê?

A1: Eu gostei de todas. Experimentamos a técnica da borboleta, a técnica do mergulho; a pintura de Juan Miró e construimos a árvore de Natal com materiais recicláveis;

5 – A expressão Plástica pode ser utilizada com outras finalidades? (sem ser pintar, ...?)

A2: Pode! Nós por exemplo utilizamos a expressão plástica para aprender as simetrias. E, assim, percebemos melhor essa matéria.

A3: Também utilizamos a Expressão Plástica para construir os planetas do Sistema Solar.

6 – Para terminar, que importância teve a expressão Plástica para vocês?

A1: Para mim a expressão plástica é como brincar com materiais recicláveis. Como, por exemplo, quando construímos os planetas e a árvore de natal com os copos de plástico.

Reutilizamos os materiais em vez de os deitarmos fora, usamos os que tínhamos e não gastamos dinheiro. Porque ao fazermos isto estamos a seguir a nossa imaginação, e ao seguirmos a nossa imaginação as coisas podem sair bem como podem sair mal. Mas o que importa é o que sentimos aqui dentro e o que vem à nossa memória.

Anexo XIII – Análise de conteúdo da entrevista ao Professor Cooperante

Abordagem da Expressão Plástica no 1ºCEB
<ul style="list-style-type: none">• <i>A arte é pouco abordada no 1º ciclo;</i>• <i>Os manuais escolares esquecem essa vertente;</i>• <i>A abordagem da arte não pode ser feita apenas de forma teórica e dificilmente se encontram centros culturais como museus perto de escolas;</i>• <i>Os professores, na sua formação de base foram pouco sensibilizados para esta forma de aprendizagem;</i>• <i>A carga burocrática pedida aos professores para fazer este género de aprendizagens é demasiado grande, o que os leva a simplificar o seu trabalho;</i>• <i>Contudo existem muitas exceções e é sobre estas que devemos colocar o nosso olhar;</i>

Quadro nº1 – Abordagem da Expressão Plástica

Contributo da Expressão Plástica para as crianças
Desenvolvimento a nível Pessoal e Social
<ul style="list-style-type: none">• <i>A criança desenvolve as suas primeiras aprendizagens através do jogo lúdico e com as primeiras manifestações de expressão plástica;</i>• <i>Começa por fazer pequenos “gatafunhos” e neles identifica aqueles que lhe são mais próximos, os pais ou familiares (com quem convive) ou mesmo animais que coabitem com ela;</i>• <i>Jogos e expressões livres que são muito abordadas por Rousseau.</i>• <i>As expressões são por definição o ato puro de criar e nada pode influenciar mais o desenvolvimento de uma criança que o ato de criar;</i>

Quadro nº2 - Desenvolvimento das crianças depois de contactarem com a Arte

Contactos com a Arte	
Na sala	No exterior
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Várias foram as técnicas utilizadas na sala:</i> <ul style="list-style-type: none"> - <i>técnica do mergulho;</i> - <i>técnica da borboleta;</i> - <i>recorte e colagem;</i> - <i>pintura;</i> - <i>escultura;</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Museu Teixeira Lopes;</i> • <i>Casa de cultura “barbot”;</i> • <i>Teatro;</i> • <i>Cinema;</i> • <i>Música;</i> • <i>Pintura;</i> • <i>Escultura;</i>

Quadro nº3 – Contactos estabelecidos com a Arte

Importância da arte	
Para o grupo	Para as crianças
<ul style="list-style-type: none"> • <i>É muito importante o contacto com a arte, nas suas diferentes componentes;</i> • <i>Educam para a sensibilidade ética e estética.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Um povo sem sensibilidade artística/cultural é um povo acrítico e incapaz de se recriar.</i>

Quadro nº4 – Importância da Arte

Papel do Professor
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Sensibilizar para tudo o que a arte representa;</i> • <i>Adotar junto com os alunos uma atitude contemplativa para todos os pormenores;</i> • <i>Atitude crítica da observação antes de uma experimentação da forma de arte estudada;</i>

Quadro nº5 – Papel do Professor

Anexo XIV – Análise de conteúdo da entrevista aos alunos

Definição de arte para os alunos
<ul style="list-style-type: none">• É uma palavra enorme que significa: exposições, pintura, escultura, concertos e tudo o que é dedicado ao nosso esforço, ao que treinamos.• Tudo o que fazemos é uma arte.• É um dom.

Quadro 1 – Conceito de arte

Contactos com a Arte	
Na sala	No exterior
<ul style="list-style-type: none">• <i>Experimentamos a técnica da borboleta, a técnica do mergulho;</i>• <i>Pintura de Juan Miró;</i>• <i>Construção da árvore de Natal com materiais recicláveis;</i>	<ul style="list-style-type: none">• <i>Visitamos igrejas;</i>• <i>Fomos ao quartel militar da Serra do Pilar;</i>• <i>Visitamos o Museu Teixeira Lopes;</i>

Quadro 2 – Contactos com a Arte

Interdisciplinaridade
<ul style="list-style-type: none">• <i>Utilizamos a expressão plástica para aprender as simetrias. E, assim, percebemos melhor essa matéria.</i>• <i>Utilizamos a Expressão Plástica para construir os planetas do Sistema Solar.</i>

Quadro 3 – interdisciplinaridade: a expressão plástica com outras áreas curriculares

Importância da Expressão Plástica

- *O que importa é o que sentimos aqui dentro e o que vem à nossa memória;*
- *Nós ao pintarmos expressamos aquilo que sentimos. E ao utilizarmos os materiais recicláveis podemos, também, criar, imaginar... Devemos seguir a nossa imaginação;*
- *Utilizamos a Expressão Plástica para construir os planetas do Sistema Solar.*

Quadro 3 – Importância da Expressão Plástica

Anexo XV – Registo Fotográfico nº1 da EPE



Comentário: Os desenhos apresentados foram elaborados pelas crianças antes de contactarem com a Arte.



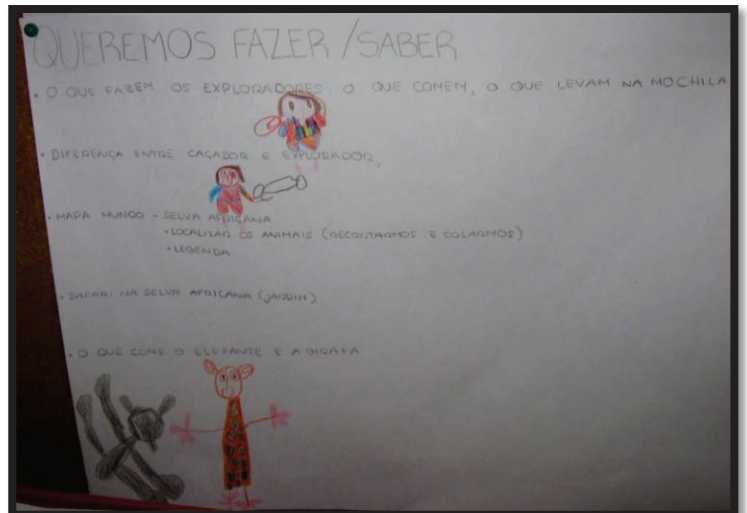
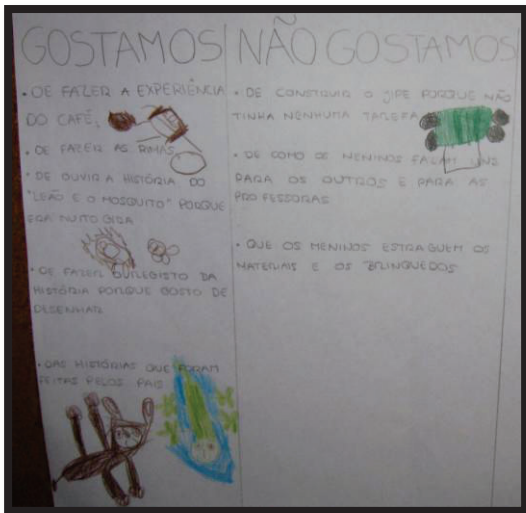
Comentário: é notória a evolução das crianças a nível do desenho, através destes dois exemplos, depois de contactarem com a Arte. As crianças utilizam mais cores e mais pormenores nos seus desenhos.

Anexo XVI – Registo Fotográfico nº2 da EPE



Comentário: Durante o recreio a criança x pediu ao amigo para lhe ensinar a apertar os cordões. Foi notória, ao longo do estágio, a evolução de algumas crianças que já são capazes de apertar os cordões, levando a que outras também o façam ou pelo menos tentem.

Anexo XVII – Registo Fotográfico nº3 da EPE



Comentário: Todas as semanas eram realizadas as assembleias com as crianças. Nas assembleias elas diziam-nos o que gostaram de fazer, o que não gostaram e o que queriam fazer/saber. Posteriormente eram ilustradas para que as crianças conseguissem ler através do desenho.



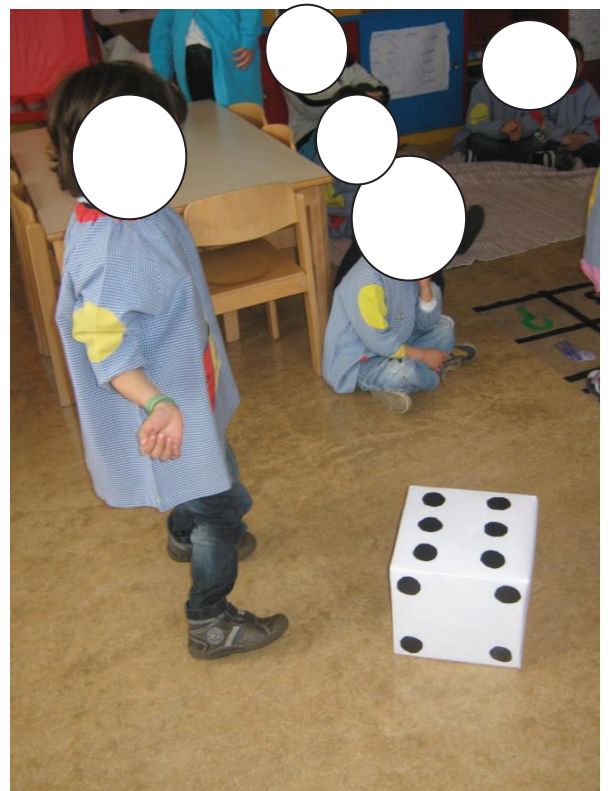
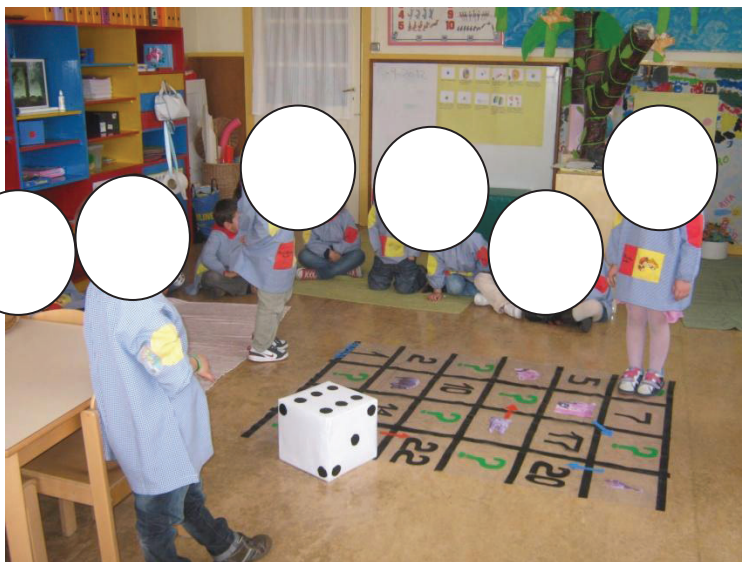
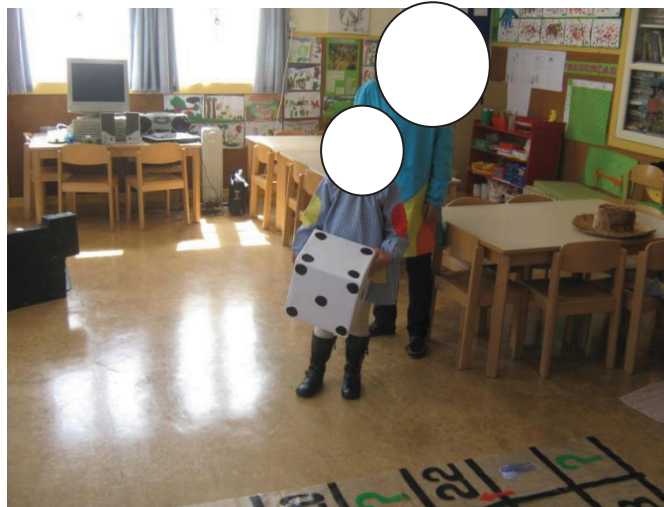
Comentário: Dois instrumentos de regulação da ação educativa utilizados na Educação Pré-Escolar. À esquerda, o quadro de presenças e à direita o quadro do tempo. Ambos eram utilizados diariamente pelas crianças.

Anexo XVIII – Registo Fotográfico nº4 da EPE



Comentário: Através da observação, foi possível detetar que a criança X tinha dificuldades em identificar um numeral e fazer a respetiva ligação à quantidade. Para ajudar a criança a colmatar as suas dificuldades, construiu-se um jogo que lhe permitiu, de uma forma lúdica, ultrapassá-las

Anexo XIX – Registo Fotográfico nº5 da EPE



Comentário: Este jogo foi construído com um plástico transparente e colocados números de 1 a 24. Algumas casas têm animais relacionados com o projeto, outras são casas mistério.

O jogo suscitou um grande interesse nas crianças, principalmente quando lhes foi dada a oportunidade de jogarem. Ao jogarem as crianças têm a oportunidade de interiorizar o jogo. O jogo foi bastante chamativo para as crianças que ficou no canto para que seja jogado por três crianças.

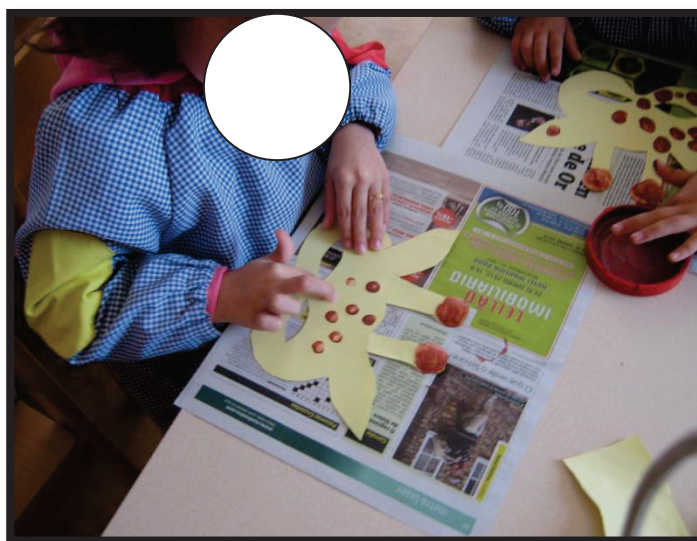
Anexo XX – Registo Fotográfico nº6 da EPE



Comentário: Atividades onde as crianças se pudessem expressar, de forma livre, como na atividade da digitinta (foto superior) ou quando tiveram a oportunidade de experimentar a técnica de pintura africana com paus (foto inferior).



Anexo XXI – Registo Fotográfico nº7 da EPE



Descrição: Para a realização do teatro d'O Cuquedo as crianças utilizaram alguns materiais de desperdício, como: sacos plásticos, cartolinas, tiras de papel autocolante e caixas de cereais.

Anexo XXII – Registo Fotográfico nº8 da EPE



Descrição: Nas imagens, podemos observar as crianças a brincarem/tocarem os instrumentos africanos construídos por elas com materiais de desperdício.

Anexo XXIII – Registo Fotográfico nº9 da EPE



Descrição: Nesta atividade de expressão dramática, as crianças teriam de dramatizar uma quadra do poema, relacionado com o projeto da sala, e os colegas teriam de adivinhar qual era a quadra que estaria a ser dramatizada. Foi notória a alegria e o interesse das crianças nesta atividade.

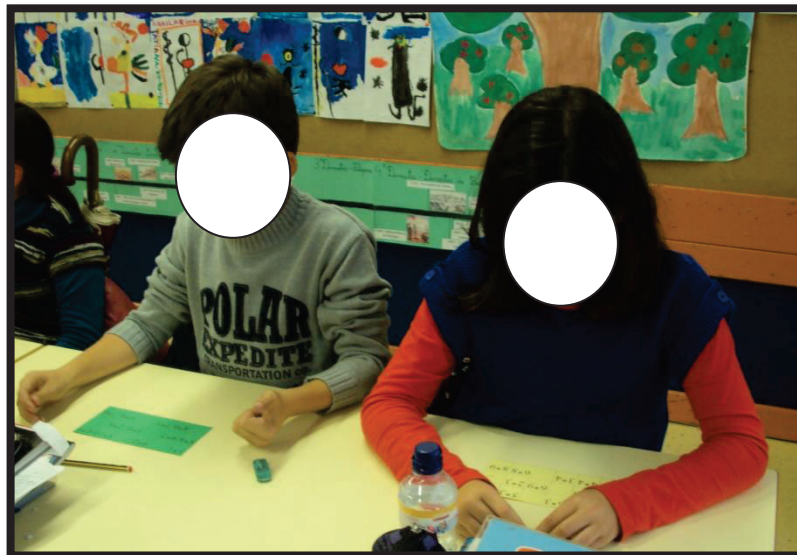
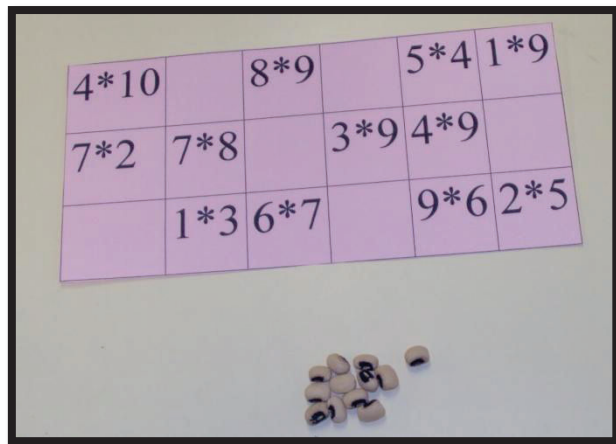
Anexo XXIV– Registo Fotográfico nº1 do 1ºCEB



Comentário:

É importante fazer referência ao interesse e curiosidade que os alunos demonstram em consultar a planificação que se encontra afixada num dos quadros de cortiça da sala. À segunda-feira, quando entram na sala, os alunos antes de se sentarem visualizam a planificação e quando um dos alunos que não a viu pergunta “ó professora o que vamos fazer hoje?”, outro aluno responde, por exemplo, “primeiro vamos trabalhar nos projetos, em estudo do meio vamos falar sobre a importância da água e em matemática vamos fazer a atividade quantos cromos tenho e vamos multiplicar e dividir. Não viste ali na planificação?”, apontando de imediato para o quadro de cortiça.

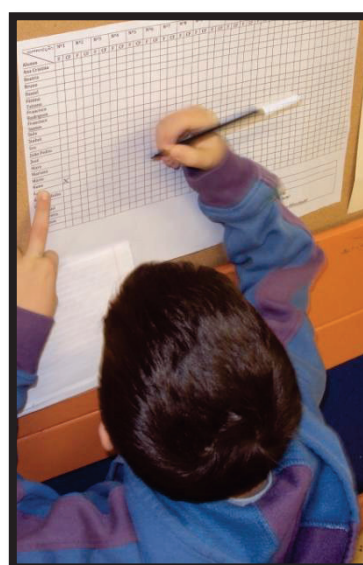
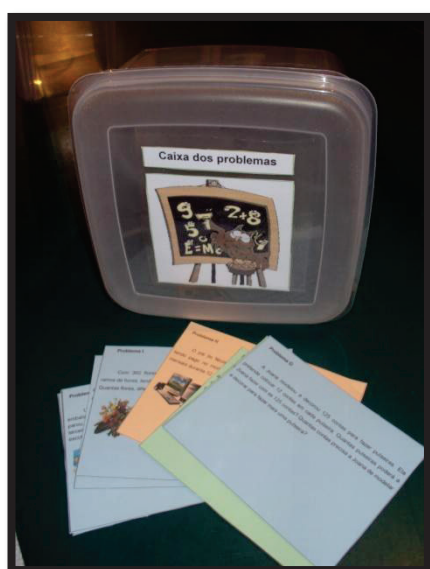
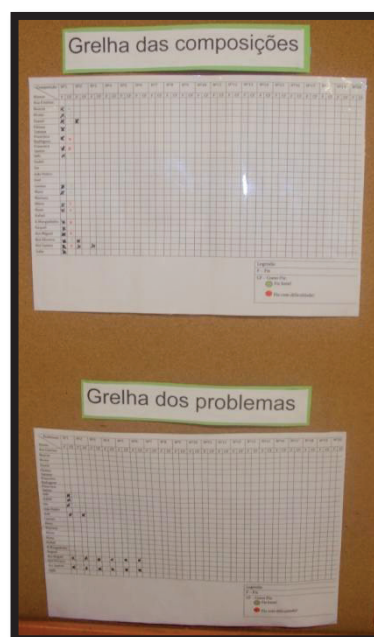
Anexo XXV – Registo Fotográfico nº2 do 1ºCEB



Comentário:

A estagiária verificou que poucos são os alunos que sabem as tabuadas. Assim, de forma a ajudar os alunos, a estagiária propôs ao grupo a realização do jogo “o loto da multiplicação”. Durante o jogo, a estagiária teve a oportunidade de observar que alguns alunos não assinalavam a operação correta, ou simplesmente, não assinalavam nenhuma porque não sabiam qual seria a que desse o resultado que a estagiária tinha acabado de ler. Contudo, esta estratégia motivou muito os alunos e fez com que se empenhassem e pensassem para conseguirem preencher o cartão corretamente.

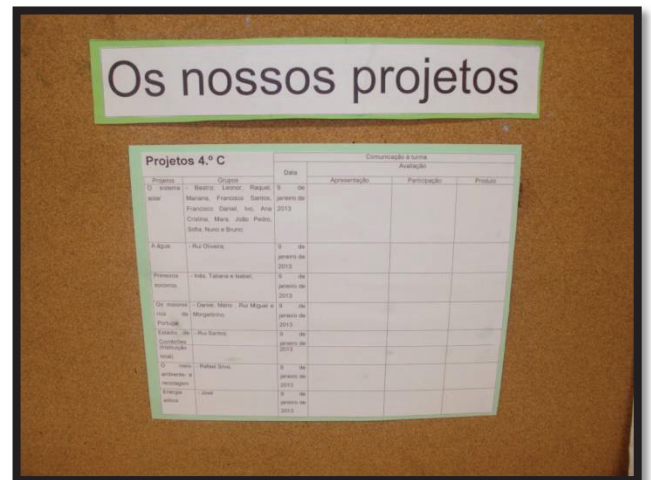
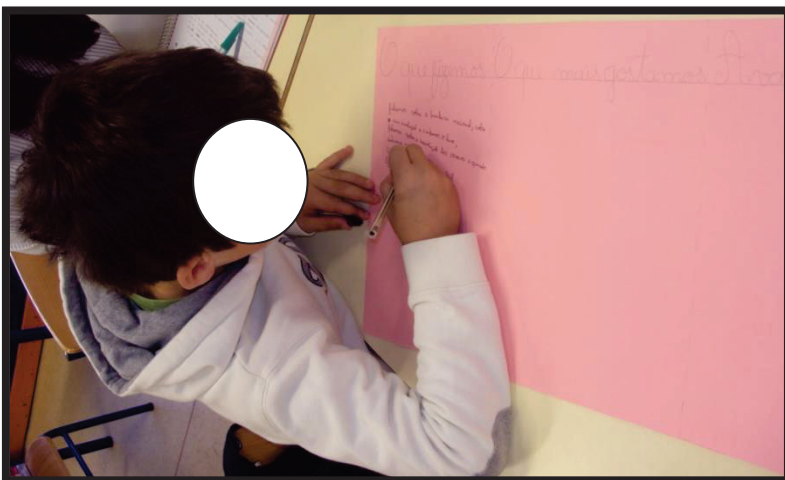
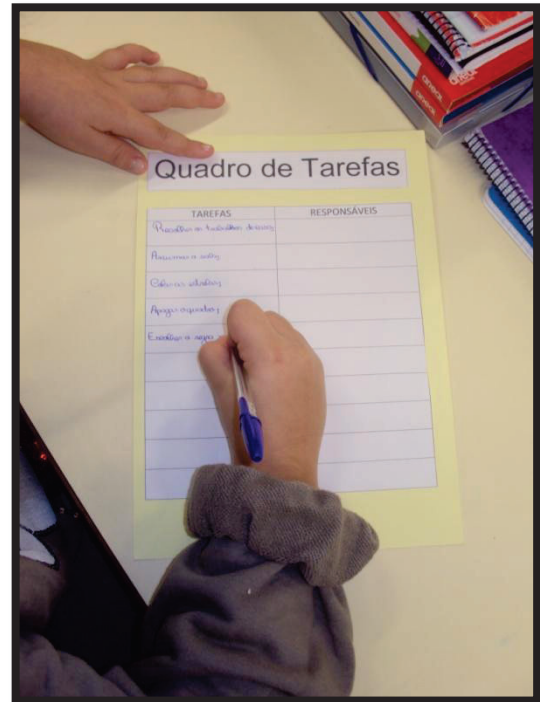
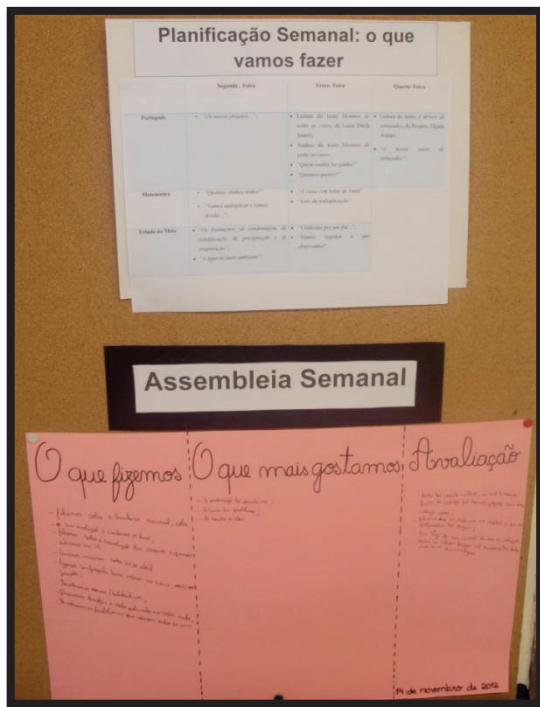
Anexo XXVI – Registo Fotográfico nº3 do 1ºCEB



Comentário:

Ao serem confrontadas com as dificuldades dos alunos, a nível da escrita e da criação de composições, as estagiárias levaram para a sala a caixa das composições. Através desta estratégia os alunos teriam a oportunidade de elaborar uma composição, posteriormente a composição seria corrigida e avaliada pelas estagiárias, de forma a tomarem conhecimento da evolução da turma. Depois de corrigidas eram entregues aos alunos para que estes pudessem ver aquilo que tinham errado.

Anexo XXVII – Registo Fotográfico nº4 do 1ºCEB



Comentário:

As estagiárias acharam que seria estimulante para o grupo, e indo ao encontro do que é estabelecido pelo Movimento da Escola Moderna, inserir na sala alguns instrumentos de organização da sala de aula, tais como, o quadro de tarefas, a planificação semanal, a avaliação semanal e a implementação de projetos.

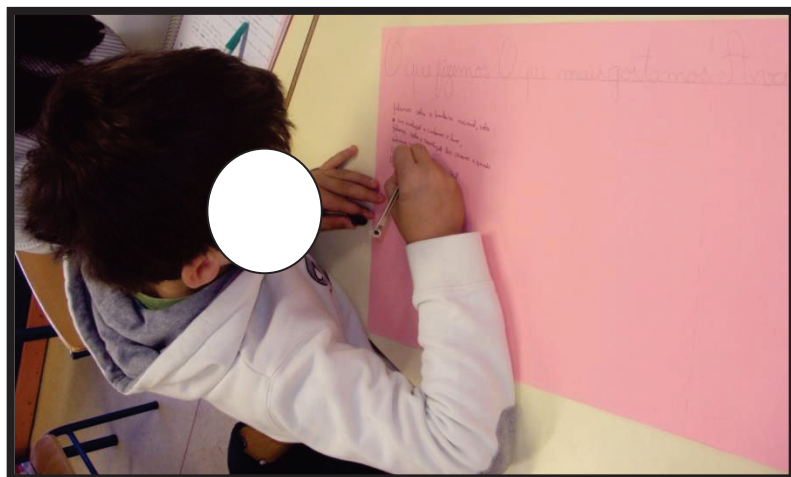
Anexo XXVIII – Registo Fotográfico nº5 do 1ºCEB



Comentário:

O ambiente educativo foi organizado de acordo com o MEM. Foi criado, assim, um ambiente agradável e altamente estimulante, uma vez que, as paredes eram utilizadas como expositores permanentes das produções dos alunos onde se reviam as suas obras de desenho, pintura, ou texto.

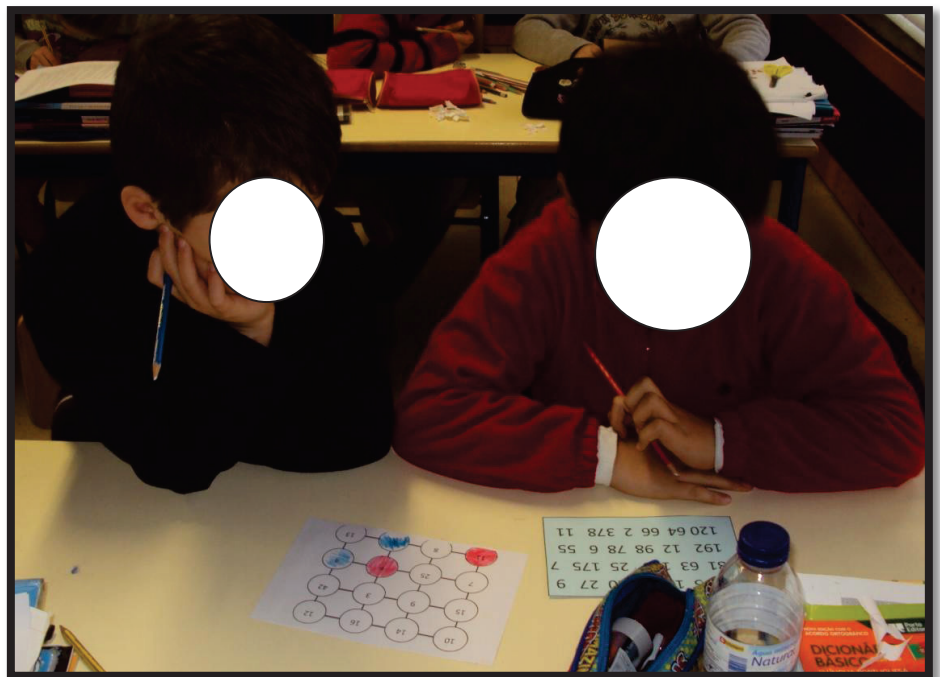
Anexo XXIX – Registo Fotográfico nº6 do 1ºCEB



Comentário:

No final de cada semana, eram realizadas com a turma assembleias semanais. As assembleias eram feitas para avaliar tudo aquilo que foi feito com o grupo, o que mais gostaram de fazer e como correu a semana, tendo em conta a opinião dos alunos.

Anexo XXX – Registo Fotográfico nº7 do 1ºCEB



Comentário:

Após alguns comentários dos alunos que evidenciavam as dificuldades em realizar operações de multiplicar e de dividir, as estagiárias propuseram a realização do jogo “jogo do stop” e a “divisão em linha”. Através desta atividade lúdica, os alunos realizavam contas de multiplicar e de dividir de uma forma mais estimulante e motivadora.

Anexo XXXI – Registo Fotográfico nº8 do 1ºCEB



Comentário:

Ao iniciarem o estágio, as estagiárias começaram a delinear estratégias que pudessem envolver os pais. Assim, foi solicitado, primeiramente, aos pais que participassem nos projetos que se estavam a viver na escola, tais como, a recolha de tampinhas para ajudar as crianças com NEE, a recolha de alimentos e vestuário para as crianças com mais dificuldades económicas, sendo criado na sala “o canto solidário”

Anexo XXXII – Registo Fotográfico nº9 do 1ºCEB

Descrição:

De forma a colmatar os comportamentos dos alunos foram implementadas na sala de aula “as estrelas da boa educação”.

Semanalmente os alunos escolhiam uma da regra e elaboravam um cartaz que era afixado, à posterior, na parede da sala. Os alunos que cumprissem a regra estabelecida ganhavam uma estrela. No entanto, é de salientar que os alunos que durante a semana não cumprissem a regra podiam perder a estrela que tinham ganho ou então os alunos que numa determinada semana não tivessem ganho a estrela mas na semana seguinte merecessem ganha-la era dada a estrela.





Regras da sala:

- 1ª: Falar sem motivo, não é permitido;
- 2ª: Riscar a mesa é tolice e pode trazer "chatices".
- 3ª: Um aluno cuidadoso é aquele que é estudioso.
- 4ª: Nunca mentir, mas a verdade transmitir.
- 5ª: Baloçar a cadeira é asneira e não uma brincadeira.

6ª: Quem quer falar, deve pôr o braço no ar;

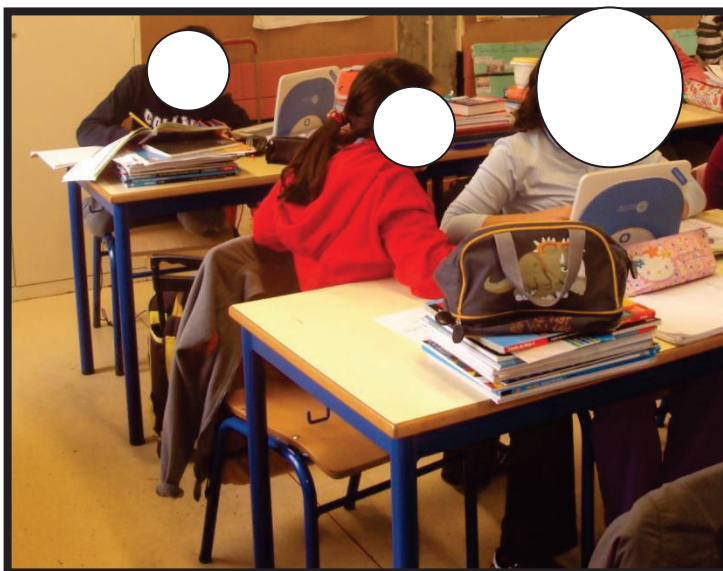
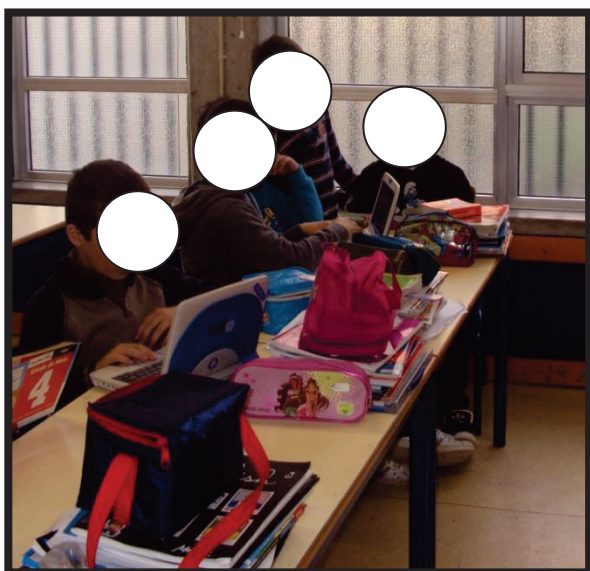
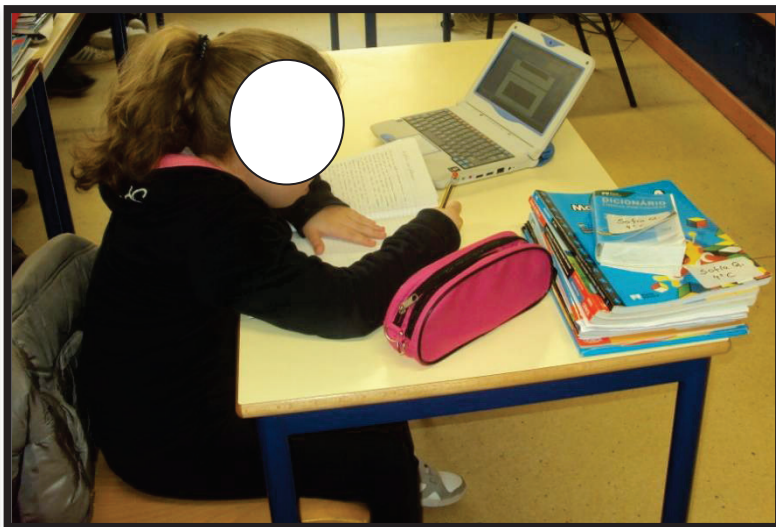
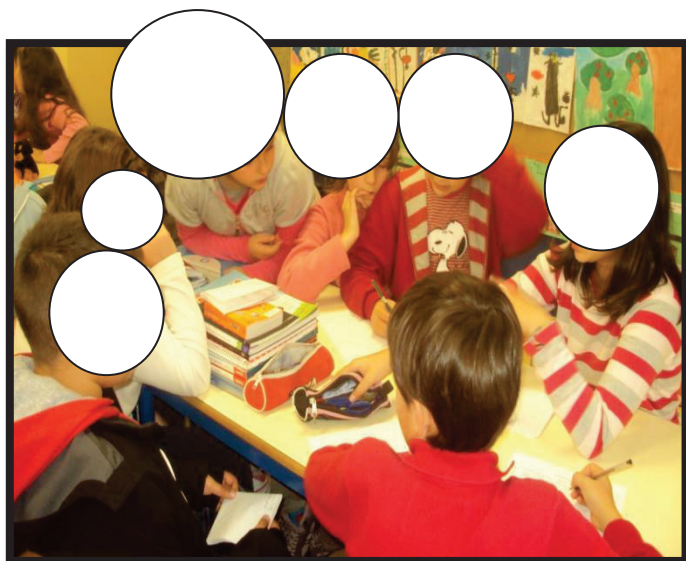
7ª: No intervalo à casa de banho tenho de ir , para na aula não pedir;

8ª: Entrar sem correrias, assim deve ser todos os dias;

9ª: Os amigos não devo acusar porque assim estou a errar;

10ª: Opiniões do outro respeitar, mesmo que sem concordar.

Anexo XXXIII– Registo Fotográfico nº10 do 1ºCEB



Comentário:

Os grupos criados, tendo em conta o tema escolhido por cada um, foram capazes de se organizar, à exeção do grupo do Sistema Solar, uma vez que, é composto por 13 elementos. Assim, foi necessária a intervenção das estagiárias de forma a ajudar a colmatar algumas dificuldades existentes, tais como, a distribuição de tarefas e a forma como será apresentado o projeto aos pais e à comunidade. No entanto, importa frisar que apesar destas dificuldades iniciais é de salientar que os grupos demonstraram bastante criatividade na forma como pretendem dar a conhecer à comunidade os seus projetos e mostram-se bastante assertivos nas escolhas que fazem.

Anexo XXXIV – Registo Fotográfico nº11 do 1ºCEB

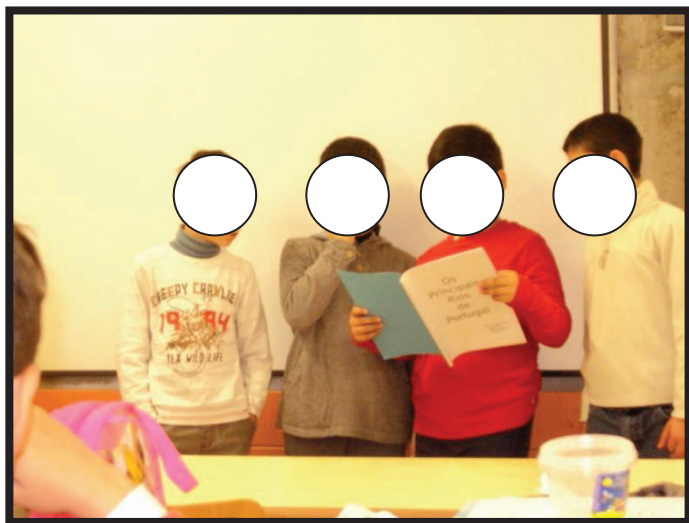


Ilustração 1 - "Os rios de Portugal"



Ilustração 2 - "A reciclagem"



Ilustração 3 - "A história do Coimbrões"

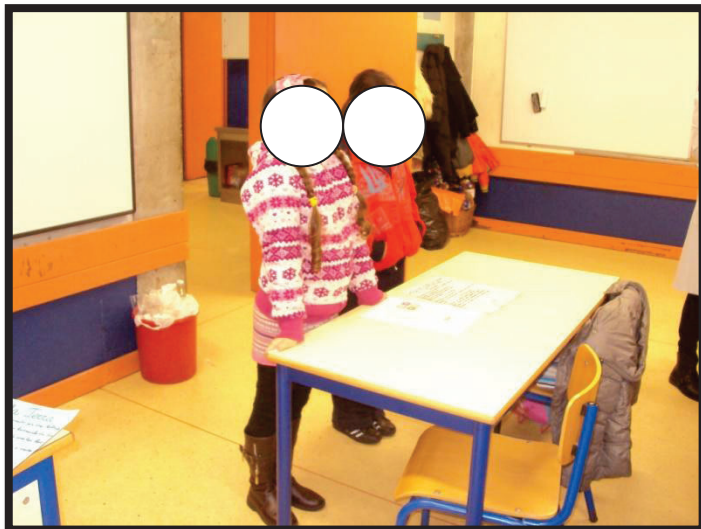


Ilustração 4 - "Os Primeiros Socorros"

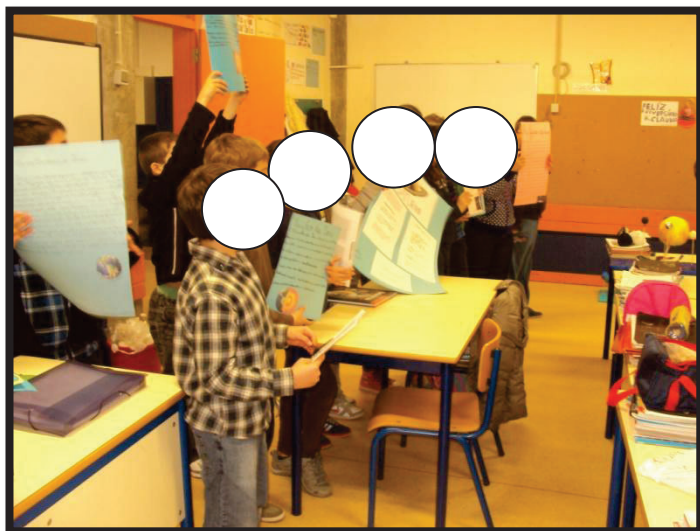
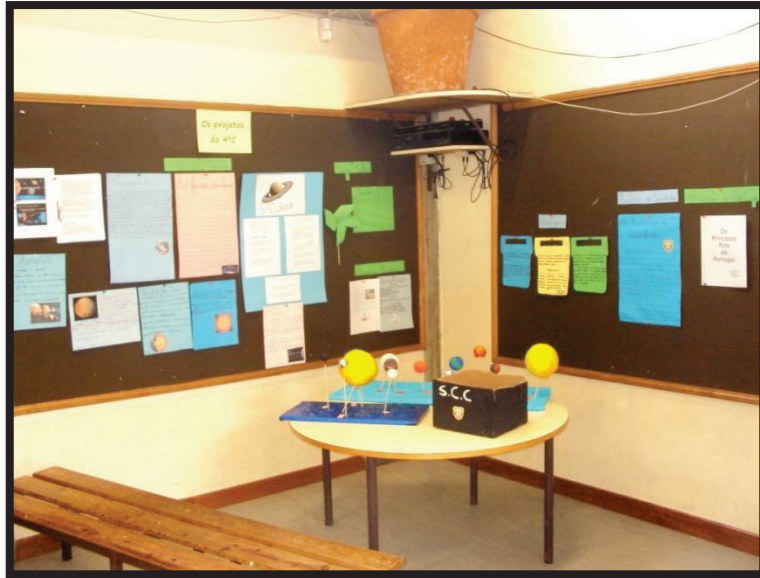


Ilustração 5 - "Sistema Solar"

Comentário:

Divulgação dos projetos para a turma e, posterior, avaliação.

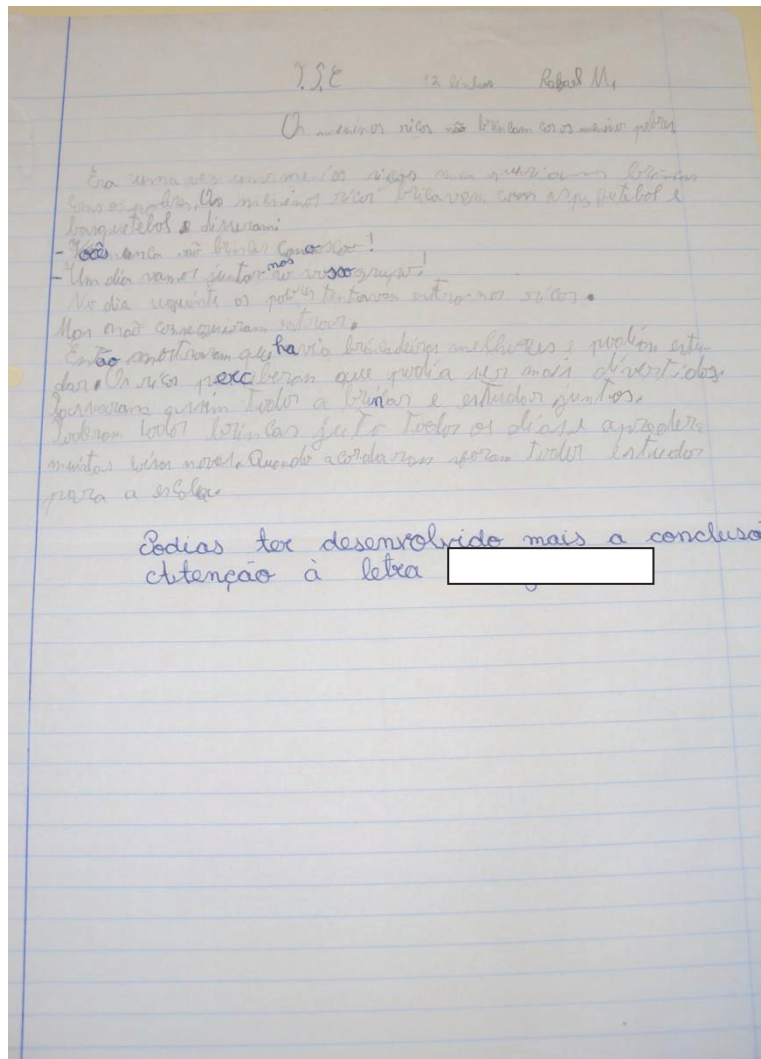
Anexo XXXV – Registo Fotográfico nº12 do 1ºCEB



Comentário:

A divulgação dos projectos foi feita no âmbito da turma, da escola e dos Pais, de maneira a que toda a comunidade tivesse conhecimento daquilo que foi desenvolvido pelos alunos ao longo do 1ºPeríodo. Para que a turma tivesse conhecimento da opinião da comunidade, em relação ao trabalho desenvolvido, foi colocado junto da exposição um livro onde ficaram registados os comentários aos projetos.

Anexo XXXVI - Registo Fotográfico nº13 do 1ºCEB



Comentário:

Ao nível da escrita, a estagiária observou que existia uma falta de preocupação e de empenho por parte dos alunos, em tornar a sua escrita legível e sem erros ortográficos. O constatado é que o grupo apresentava erros sistemáticos tanto na escrita pessoal como a copiar. Por isso, as estagiárias tinham o cuidado e verificavam sempre que possível as composições criadas pelos alunos, de forma a corrigir alguns erros, uma vez que, quase todos os alunos escreviam da forma que pronunciavam as palavras.

Anexo XXXVII – Estratégias adotadas para motivar os alunos



Comentário:

Para motivar os alunos, ao longo do estágio, foram propostas várias jogos que de uma forma lúdica desenvolveram as aprendizagens dos alunos. Na fotografia superior está presente o jogo da memória e na fotografia inferior o dominó da família de palavras.

Anexo XXXVIII – Estratégias adotadas para colmatar as dificuldades dos alunos

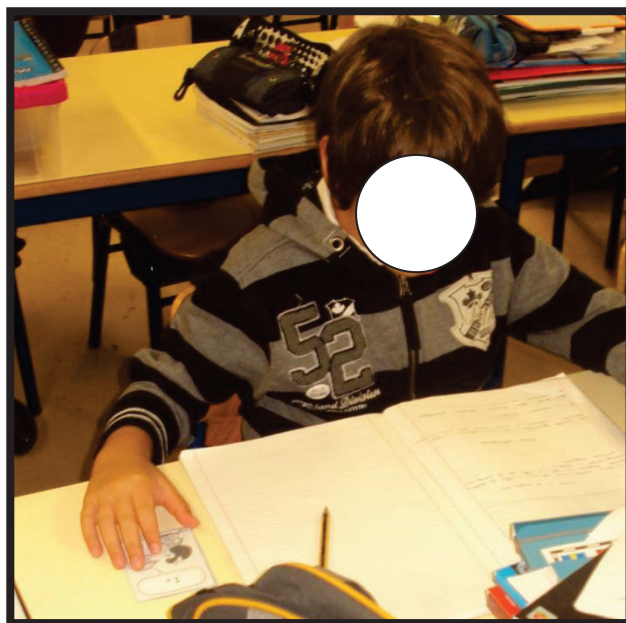
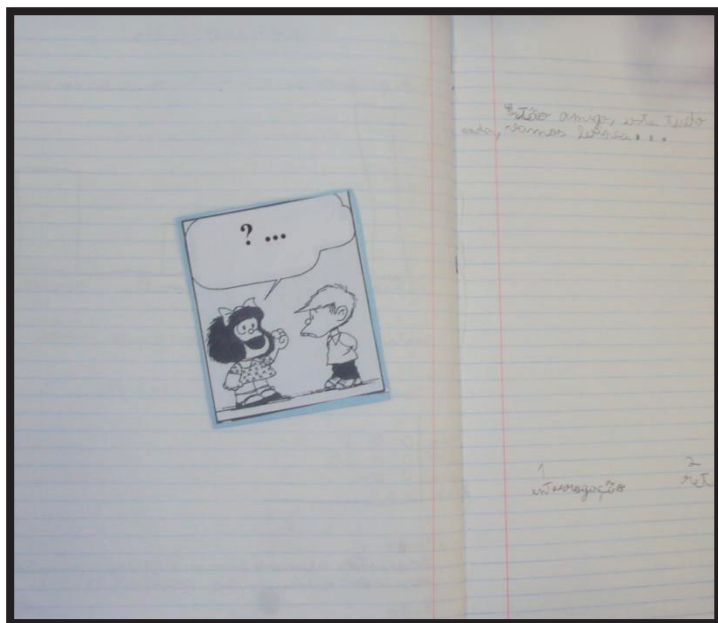


Comentário:

Os alunos davam muitos erros a nível da ortografia, as palavras eram escritas da mesma forma como eram pronunciadas, pelo que se promoveu a realização de um *bingo ortográfico*. A estagiária pronunciava a palavra e os alunos teriam de responder corretamente no cartão. Pontuavam se a palavra estivesse bem escrita.

Anexo XXXIX– Estratégias adotadas para a construção de composições

- Cartões dos sinais de pontuação



Descrição:

O jogo consistia em cada aluno tirar uma carta e inventar uma frase relacionada com as imagens e usando os sinais de pontuação indicados nas figuras.

Depois de escreverem cada um a sua frase, a estagiária corrige-as de forma a avaliar o conhecimento de cada um, ou seja, irá avaliar se os sinais de pontuação foram utilizados corretamente.

Após a construção individual das frases, é proposto que os alunos formem grupos de quatro elementos e construam uma história com as suas frases individuais. No final as histórias criadas são lidas, por cada um dos grupos, à turma.

- **Os sacos das histórias**



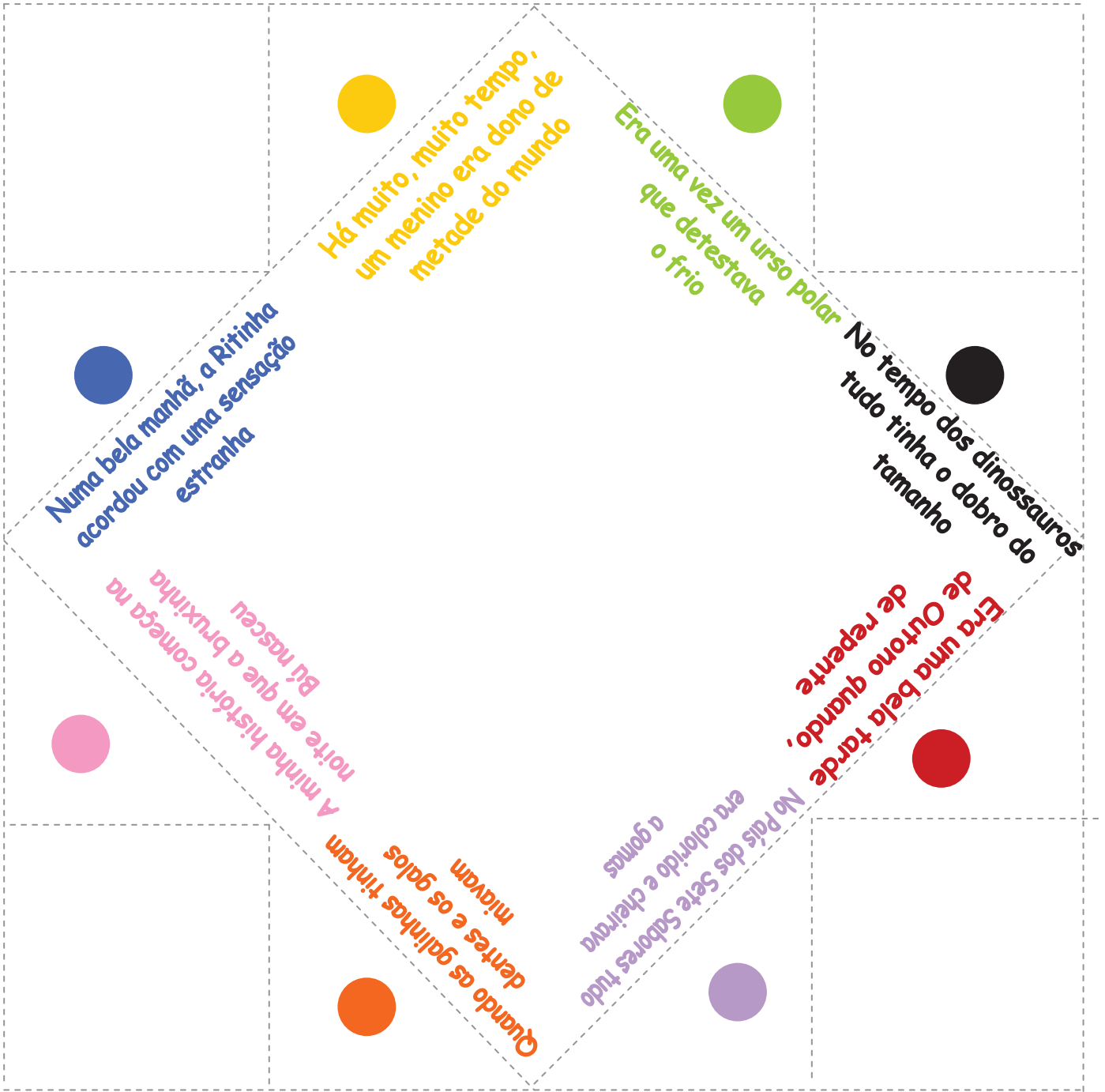
Descrição:

Nesta atividade, a estagiária explicou aos alunos que tinham de escrever pequenas narrativas, integrando os elementos *quem*, *quando*, *onde*, *o quê* e *como*. Desta forma foram apresentados aos alunos quatro sacos, correspondendo cada um às personagens, ao espaço, ao tempo e à ação, dentro desses sacos estão alguns cartões com imagens

Depois de cada um ter quatro cartões, correspondendo a cada elemento da narrativa, os alunos elaborarão um texto narrativo e, no final, leram em voz alta para dar a conhecer à turma os seus textos.

- **Quantos queres – cocas de papel**





Numa bela manhã, a Ritinha acordou com uma sensação estranha

Há muito, muito tempo, um menino era dono de metade do mundo

Era uma vez um urso polar que detestava o frio

No tempo dos dinossauros tudo tinha o dobro do tamanho

A minha história começa na noite em que a bruxinha Bú nasceu

Era uma bela tarde de Outono quando, de repente,

Quando as galinhas tinham dentes e os galos miavam

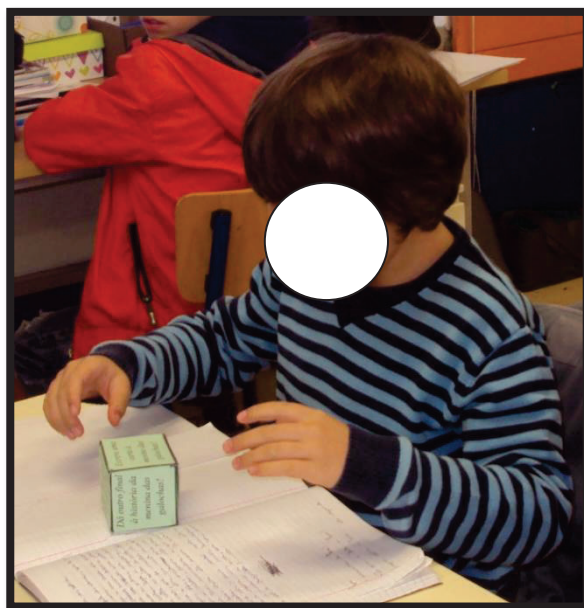
No País dos Sete Sabores tudo era colorido e cheirava a gomas

Interior do cocas

Descrição:

A atividade *quantos queres?* diz respeito ao conhecido “jogo do cocas”. A estagiária solicitou à turma que realizassem uma composição, mas para isso a estagiária deverá dirigir-se a cada um dos alunos com o cocas de papel na mão e questionar cada um “*quantos queres?*”. Depois de cada um indicar o numeral que quer se seja jogado, a estagiária dava a conhecer as diferentes cores que compõe o cocas e pedia que o aluno escolhesse uma. Posto isto, é virada a cor e o aluno ficava a conhecer o início da sua história. Cada cor representada tem no verso um início de história diferente.

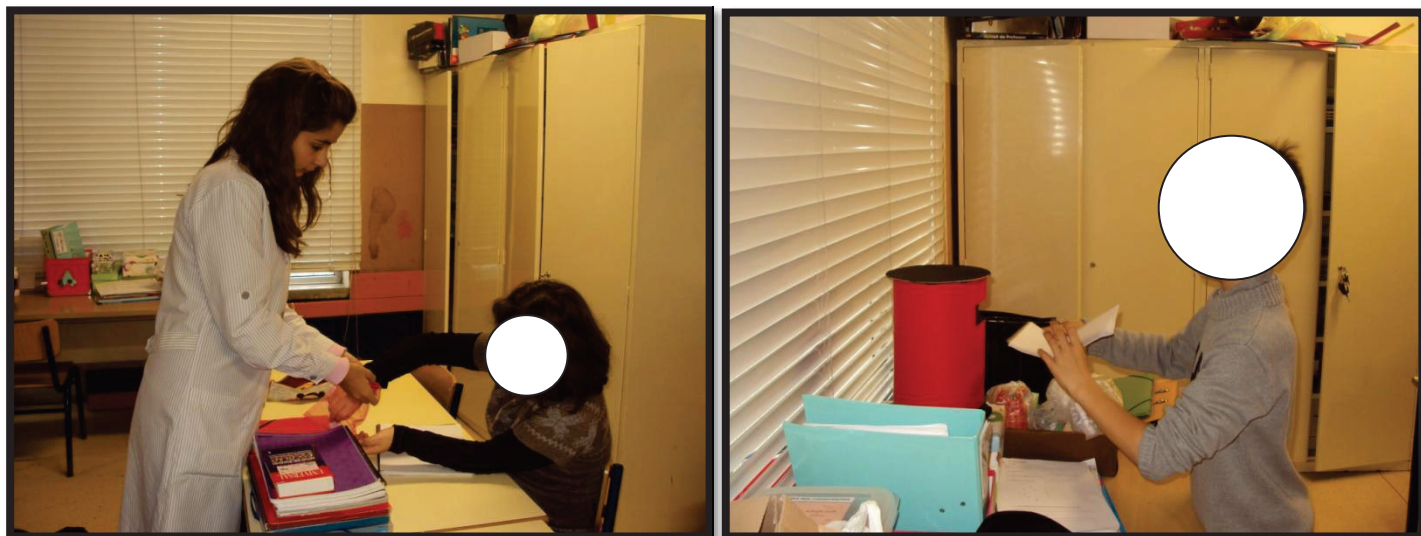
- ***Vou lançar o dado e fazer***



Descrição:

Cada aluno lançará o dado e terá que realizar a tarefa indicada pelo mesmo. O dado indicará, em duas das faces: “*Escreve uma carta à menina das galochas!*” e, nas outras faces: “*Dá outro final à história da menina das galochas!*”.

- *O meu amigo secreto*

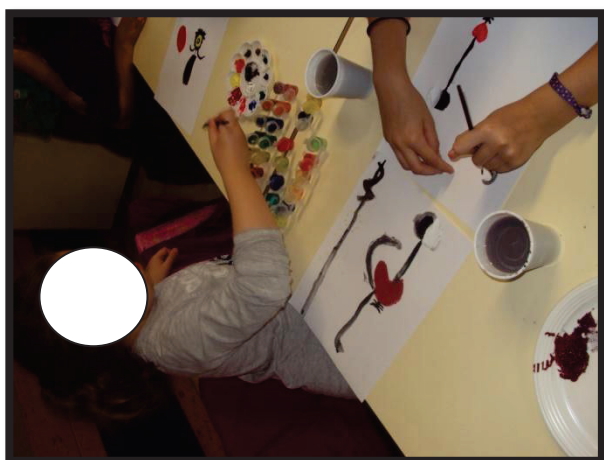


Descrição:

Os alunos retiram de um saco o nome aleatório de um colega e, em seguida, terão de construir uma carta ao amigo que lhe saiu. Quando terminam, têm de colocar as cartas no marco do correio.

Posteriormente, os alunos irão retirar do marco do correio a carta que lhe foi escrita para dar resposta.

Anexo XL – Primeiro contacto estabelecido com a Expressão Plástica



Comentário:

O primeiro contacto estabelecido com a Expressão Plástica pelos alunos do 4ºano prendeu-se com o conhecimento de um pintor estrangeiro Juan Miró. Após a leitura de uma história e a exploração da vida e obra do pintor, os alunos pintaram com pincéis e guaches a obra que mais gostaram.

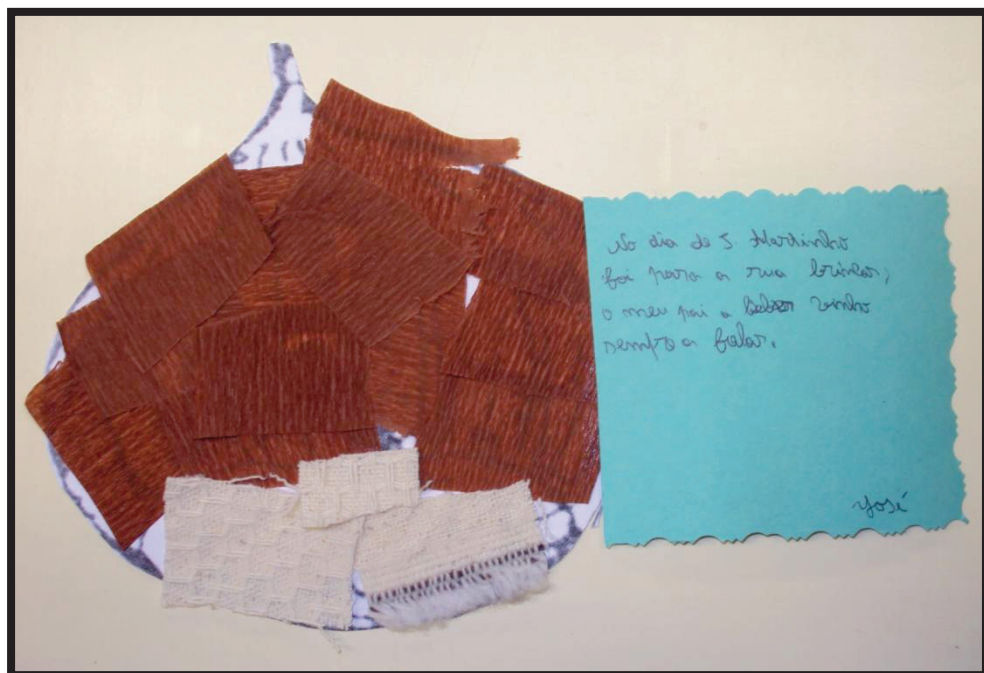
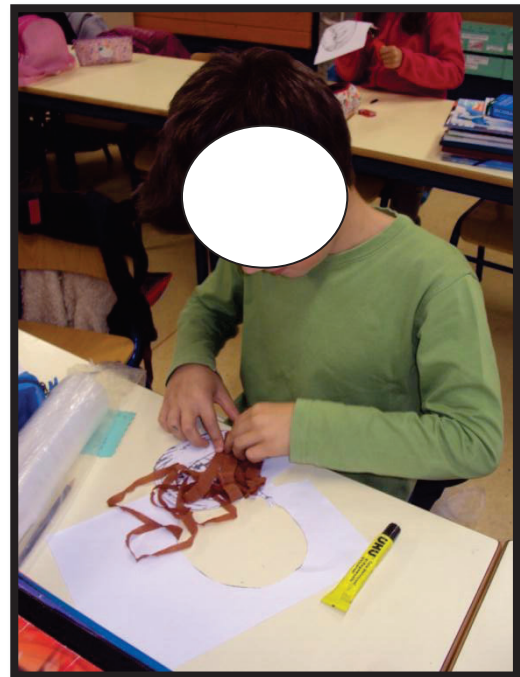
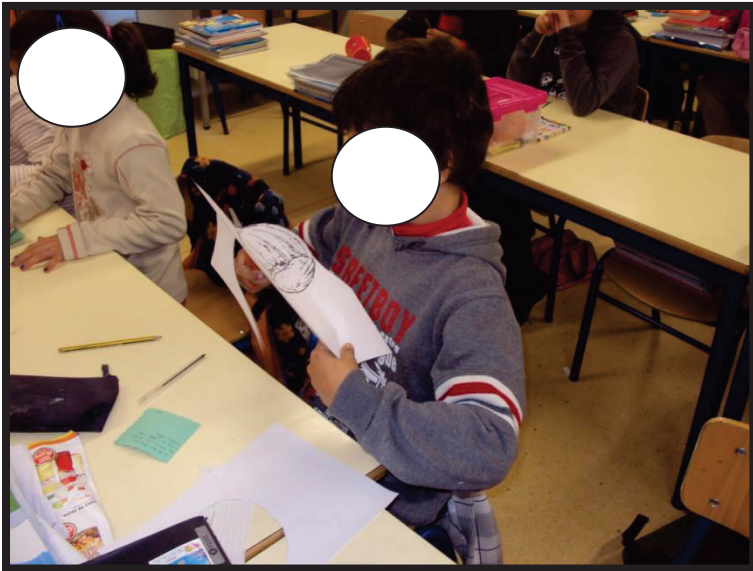
Anexo XLI – Técnica do Mergulho



Descrição:

Os alunos mergulharam uma folha de árvore em tinta marbel e, posteriormente, construíram o painel de outono.

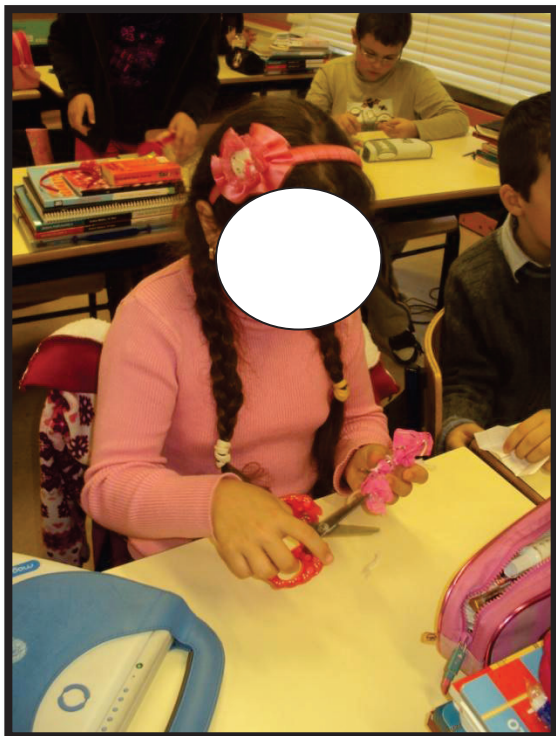
Anexo XLII – Decoração de uma castanha para o S.Martinho



Descrição:

Os alunos decoraram uma castanha, livremente, com lã, botões, tecidos, etc. posteriormente, a castanha foi afixada no painel de outono.

Anexo XLIII – Construção de um rebuçado, após a audição da história *A árvore dos rebuçados*



Descrição:

Depois da leitura da história, foi proposto que cada aluno construa um rebuçado com os materiais que lhes serão fornecidos, esse mesmo rebuçado será decorado a gosto pelos alunos, através de lã, botões, tecidos, etc.

Quando os alunos terminaram os seus rebuçados foi dada uma tira de cartolina para que cada um escrevesse algo que se comprometessem a fazer, como por exemplo uma regra de boa educação. Os rebuçados que os alunos fizeram foram colocados numa caixa, *a nossa caixa de rebuçados*, que ficou na sala até ao final do ano letivo, para que assim se pudesse lembrar os alunos daquilo que se comprometeram a fazer.

Anexo XLIV– Interdisciplinaridade – Expressão Plástica/Matemática



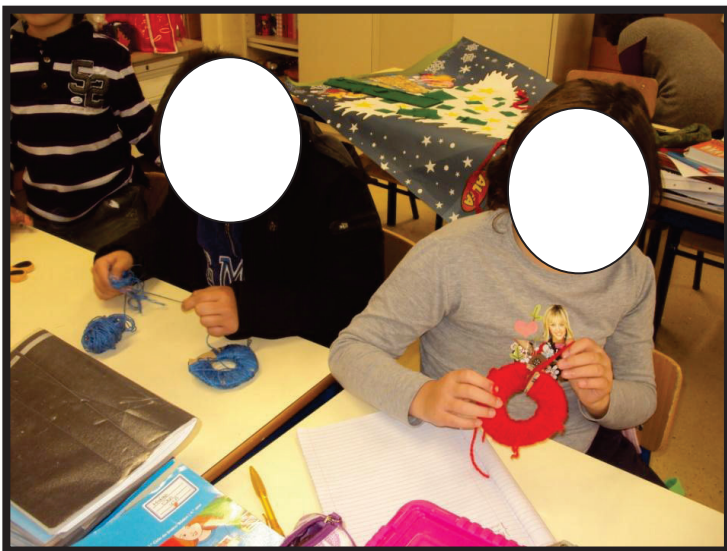
Comentário:

De forma a explicar as simetrias de uma imagem, os alunos realizaram a técnica da borboleta.

Anexo XLV – Enfeites de Natal



Com rolhas de cortiça, material de desperdício, foi colocada na porta da sala "Feliz Natal"



Os alunos com lã construíram pompons para serem pendurados na sala, como decoração, substituindo assim, as tradicionais bolas de Natal.



A pedido dos alunos, a árvore de Natal foi construída com material de desperdício, mais concretamente com copos de plástico. À posterior, foi pintada com spray verde e coladas estrelas de cartolina.

Anexo XLVI – Grelha de avaliação dos projetos

Projetos 4.º C		Comunicação à turma			
		Data	Avaliação		
			Apresentação	Participação	Produto
Projetos	Grupos				
O sistema solar	- Beatriz, Leonor, Raquel, Mariana, Francisco Santos, Francisco Daniel, Ivo, Ana Cristina, Mara, João Pedro, Sofia, Nuno e Bruno;	9 de janeiro de 2013	Conseguiram responder às perguntas que pesquisaram sem ler.	Errou muitos, mas discutiram muito bem as tarefas e ajudaram-se na construção dos planetas.	O sistema solar estava bonito e original. As fases da lua também.
A água	- Rui Oliveira;	9 de janeiro de 2013	A experiência ajudou na apresentação.	Como estava sozinho foi mais fácil.	A experiência foi criativa.
Primeiros socorros	- Inês, Tatiana e Isabel;	9 de janeiro de 2013	Bom apresentação.	Deviam ter trabalhado mais em grupo, as três.	A história dizia o mais importante.
Os maiores rios de Portugal	- Daniel, Mário, Rui Miguel e Morgadinho;	9 de janeiro de 2013	Sabiam as características dos rios e onde ficavam.	Todos ajudaram e discutiram bem as tarefas.	O livro estava interessante porque também tinha imagens.
Estádio de Coimbra (Instituição local)	- Rui Santos;	9 de janeiro de 2013	Sabia muita coisa sobre a história do Coimbra.	Como jogo no Coimbra escolhi este tema. Prefiro trabalhar sozinho. Esteve bem.	O estádio estava engraçado. Criativo
O meio ambiente- a reciclagem	- Rafael Silva;	9 de janeiro de 2013	Sabia o que era a reciclagem e a política dos 3R. Esteve bem.	Como fez sozinho fez bem.	O jogo estava muito interessante.
Energia eólica	- José	9 de janeiro de	Deu um bocadinho, mas esteve bem.	Conseguiu organizar-se	O cata-vento foi interessante.

Anexo XLVII – Registo de Incidente Crítico nº1 da Educação Pré-Escolar

Registo de incidente crítico

Nome da criança: Criança C

Idade: 5 anos

Observadora: Estagiária (Ângela Ferreira)

Data: 23 de fevereiro de 2012

Incidente:

A Criança C estava sentada na roda após rasgar papel e ter a oportunidade de amassá-lo, afirmou: *“esta atividade foi muito divertida. Gostei muito!”*.

Comentário:

Com a afirmação da Criança C a estagiária pode constatar que uma simples atividade de expressão plástica pode despertar um comentário bastante positivo numa criança. Ao poder contactar com este material a criança teve a oportunidade não só de rasgar o papel como também de o amassar, o que possibilita à criança desenvolver a sua motricidade fina.

Anexo XLVIII – Registo de Incidente Crítico nº2 da Educação Pré-Escolar

Registo de incidente crítico

Nome das crianças: Criança T

Idade: 5 anos

Observadora: Estagiária (Ângela Ferreira)

Data: 8 de março de 2012

Incidente:

Durante a assembleia, a Educadora referiu que as crianças poderiam trazer para a sala alguns dos animais que têm em casa para todos brincarem. No entanto, uma das crianças afirmou que não se sentia capaz de partilhar os seus brinquedos com os amigos.

Após este comentário, a criança T virou-se para o amigo e disse *“Todos somos capazes! É como desenhar, antes não conseguimos e agora já conseguimos desenhar. Uns de uma maneira outros de outra!”*

Comentário:

Com esta pequena afirmação da criança T a estagiária pode comprovar que esta criança já tem presente que a partilha deve existir entre os amigos e tentou inculcar isso mesmo no amigo. Em diálogo com a Educadora, esta afirmou que, no início do ano a criança T era das primeiras a dizer que não se sentia capaz de realizar alguma tarefa ou de se expressar, mas que depois de ouvir a história *“O ponto”* a sua atitude mudou.

Anexo XLIX – Registo de Incidente Crítico nº3 da Educação Pré-Escolar

Registo de incidente crítico

Nome das crianças: Criança S

Idade: 6 anos

Observadora: Estagiária (Ângela Ferreira)

Data: 13 de março de 2012

Incidente:

Depois de serem divididas as tarefas, as crianças deram início à construção das roupas para o teatro do Cuquedo. Assim, depois de escolherem os materiais e de dividirem tarefas, algumas crianças começaram a fazer as roupas. Enquanto fazia a roupa de uma zebra, a S virou-se para a estagiária e afirmou *“Oh Ângela! As roupas feitas com estes sacos de plástico ficam mesmo giras, não achas?”*

Comentário:

A criança S mostrou-se feliz, e ao mesmo tempo admirada por conseguir fazer as roupas para os animais com uns sacos de plástico que, normalmente, são utilizados para colocar o lixo. O resultado final, foi bastante original.

É de salientar que com esta simples atividade de expressão plástica, as crianças puderam construir roupas para os animais da história com um objeto que utilizam no dia-a-dia.

Anexo L – Registo de Incidente Crítico nº4 da Educação Pré-Escolar

Registo de incidente crítico

Nome das crianças: Criança B

Idade: 6 anos

Observadora: Estagiária (Ângela Ferreira)

Data: 28 de maio de 2012

Incidente:

A criança B estava sentada na área da expressão plástica a fazer um desenho. Quando o terminou chamou por mim e perguntou “*Ângela, será que me podes dizer como se escreve T-Rex?*”. Assim, depois desta pergunta comecei a enunciar as letras que compõe o nome deste animal.

Comentário:

Com esta questão, colocada pela criança B é de salientar a curiosidade que a criança tem em saber como se escrevem alguns nomes ou palavras. É importante ainda referir que ao enunciar as letras que compõe o nome deste animal, a criança B escreveu as letras corretamente, uma vez que, esta criança já é capaz de conhecer todas as letras do abecedário.

Anexo LI – Registo de Incidente Crítico nº1 do 1ºCEB

Registo de incidente crítico

Nome dos alunos: Aluno RaM

Idade: 9 anos

Observadora: Estagiária (Ângela Ferreira)

Data: 8 de outubro de 2012

Incidente:

Durante a resolução de uma ficha de trabalho, relativa à família de palavras, o RaM demonstrou dificuldades em mencionar o intruso num conjunto de palavras. Contudo, após o início do dominó da família de palavras, este aluno conseguiu jogar e colocar as palavras no sítio correto.

Comentário:

A atividade lúdica proposta ao grupo fez com que o conceito “família de palavras” fosse clarificado para o aluno. É de salientar que durante o jogo, o aluno conseguiu identificar a família de palavras corretamente, ao contrário do que tinha sucedido na ficha de trabalho.

Assim, considero que o dominó das famílias das palavras, foi, sem dúvida, uma atividade lúdica bastante positiva para os alunos.

Posso, ainda, afirmar que, de uma forma lúdica podemos motivar os alunos e mante-los interessados e empenhados numa atividade.

Anexo LII– Registo de Incidente Crítico nº2 do 1ºCEB

Registo de incidente crítico

Nome dos alunos: Aluno Má

Idade: 9 anos

Observadora: Estagiária (Ângela Ferreira)

Data: 10 de outubro de 2012

Incidente:

Após a distribuição do jogo *“dominó da família de palavras”*, os alunos iniciaram o jogo. Ao passar pelas mesas para verificar se estavam a ser cumpridas as regras e se o jogo estava a ser compreendido por todos, o aluno Má afirmou *“Ó Professora este jogo é mesmo fixe!”*.

Comentário:

Com a afirmação do aluno, a estagiária verificou que um simples jogo didático pode estimular a aprendizagem das crianças, assim como os motiva para aprender e os mantém interessados.

É de salientar que os alunos conseguiram jogar corretamente e foram capazes de ligar as palavras da mesma família sem dificuldades.

Anexo LIII – Registo de Incidente Crítico nº3 do 1ºCEB

Registo de incidente crítico

Nome dos alunos: Alunos Be e L

Idade: 9 anos

Observadora: Estagiária (Ângela Ferreira)

Data: 23 de Outubro de 2012

Incidente:

De forma a consolidar as aprendizagens da turma, a estagiária propôs uma atividade lúdica “o jogo da memória – os sinónimos e os antónimos”. Mais uma vez foi notório o interesse e empenho do grupo durante o jogo. A competição entre os membros do grupo foi grande sendo mesmo comprovado entre os comentários que os alunos faziam entre si, como por exemplo

- Não, não escolhas essa porque eu sei que aí está um antónimo e eu preciso dessa para ganhar o jogo! – dizia a B para a L.

Comentário:

A competição entre os membros do grupo foi grande sendo mesmo comprovado entre os comentários que os alunos faziam entre si.

Sempre que encontravam um par de sinónimos ou de antónimos, os alunos demonstravam a sua alegria em conseguir descobrir e em adequir mais um conjunto que os ajudasse a pontuar e a ganhar o jogo.

Anexo LIV – Registo de Incidente Crítico nº4 do 1ºCEB

Registo de incidente crítico

Nome do aluno: Aluna S.

Idade: 9 anos

Observadora: Estagiária (Ângela Ferreira)

Data: 30 de outubro de 2012

Incidente

A estagiária solicitou a realização de algumas contas onde estava presente a propriedade da multiplicação.

Durante a realização dos cálculos a S afirmou: *“Professora não sei fazer isto. Eu sei lá fazer isto, eu nem as tabuadas sem decor. Como é que vou fazer estas contas”*. A estagiária responde-lhe: *“Eu ajudo-te. Se calhar já não te lembras”*. A S. responde *“Mas eu não sei”*. Desta forma, a estagiária começou a enunciar as tabuadas para que a aluna completasse.

Comentário

Através deste registo, pode-se concluir que a aluna tem dificuldades em realizar, contas de multiplicar, uma vez que não se recorda da tabuada. Tentarei motivá-la para tal, encontrando estratégias adequadas, como por exemplo, realizar atividades lúdicas de forma a que a aluna compreenda esta propriedade.

Anexo LV – Registo de Incidente Crítico nº5 do 1ºCEB

Registo de incidente crítico

Nome dos alunos: Aluno Ma

Idade: 9 anos

Observadora: Estagiária (Ângela Ferreira)

Data: 30 de Outubro de 2012

Incidente:

Durante a apresentação de um trabalho de grupo de Estudo do Meio, a aluna Ma apresentou à turma, junto com o seu grupo, um vídeo onde dava a conhecer um estilo de dança, que é dado a conhecer pelo Museu Teixeira Lopes aos seus visitantes. No decorrer da visualização a aluna afirmou *“Estas meninas estão a tentar exprimir sensações. Elas mostram, exemplificam, aquilo que se faz na Casa Museu Teixeira Lopes”*.

Comentário:

Com a explicação da aluna à turma a estagiária ficou surpreendida com esta afirmação e com a sintetização que a aluna conseguiu fazer do vídeo que estávamos a observar.

A aluna foi capaz de em poucas palavras nos dizer o que de mais importante tinha o filme e o que de mais importante era necessário mencionar aos colegas para que estes compreendessem o conteúdo do vídeo.

Anexo LVI – Lista de verificação da Educação Pré-Escolar

Jogo de correspondência : 8 de março de 2012

Objetivos Nomes	Identifica o número de pontos do dado			Estabelece a relação numérica entre o dado e a carta			Ordena por ordem crescente			Observações
	S	CD	N	S	CD	N	S	CD	N	
B	X			X			X			
C	X			X			X			
D	X			X			X			
F										
G	X				X			X		Em vez de colocar por ordem crescente colocou por ordem decrescente
la										
In										
Jo										
J	X			X			X			
JM	X			X			X			
M	X			X			X			
I	X			X			X			
P	X			X				X		
R	X			X			X			
RA	X			X			X			
RF	X			X				X		Em vez de colocar por ordem crescente colocou por ordem decrescente
S	X			X			X			
Ta	X			X				X		Em vez de colocar por ordem crescente colocou por ordem decrescente
T	X			X			X			

Legenda:

S- Sim

CD- Com Dificuldade

N- Não

Anexo LVII – Amostragem de acontecimentos da Educação Pré-Escolar

Objetivo da observação: interação no recreio

Observadora: Ângela Ferreira

Data: 19 de abril de 2012

Tempo de observação: das 11h35 às 11h45

Antecedente	Comportamento	Consequente
No recreio, a C e a G estavam a brincar juntas. Mas, enquanto corriam, a G foi contra a C e magoou-a.	Ao perceber que tinha magoado a amiga, a G pediu desculpa mas a C disse que não brincava mais com ela.	Como a C não queria brincar mais com ela, a G isolou-se e foi brincar sozinha, com uma expressão triste.

Comentário: As duas crianças que estavam a ser observadas, são duas meninas que brincam sempre juntas e que quando uma não está, sentem muito a falta uma da outra. No entanto, ao ter sido magoada pela a amiga, a C ficou chateada e não desculpou logo a G. Mas, ao ver a G triste, a C aproximou-se e disse-lhe que a desculpava.

Ao ver que a amiga estava triste por não brincarem juntas, a C demonstrou que o mais importante é se darem bem uma com a outra, em vez de ficar chateada por a amiga a ter magoado, sem querer.

Anexo LVIII – Critérios de Avaliação para a leitura

Critério	1	2	3
Entoação	Lê com boa entoação, de forma expressiva que traduz uma correcta interpretação do texto;	Lê com pouca entoação, tendo dificuldades em pronunciar algumas palavras;	Lê com dificuldades, soletrando muito as palavras o que dificulta a interpretação do texto;
Palavras	Lê corretamente todas as palavras presentes no texto;	Lê, mas repete, omite ou troca algumas palavras do texto;	Não lê corretamente, omite, repete e troca palavras do texto;
Tom	Lê com um tom de voz audível a toda a turma;	O tom é apropriado ao longo de quase todo o texto;	Lê baixo, sendo solicitado que eleve a voz;
Ritmo	Lê num ritmo normal, adequado ao texto apresentado;		Lê a um ritmo lento ou rápido
Pausa	Lê respeitando os sinais de pontuação presentes no texto;	Respeita alguns sinais de pontuação;	Não respeita os sinais de pontuação;

Grelha de avaliação para a leitura

	Entoação	Palavras	Tom	Ritmo	Pausa
AC					
B					
Br					
D					
F.R.					
F.S.					
In					
Is					
I					
J.P.					
J					
L					
M					
Má					
Mar					
Mor					
N					
R					
Ra					
R.M.					
R.O.					
R.S.					
S					
T					

Anexo LIX - Critérios de Avaliação para a produção de textos

Critério	Subcritério	1	2	3
Formato	Extensão	Elabora um texto de extensão igual ou superior a 12 linhas.	Elabora um texto de extensão compreendida entre 7 e 10 linhas.	Elabora um texto de extensão inferior a 6 linhas.
	Ordenação lógica	Constrói o texto com princípio, meio e fim.	Constrói o texto com ausência do fim/conclusão.	Constrói o texto com ausência de uma ordenação lógica (confusão em delimitar princípio, meio e fim).
Textualização	Estrutura	Alinha o texto às margens esquerda e direita, demarcando parágrafos.	Alinha o texto a uma das margens, demarcando o primeiro parágrafo.	Não alinha o texto às margens e não demarca parágrafos.
	Sintaxe	Constrói frases assegurando as regras de concordância, selecção, flexão e ordem.	Constrói frases com erros/falhas no uso das regras de concordância, selecção, flexão e ordem.	Constrói frases sem uso das regras de concordância, selecção, flexão e ordem.
	Morfologia	Escreve com correcção ortográfica.	Escreve com ocorrências de erros, em palavras pouco frequentes ou em formas instáveis.	Escreve com elevada frequência de erros ortográficos, com uma frequência de 4 a 7 erros em 50 palavras.
	Pontuação	Utiliza corretamente os sinais de pontuação ao longo do texto.	Utiliza sinais de pontuação inadequadamente ao longo do texto.	Utiliza apenas o ponto final ao longo do texto.
Tema	Informação	Aborda o tema proposto e dá título coerente com o tema.	Ignora o tema proposto, mas dá título de acordo com o tema.	Ignora o tema proposto e não dá título.
	Progressão	Desenvolve, de forma coerente, o texto.	Apresenta incoerências, redundâncias ou repetições.	Produz um texto incoerente e sem organização.

Anexo LX – Descrição Diária do 1ºCEB

Descrição diária nº1

Nome dos alunos: Aluno RaM e FR

Idade: 9 anos

Observadora: Estagiária (Ângela Ferreira)

Data: 24 de Outubro de 2012

Descrição:

Após a visualização de um powerpoint relativo à vida e obra de Juan Miró, a estagiária propôs a pintura com pincéis e guaches de uma das obras deste pintor estrangeiro.

Ao início os alunos revelaram alguma dificuldade em escolher a obra que mais gostaram mas depois de todos escolherem a obra deu-se início à pintura. No final dois alunos dirigiram-se à estagiária e afirmaram “*Ó Professora Ângela, afinal não ficou assim tão mal...*”, disse o FR, e o RaM questionou “*Professora Ângela até está parecido com o do Miró, não está?*”.

Comentário:

A estagiária considera que a atividade de pintura realizada com a turma, no seguimento da aprendizagem da vida e obra de Joan Miró, foi bem aceite e motivadora o que se comprovou nos comentários e nos resultados finais de cada um. Muitos alunos afirmaram que gostavam de pintar, como a Ma, a B, a So e a In. Ao contrário do RaM e do FR que, inicialmente, diziam que não eram capazes e que não tinham jeito nenhum, no final, quando concluíram a sua pintura verificaram que também são capazes de fazer coisas bem feitas e bonitas, parecidas com a do pintor.

Descrição diária nº2

Nome dos alunos: Aluna B, L e S

Idade: 9 anos

Observadora: Estagiária (Ângela Ferreira)

Data: 5 de novembro de 2012

Descrição:

No início da semana, as estagiárias apresentaram aos alunos uma proposta: o trabalho de projeto. Foi pedido aos alunos que abrissem o manual de Estudo do Meio e selecionassem o tema que mais gostassem. Assim, depois de cada um selecionar o seu tema, as estagiárias anotaram no quadro os temas e foram criando grupos, tendo em conta os interesses de cada um. No final, foram criados sete grupos, havendo um que é composto por 13 elementos e três que apenas são formados por um aluno.

É de salientar que, após o diálogo com o grupo e depois de serem selecionados e divididos os trabalhos, durante o recreio foi possível ouvir alguns comentários relativos à distribuição de *tarefas* “*como somos um grupo grande, temos de ver o quê que cada um vai fazer!*” ou “*qual é o planeta que tu queres pesquisar?*”.

Comentário:

Ao início, as estagiárias estavam com algum receio de que a proposta não fosse bem aceite pelo grupo, na medida em que, estes poderiam rejeitar a proposta, visto que será mais um trabalho que terá de ser realizado por eles. Contudo, a reação dos alunos foi bastante positiva, uma vez que, os alunos mostraram logo interesse e entusiasmo em saber em quê que iria consistir esse trabalho e como o poderiam trabalhar.

Descrição diária nº3

Nome dos alunos: Aluno RaM, JP, I, FR, Má, S

Idade: 9 anos

Observadora: Estagiária (Ângela Ferreira)

Data: 7 de novembro de 2012

Descrição:

O diálogo com os alunos sobre “o que é arte” mostrou-se uma atividade bastante significativa, uma vez que, os alunos deram diferentes opiniões do que é para eles arte quando questionados pela estagiária “a arte para mim é o desenho que nós fazemos bem feito”, disse o RaM, “é as esculturas” para o I, “a arte não é só as pinturas, mas há outros tipos de arte como o karaté” acrescentou o Má. Um dos alunos, o JP, afirmou mesmo que “o mundo é uma arte”, um comentário bastante positivo do aluno, comentário esse que a estagiária tentou perceber melhor perguntado-lhe o porquê desta afirmação ao que o aluno sublinhou “ó professora, todo o mundo é uma arte porque à nossa volta existe muita arte... as pinturas, os castelos, as igrejas, os monumentos, a música, ...”. Outro aluno (FR) disse ainda que “a arte é a nossa imaginação profunda... nós fechamos os olhos, imaginamos e pintamos!”. Depois do diálogo, na atividade “mergulhar as folhas” os comentários positivos à atividade surgiram e relevaram que só o facto de mergulharem uma folha de árvore seca em água pode ser motivadora para o grupo, sendo isso evidenciado no comentário, a título de exemplo, que a Ma fez “ó professora isto fica mesmo giro! Já viu como a folha fica?” ou então “ó professora se eu mergulhar a folha ela vai mesmo ficar dessa cor?” (aluna S).

Comentário:

Com a atividade realizada em grande grupo, a estagiária teve a oportunidade de dialogar com os alunos sobre o conceito de arte, tentando compreender o que é para cada um a arte. Após as respostas dadas, a estagiária pode afirmar que os alunos são capazes de se abstrair do conceito de arte relacionado só com pinturas e mencionando outras vertentes, como a escultura, a música, entre outras.

O facto de serem utilizados elementos da natureza (as folhas secas) para uma atividade revelou que com coisas simples somos capazes de despertar o interesse e a curiosidade dos alunos, obtendo comentários bastante positivos.

Anexo LXI- Grelhas de auto-avaliação

- Grelha de auto-avaliação de Estudo do Meio


Nome: _____


Data: 27/11/2012


Sobre o sistema solar sou capaz de..

	Sim	Não
Identificar a forma da Terra	X	
Conhecer diferentes representações da Terra	X	
Identificar os constituintes do Sistema Solar		X
Identificar os planetas do Sistema Solar	X	
Identificar satélites naturais	X	
Reconhecer a viagem que provou que a Terra é redonda	X	
Explicar o que é o ciclo lunar	X	
Identificar as diferentes fases da lua	X	

Isto significa que:

 Trabalhei muito bem

 Trabalhei bem







 Preciso trabalhar mais

- Grelhas de auto-avaliação de Matemática







Nome: _____

Data: 02/11/2012

Sobre os números já sei...

						
Ler números até um milhão;					X	
Representar números até um milhão;					X	
Explicar as operações efetuadas;	X					
Resolver problemas com a subtração;					X	
Aplicar estratégias de cálculo mental;					X	
Utilizar estratégias de cálculo mental e escrito para a adição;						
Utilizar estratégias de cálculo mental e escrito para a subtração;	X					
Utilizar estratégias de cálculo mental e escrito para a multiplicação;			X			
Utilizar estratégias de cálculo mental e escrito para a divisão;			X			
Utilizar diferentes unidade de medida;	X					
Identificar múltiplos;						X
Reconhecer o que é um múltiplo;						X

Avaliação da atividade:

Legenda:		
	 	  
Ainda não sei	Já sei	Já sei muito bem



- Grelhas de auto-avaliação de Português

Nome: _____

Data: 29/10/2012

Sobre a gramática já sei...

	★	★ ★	★ ★ ★
Definir o que é um ditongo			×
Definir o que são dígrafos			×
Explicar o que é uma onomatopeia	×		
Indicar palavras da família de uma determinada palavra	×		
Indicar palavras da área vocabular de uma determinada palavra			×
Explicar a função dos sinais de pontuação num texto			×
Distinguir sinais de pausa de sinais de entoação		×	
Indicar a função dos sinais de pontuação que marcam pausa			×
Indicar a função dos sinais de pontuação que marcam entoação			×
Distinguir sinónimos de antónimos			×

Legenda:

★ Ainda não sei	★ ★ Já sei	★ ★ ★ Já sei muito bem
--------------------	---------------	---------------------------

Avaliação da atividade:



Anexo LXII – Grelha de observação da aula preenchida pelo par pedagógico



PAULA FRASSINETTI
DEPARTAMENTO DE
FORMAÇÃO EM
EDUCAÇÃO BÁSICA

GRELHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA

AULA	Estado do meio e matemática	CICLO	1º CEB
ESCOLA	[REDACTED]	LOCALIDADE	Guia
ALUNO	Angela Mariana (observado)	DATA AULA	5 / 11 / 2012

Em cada um dos itens abaixo proposto, assinala com uma cruz na coluna adequada, de acordo com os seguintes critérios:

- 1 e 2 são níveis negativos – a aplicar quando o aluno revela ausência ou dificuldades;
- 3, 4 e 5 são níveis positivos e gradativos;
- NO, não observado

Planificação / Preparação da(s) aula(s)	1	2	3	4	5	NO
Planifica corretamente e com adequação ao contexto					X	
Apresenta objetivos exequíveis e de acordo com o programa					X	
Propõe tarefas bem estruturadas e adequadas aos alunos					X	
Revela correção científica na formalização do plano					X	
Revela correção ortográfica na formalização do plano					X	
Propõe estratégias de avaliação adequadas					X	
Planifica atividades de diagnóstico					X	
Corrige os erros cometidos/apontados em planificações anteriores					X	

Desenvolvimento / Concretização / Implementação	1	2	3	4	5	NO
Clarifica com os alunos os objetivos a atingir					X	
Cria um clima de aula positivo, de organização, liberdade, responsabilidade e cooperação					X	
Utiliza adequadamente o espaço e o material didático					X	
Revela originalidade e diversifica os meios auxiliares de ensino na elaboração de estratégias					X	
Revela capacidade de adaptação a situações imprevistas ainda que tal possa inviabilizar o cumprimento do plano					X	
Realiza corretamente a programação estabelecida					X	
Constrói o ensino com base nos conhecimentos prévios dos alunos					X	
Formula questões que desenvolvem o pensamento a diferentes níveis cognitivos					X	
Formula questões diversificando os respondentes					X	
Domina a pronúncia da língua em uso					X	
Adequa a linguagem ao nível dos alunos					X	
Utiliza uma entoação de voz adequada					X	
Proporciona uma comunicação interativa					X	
Utiliza gestos, expressões faciais, olhares e posição corporal ajustada					X	
Demonstra controlo e segurança					X	
Estimula os alunos no sentido de melhorar o seu empenhamento					X	
Utiliza técnicas e/ou instrumentos de avaliação adequadas(os)					X	
Utiliza corretamente os conhecimentos científicos					X	
Dá tempo aos alunos para pensar					X	
Explora corretamente as situações de erro					X	
Aproveita as intervenções dos alunos e dá-lhes feedback adequado					X	
Planifica estratégias que promovam a mudança conceitual					X	
Revela progressos em relação à(s) aula(s) anterior(s)					X	

Avaliação da(s) aula(s)	1	2	3	4	5	NO
Faz uma autocritica consciente e adequada à aula tendo a noção exata do que não corresponde às expectativas e porquê					X	
Revela abertura de espírito, aceitando outros pontos de vista					X	
Utiliza argumentos corretos com calma e ponderação					X	
Perspetiva soluções para obviar as suas falhas					X	
Melhora, em aulas posteriores, a maioria dos erros apontados					X	

(A preencher aquando da visita do professor orientador)	
TOTAL(AIS)	PARCIAIS
	TOTAIS

1	2	3	4	5	NO

O(A) Aluno(a): Juliana Rodrigues

O(A) Professor(a) Supervisor(a): _____

Anexo LXIII – Perfil de Implementação do Programa (PIP) utilizado na Educação Pré-Escolar

PERFIL DE IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA (PIP)

(No caso de “pessoas em formação” apenas são considerados os itens assinalados com asterisco (*).

No caso da “implementação completa” são considerados todos os itens.)

I - AMBIENTE FÍSICO

*1. A sala está dividida em áreas de trabalho bem definidas e localizadas de forma lógica.

(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Não há áreas de trabalho definidas.		Divisão rudimentar do espaço (por ex., 2 ou 3 áreas) com fronteiras definidas por mobiliário grande ou biombo.		Divisão clara do espaço com áreas demarcadas por mobiliário baixo, estantes baixas, fitas, etiquetas.

Notas:

*2. Há espaço de trabalho adequado em cada área de sala.

(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Um espaço de trabalho apertado que limita grandemente a movimentação e o número de crianças que pode trabalhar em cada área.		Um espaço de trabalho inadequado em algumas áreas limita o número de crianças que pode trabalhar em conjunto.		Um espaço adequado em todas as áreas permitindo que grupos de crianças trabalhem em conjunto.

Notas:

*3. A sala é segura e bem conservada.

(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Há riscos evidentes para a segurança da criança (por ex., cantos aguçados, garrafas de vidro).		Não há riscos evidentes para a segurança, mas os materiais estão em más condições (por ex., lascados, partidos, incompletos).		Os brinquedos e materiais são seguros e conservados em boas condições. As áreas e os materiais potencialmente perigosos são supervisionados de forma adequada.

Notas:

***4. Os materiais são sistematicamente ordenados e claramente etiquetados.**

(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Não há qualquer ordem ou critério para a colocação dos materiais; ausência de etiquetas ou poucos materiais etiquetados.		Itens semelhantes são colocados juntos; as etiquetas são usadas por quase toda a sala; as etiquetas são apenas de um ou dois tipos.		Os materiais são agrupados por função ou tipo; todos os materiais são etiquetados; é evidente a existência de uma variedade de estratégias de etiquetagem (desenhos, quadros, fotografias, objetos reais).

Notas:

***5. Há materiais suficientes em cada área para várias crianças trabalharem em simultâneo.**

(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Materiais limitados em cada área.		Materiais suficientes em algumas áreas mas não em todas.		Materiais suficientes em todas as áreas.

Notas:

***6. Há objectos reais, materiais para usar os sentidos e para “fazer de conta”, há materiais para fazer representações a duas ou três dimensões disponíveis por toda a sala.**

(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Pouca variedade de materiais ou pouca oportunidade de atividade multissensorial em cada área. Poucos objetos reais.		Alguma variedade de materiais e alguma oportunidade de atividade multissensorial em cada área. Alguns objetos reais (roupa para as crianças se mascararem, utensílios de cozinha).		Larga variedade de materiais e amplas oportunidades para atividades multissensoriais; muitos objetos reais (livros, roupas, uniformes, materiais de construção, ferramentas, gravador, agrafadores, aparelhos); materiais não estruturados (cápsulas de garrafas, tiras de papel, embalagens de iogurte).

Notas:

***7. Os materiais estão ao alcance das crianças.**

(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Os materiais não estão facilmente ao alcance das crianças ou são entregues pelos adultos.		Alguns materiais estão ao alcance das crianças.		Todos os materiais estão ao alcance das crianças nos períodos previstos para tal na rotina diária.

Notas:

8. Existem materiais/equipamento no qual as crianças podem exercitar os grandes músculos.

(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Nenhum ou limitado equipamento para encorajar o exercício dos grandes músculos (levantar, trepar, empurrar/puxar).	Quantidade moderada de equipamento para encorajar o desenvolvimento dos grandes músculos.			Muitas peças de equipamento para encorajar o desenvolvimento dos grandes músculos.

Notas:

***9. A variedade de materiais desenvolve a consciência das diferenças entre as pessoas e as suas experiências.**

(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Nenhum ou poucos materiais que reflitam as diferenças de culturas, de ambientes, de vivências, de capacidades físicas.	Alguns materiais refletem essas diferenças.			Muitos materiais refletem essas diferenças (livros, comida, utensílios de cozinha, roupas, fotografias das casas e famílias das crianças, cadeira de rodas de criança, caixa de adereços, ferramentas para diferentes profissões, música).

Notas:

10. A variedade de materiais dá às crianças oportunidades de trabalho a nível da linguagem, da representação, da classificação e seriação, da numeração da movimentação, da noção de espaço, da noção de tempo, do desenvolvimento socio-emocional.

(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Os materiais são usados para proporcionar oportunidades em apenas duas das áreas acima referidas.	Os materiais são usados para proporcionar oportunidades em metade das áreas acima referidas.			Os materiais são usados para proporcionar oportunidades em todas as áreas acima referidas.

Notas:

Anexo LXIV - Registo do Portfólio da Criança nº1 na Educação Pré-Escolar

Nome da criança: Criança X

Data da realização: 15 de maio de 2012

Data da escolha: 15 de maio de 2012

Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo: Expressão Musical



Comentário da criança: *“Eu queria que pusesses esta fotografia no meu portefólio porque é de música e eu gosto muito de tocar músicas. Sabes eu em casa tenho uma viola a sério! Mas aqui eu estava a fingir que aquilo é um tambor.”*

Comentário da estagiária: Já não é a primeira vez que o R pega em objetos da sala para fingir que estes são tambores ou jambés. Nesta fotografia está com uma lata da área das construções, no entanto, também já o vi a utilizar uma panela do canto da bicharada para fingir.

Indicadores de desenvolvimento presentes:

- **Expressão Musical:**
 - Utiliza diferentes materiais para produzir som;

Propostas de intervenção: Construir com as crianças instrumentos musicais africanos, visto que as crianças usam objetos da sala para produzir som, tal como o R.

Tipologia de grupo:

Grande Grupo Pequeno Grupo Pares **Individual**

Anexo LXV – Registo do Portfólio da Criança nº2 na Educação Pré-Escolar

Nome da criança: Criança X

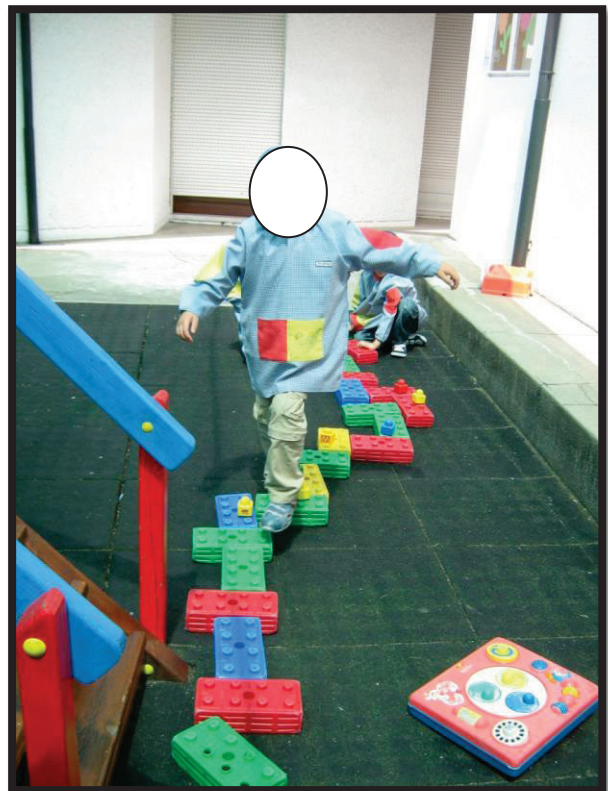
Data da realização: 28 de maio de 2012

Data da escolha: 28 de maio de 2012

Escolha realizada por: Criança

Área de Conteúdo: Expressão Motora

Comentário da criança: *“Eu, o M, o T e o B construímos com os blocos este caminho e tínhamos de passar em cima deles. Mas para passarmos em cima deles sabes o que tínhamos de ter? Equilíbrio...”*



Comentário da estagiária: No recreio, enquanto as outras crianças andavam a correr e a descer o escorrega, o R e os amigos construíram este caminho com blocos. O percurso construído foi feito pelo R com facilidade conseguindo manter-se em cima dos blocos, existindo equilíbrio.

Indicadores de desenvolvimento presentes:

- **Expressão Motora:**
 - Realiza percursos que integrem várias destrezas;
- **Área de Formação Pessoal e Social:**
 - Demonstra empenho nas atividades que realiza;

Propostas de intervenção:

- Tendo em conta o gosto das crianças em realizar percursos em cima dos blocos, pode ser realizado um exercício de equilíbrio com as crianças ou no recreio ou numa sessão de movimento com um percurso diferente;

Tipologia de grupo:

Grande Grupo **Pequeno Grupo** Pares Individual

Anexo LXVI – Registo de uma atividade significativa na Educação Pré-Escolar

Nome da atividade: Padrões com tampas (atividade de matemática)

Data: 21 de maio de 2012

Crianças intervenientes: 17 crianças

Adultos: Estagiária

Materiais: Caixa, tampas de plástico (azuis, amarelas, vermelhas, cor-de-laranja)

Competências:

- Ser capaz de compreender a relação entre as várias construções;

Descrição da atividade:

No início desta semana, propus ao grande grupo a realização de uma atividade de matemática relacionada com os padrões.

Ao iniciar a atividade questionei o grupo relativamente ao que poderia ter dentro da caixa e as respostas foram diversas, primeiro começaram por dizer que eu tinha colocado botões dentro da caixa. No entanto, o Martim disse que eu tinha uma tartaruga para mostrar aos meninos, ao que eu respondi negativamente e comecei a espreitar para dentro da caixa para os deixar mais curiosos. Quando abri a caixa, as crianças ficaram todas admiradas e disseram: *“tampas de plástico? Para quê?”*, ao que eu respondi: *“vamos fazer um jogo... um jogo de matemática”*e

Posto isto dei início à atividade, *“A Ângela vai colocar aqui 1 tampa amarela, agora 2 azuis, 1 amarela... e agora? O que ponho a seguir?”*, e o grande grupo disse *“2 azuis!”*, e eu reforcei *“muito bem meninos! Porquê que achas que vou pôr aqui 2 tampas azuis lara?”*, *“Porque, ali, a seguir à amarela puseste 2 azuis, então agora também tens de pôr!”*. Depois deste padrão repetitivo (1/2/1/2/...) formei o padrão repetitivo crescente (1, 2, 1, 3, 1, 4, 1, 5,...) *“A Ângela aqui vai pôr 1 tampa, agora 2! A seguir 1 e depois 3. Quem sabe o que tenho de pôr agora a seguir a 1 tampa?”*, e todos os meninos responderam *“Vais pôr quatro tampas!”*, *“vou? Porquê?”* perguntei eu para que

as crianças conseguissem explicar o raciocínio. Assim, começaram a dizer “ *Tu puseste 1 tampas, depois 2. Voltaste a pôr 1 e depois 3. A seguir ao 3 vem o 4, por isso, agora vais pôr quatro tampas!*”

Ao perceber que as crianças eram capazes de construir as sequências que estava a propôr dificultei a atividade e inseri um padrão crescente (1, 4, 7, 10, 13, ...). “Se eu puser 1 tampa e a seguir quatro... quantas tampas ponho a seguir?”, o grupo não respondeu, no entanto, o RA e o JM, foram capazes de explicar o seu raciocínio afirmando que “*se tu na primeira colocaste 1 e a seguir 4, agora vais ter de pôr 7... porque 1 mais 3 são 4, e 4 mais 3 são 7!*”, “*Muito bem meninos, é isso mesmo*” felicitei os dois meninos pela explicação que tinham dado aos restantes amigos.

No final, dei a oportunidade das crianças construírem padrões para que os colegas pudessem adivinhar a sequência.

Avaliação:

Considero que a atividade proposta suscitou uma grande curiosidade ao grupo pelo simples facto de verem uma caixa e ouvirem um barulho sem saberem o que estava lá dentro, como foi referido na descrição da atividade.

Quando coloquei o padrão repetitivo (1/2/1/2/...) e o padrão repetitivo crescente (1, 2, 1, 3, 1, 4, 1, 5, ...) verifiquei que o grande grupo foi capaz de descobrir e comunicar o seu raciocínio. No entanto, quando aumentei o grau de dificuldade ao colocar um padrão crescente (1, 4, 7, 10, 13, ...) o grupo não conseguiu encontrar a sequência à exceção de duas crianças que foram capazes de explicar o seu raciocínio. Ao ser confrontada com esta explicação posso comprovar que estes dois meninos compreenderam o processo lógico de construção.

A meu ver, esta atividade deve ser repetida com o restante grupo para que as crianças consigam compreender e explicar o seu raciocínio ao completar as sequências propostas. Contudo, para além destes padrões ainda poderei propôr o padrão crescente de números pares (2, 4, 6, 8, 10, ...)

É de salientar que as crianças me pediram para colocar as tampas de plástico na área dos jogos para que possam construir padrões ou outro tipo de construções, como já tive a oportunidade de observar. É surpreendente que

umas simples tampas de plástico podem suscitar diversas atividades e uma enorme curiosidade e vontade às crianças de trabalharem.

Em suma, a competência definida, anteriormente, foi atingida pelo grande grupo, de acordo com o grau de desenvolvimento de cada criança, uma vez que, nos padrões mais simples todas as crianças explicaram e compreenderam, mas no padrão mais complexo só duas crianças conseguiram expressar o seu raciocínio.

Anexo LXVII – Sessão de Expressão Motora na Educação Pré-Escolar

Partes Aula	Conteúdo	Organização Didático - Metodológica	Objectivos Comportamentais	Material	Tempo
Parte Preparatória		<p>As crianças distribuem-se pela sala:</p> <p>1. Existem arcos espalhados pelo chão;</p> <p>1. Enquanto andam devem estar atentos às indicações fornecidas pelo professor, sempre que este disser: “dentro”, as crianças têm que se colocar dentro dos arcos e quando disser: “fora” continuam a andar livremente.</p> <p>1. Distribuem-se as crianças pela sala e escolhe-se uma delas para fazer de águia.</p> <p>2. A águia coloca-se no centro da sala. A um sinal convencional (apito) a águia sai para caçar as outras crianças, para o que basta tocá-lhes.</p> <p>3. As crianças que foram “caçadas” pela águia saem.</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Apito; 	10 min.
Parte Principal	Perceber as partes do corpo	A Estagiária pede às crianças que formem pares para que realizem a proposta seguinte. Assim, quatro pares colocam-se alinhados e terão de fazer o percurso definido pela Educadora, esse percurso terá de ser feito em carrinho de mão. Vence o	<p>A criança deve ser capaz de:</p> <p>- Executar movimentos globais e precisos movimentando o corpo de uma forma livre</p>		15 min.












	<p>Exercícios de equilíbrio</p> <p>Jogos com bola</p>	<p>par que terminar primeiro o percurso.</p> <p>Em seguida a Estagiária propõe que sejam formadas duas equipas. Cada criança terá de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Andar sobre uma corda; - Andar com uma bola entre as pernas; - Lançar a bola à parede e apanhar; <p>Vence a equipa que terminar primeiro o percurso.</p>	<p>A criança deve ser capaz de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Executar movimentos globais e preciso movimentado o corpo de uma forma livre 	<ul style="list-style-type: none"> • Corda; • Bola; 	<p>10 min.</p>
<p>Parte final</p>		<p>Deitadas e afastadas, as crianças ouvem uma música calma relacionada com África, à medida que a Estagiária vai passando um balão pelo corpo das crianças.</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Música calma; • Balão; 	<p>5 min.</p>

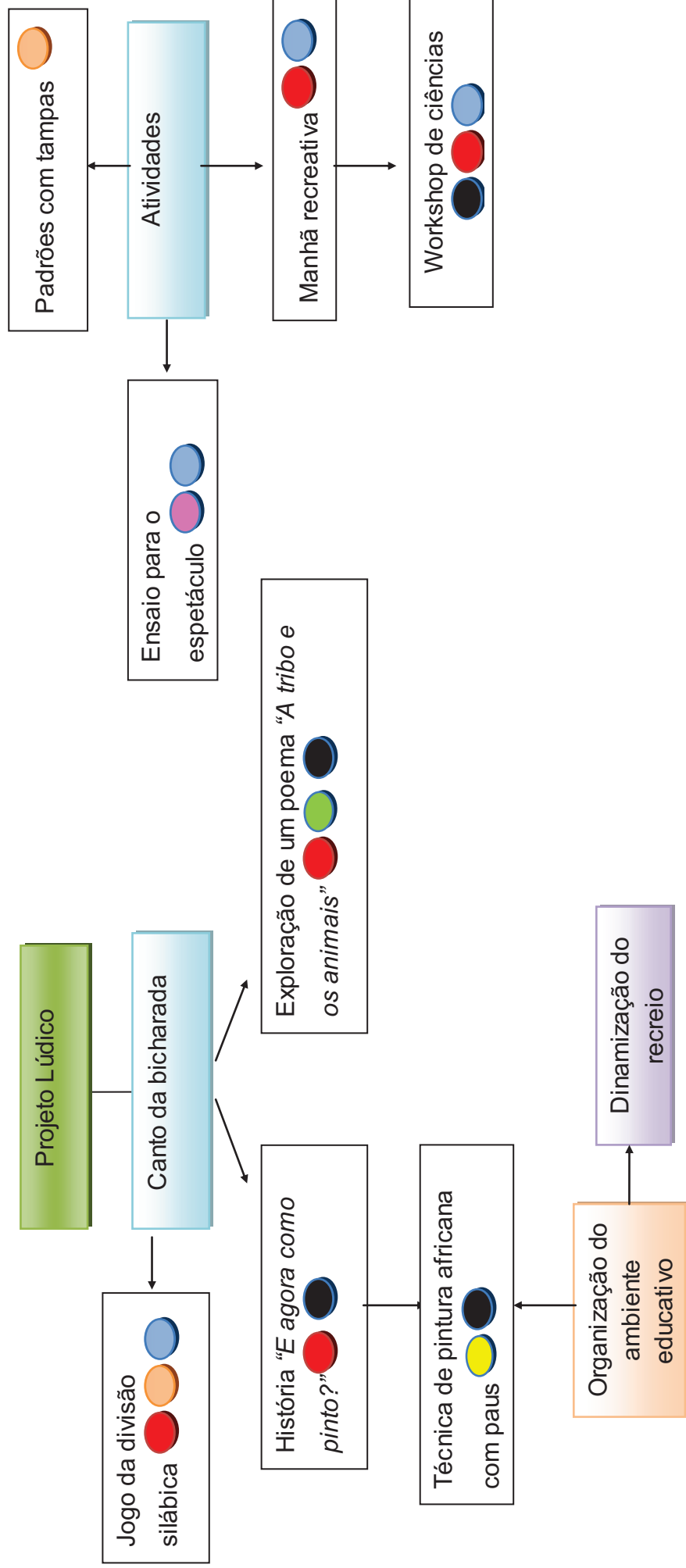
Anexo LXVIII – Exemplo de uma Planificação Semanal realizada na Educação Pré-Escolar

PLANIFICAÇÕES SEMANAIS

Ano Letivo de 2011/12

Legenda:

-  Área de Formação Pessoal e Social
-  Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita
-  Domínio da Expressão Plástica
-  Domínio da Expressão Dramática
-  Domínio da Expressão Musical
-  Domínio da Expressão Motora
-  Domínio da Matemática
-  Área de Conhecimento do Mundo
-  Domínio das Novas Tecnologias
-  Atividades propostas pelo educador
-  Atividades propostas pelas crianças



Intenções Pedagógicas

- Ser capaz de compreender a relação entre as várias construções;
- Segmentar silabicamente palavras;
- Experimentar uma técnica de expressão plástica característica de um povo;
- Recitar um poema;
- Participar em práticas de faz-de-conta;

Anexo LXIX – Exemplo de uma Planificação Semanal realizada no 1ºCEB

Planificação semanal: 19 a 21 de novembro 2012

Professor Supervisor: Doutora Brigitte Silva

Centro de estágio:

Estagiárias: Ângela Ferreira e Juliana Rodrigues

Ano de escolaridade: 4.º Ano

Orientador Cooperante:

Dia	Duração	Objetivos	Atividades	Recursos	Avaliação
19 de novembro (Ângela)	<p>Português: 10:00h-10:30h 11:00h-12:00h</p> <p>Outras áreas curriculares contempladas: Estudo do Meio</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ouvir a opinião dos outros; • Selecionar a informação correta; • Organizar tarefas de grupo; • Debater ideias com o grupo; 	<ul style="list-style-type: none"> • “Os nossos projetos...”; 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador; • Carto linas; • Folhas brancas; 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta;
	<p>Matemática: 13:15h-15:15h</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicar estratégias de cálculo; • Resolver problemas que envolvam as operações em contextos diversos. 	<ul style="list-style-type: none"> • “Vamos multiplicar e vamos dividir...”; 	<ul style="list-style-type: none"> • Power-point; • Computador; • Quadro interativo; 	<ul style="list-style-type: none"> • Correção dos problemas;

		<ul style="list-style-type: none"> • Treinar estratégias e problemas de cálculo; • Reconhecer fenómenos: de condensação, de solidificação, de precipitação e de evaporação; • Observar fenómenos: de condensação, de solidificação, de precipitação e de evaporação; 	<ul style="list-style-type: none"> • “Os fenómenos: de condensação, de solidificação, de precipitação e de evaporação”; • “A água no meio ambiente”; 	<ul style="list-style-type: none"> • Power-point; • Computador; • Projeto; 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Ficha de trabalho;
<p>20 de novembro (Ângela)</p>	<p>Português: 09:00h/10:30h</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o assunto do texto; • Selecionar a informação mais importante do texto; • Delimitar os três grandes momentos da ação: situação inicial, 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura do texto <i>Meninos de todas as cores</i>, de Lúisa Ducla Soares; • Análise do texto <i>Meninos de todas as cores</i>; • “Quem souber ler 	<ul style="list-style-type: none"> • Texto <i>Meninos de todas as cores</i>; • Cocas de papel; 	<ul style="list-style-type: none"> • Ficha de trabalho; • Grelha de avaliação para a leitura; • Grelha de avaliação para a produção de

		<p>desenvolvimento e situação final;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fazer a leitura expressiva de pequenos textos; • Criar composições com ordenação lógica; • Observar fenômenos: de condensação, de solidificação, precipitação e de evaporação; 	<p>ganha!”</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Quantos queres?” 		<p>textos;</p>
	<p>Estudo do Meio: 11:00h-12:00h</p> <p>Outras áreas curriculares contempladas: Português</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Observar fenômenos: de condensação, de solidificação, precipitação e de evaporação; • Realizar experiências que representem fenômenos de condensação, solidificação, precipitação e evaporação; • Preencher grelhas de 	<ul style="list-style-type: none"> • “Cientistas por um dia..”; • “Vamos registar o que observamos” 	<ul style="list-style-type: none"> • Vidro; • Um pano; • Recipiente; • Aquecedor; • Ficha de registo; 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta;

	<p>Matemática: 13:15h-15:15h</p>	<p>registro;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Utilizar estratégias de cálculo; • Resolver problemas que envolvam as operações em contextos diversos. • Compreender as tabuadas da multiplicação; 	<ul style="list-style-type: none"> • “A caixa com bolas de Natal” • “Loto da multiplicação”; 	<ul style="list-style-type: none"> • Caixa; • 30 bolas; • Cartões do loto; • Tampas; • Feijões; 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta. • Correção dos problemas;
<p>21 de novembro (Ângela)</p>	<p>Português: 10:00h-10:30h 11:00h-12:00h</p> <p>Outras áreas curriculares contempladas: Expressão Plástica</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ouvir ler obras de literatura para a infância; • Manifestar sentimentos e ideias suscitados por histórias; • Criar objetos tridimensionais a partir de materiais recicláveis; 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Leitura do texto A árvore de rebuçados, de Rosário Alçada Araújo;</i> • “A nossa caixa de rebuçados”; 	<ul style="list-style-type: none"> • Powerpoint; • Caixa; • Jornais; • Papel de crepe; • Tecidos; • Botões; • Lã; • Cola; • Tesouras. 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta;

Anexo LXX – Exemplo de uma avaliação semanal da Ed. Pré-Escolar

No início desta semana, propus ao grande grupo a realização de uma atividade de matemática relacionada com os padrões. Nesta atividade as crianças teriam de completar a sequência, tendo em conta, o que anteriormente tinha sido “construído”. Quando coloquei o padrão repetitivo (1/2/1/2/...) e o padrão repetitivo crescente (1, 2, 1, 3, 1, 4, 1, 5, ...) verifiquei que o grande grupo foi capaz de descobrir e comunicar o seu raciocínio. No entanto, quando aumentei o grau de dificuldade ao colocar um padrão crescente (1, 4, 7, 10, 13, ...) o grupo não conseguiu encontrar a sequência à exceção de duas crianças, o RA e o JM, que foram capazes de explicar o seu raciocínio afirmando que *“se tu na primeira colocaste 1 e a seguir 4, agora vais ter de pôr 7... porque 1 mais 3 são 4, e 4 mais 3 são 7!”* Ao ser confrontada com esta explicação posso comprovar que estes dois meninos compreenderam o processo lógico de construção.

Quanto ao jogo de divisão silábica, a meu ver correu bem uma vez que, senti as crianças interessadas, na medida em que, queriam responder ao número de sílabas de uma palavra mesmo quando não eram elas a dar a resposta. E verifiquei que o grupo já é capaz de fazer a divisão silábica de uma palavra corretamente.

Para contar uma história relacionada com o projeto utilizei uma mala. Ao verem este dispositivo pedagógico, as crianças demonstraram uma grande curiosidade em saber para quê que serviria a mala e o que estaria dentro dela. Com a narração o grupo ficou a conhecer a técnica de pintura africana (utilização de paus).

Relativamente à exploração do poema as crianças mostraram-se bastante empenhadas e animadas pedindo sempre para repetir a atividade. Com esta atividade pude observar que as crianças são bastante expressivas e que conseguem identificar com facilidade as palavras que rimam num poema.

Por último, esta semana realizamos uma manhã recreativa relacionada com experiências. Considero que a manhã recreativa correu bem e as crianças estavam interessadas nas atividades que propusemos. Focando-me, principalmente, na minha é de salientar que os grupos eram capazes de prever o que iria acontecer quando colocassem os óculos, uma vez que, quando

questionadas as crianças respondiam todas que ao colocarem os óculos iriam ver as coisas de outra cor.

Anexo LXXI – Exemplo de uma avaliação semanal do 1ºCEB

De forma a utilizar instrumentos de trabalho implementados pelo Movimento da Escola Moderna, as estagiárias apresentaram aos alunos uma proposta: o trabalho de projeto.

É conveniente afirmar que no início, as estagiárias estavam com algum receio de que a proposta não fosse bem aceite pelo grupo. Contudo, a reação dos alunos foi bastante positiva, uma vez que, os alunos mostraram logo interesse e entusiasmo em saber em quê que iria consistir esse trabalho e como o poderiam trabalhar. É de salientar que, após o diálogo com o grupo e depois de serem seleccionados e divididos os trabalhos, durante o recreio foi possível ouvir alguns comentários relativos à distribuição de *tarefas* “*como somos um grupo grande, temos de ver o quê que cada um vai fazer!*” ou “*qual é o planeta que tu queres pesquisar?*”. A atitude dos alunos durante esta semana superou, assim, as expectativas das estagiárias.

Para além do trabalho foi também apresentado ao grupo a planificação semanal. Na segunda-feira, antes de dar início à aula, a estagiária mencionou que a partir desta semana seria afixada na sala e dada a conhecer a planificação da semana aos alunos para que estes tivessem conhecimento daquilo que iria ser trabalhado. Foi notório o interesse dos alunos em consultar a planificação e mencionar aquilo que já tinhamos feito e aquilo que ainda nos falta fazer “*hoje é segunda-feira já demos os diferentes tipos de texto, a seguir é o jogo dos sacos das histórias!*” ou “*o quê que vamos fazer quarta-feira?*”.

Indo, ainda ao encontro do que é trabalhado no MEM, quarta-feira foi realizada a assembleia de turma. Os alunos mencionaram aquilo que fizemos, aquilo que mais gostaram de fazer e foi feita uma avaliação da semana (como correu, o que poderia ter sido feito diferente, ...), considero que, embora tenha sido a primeira vez que os alunos realizaram uma assembleia, esta correu da forma esperada, na medida em que os dois alunos (RS e a Ma), seleccionados para serem os representantes da turma, se mostaram à vontade e coerentes naquilo que afirmavam.

A primeira atividade realizada esta semana despertou o interesse e o entusiasmo nos alunos, uma vez que, tinham de retirar dos sacos as personagens e o espaço do texto narrativo que iriam criar. O facto de a

personagem e o espaço serem tirados de um saco e serem aleatório fez com que o grupo ficasse curioso quando metiam a mão dentro do saco “ó professora, qual é que me vai sair?”. Quando viam a personagem que lhes saiu ficavam satisfeitos “fixe! Era mesmo este que eu queria...”. A meu ver, a estratégia utilizada para a construção de textos narrativos foi bem adotada, na medida em que a turma conseguiu construir textos narrativos criativos, independentemente da personagem, do espaço, da ação e do tempo que lhes saiu.

Ao abordar com a turma “o nosso passado” e quando confrontados com a questão “porquê que na imagem é representado o castelo de guimarães?” alguns alunos responderam que “foi em guimarães que nasceu D.Afonso Henriques”, tal como o aluno FR, a L e a Ma, mas o aluno I completou o que tinha sido dito pelos colegas “foi em guimarães que nasceu D.Afonso Henriques e foi aí que Portugal começou a lutar pela sua independência...”.

O jogo do 24 é um jogo já conhecido e jogado quase por todos os alunos, assim, ao ser proposta a atividade, a turma mostrou-se logo interessada e motivada para jogar, sendo uma das atividades que mais gostaram de fazer esta semana, tal como referiram na assembleia. Durante o jogo, os alunos não demonstraram muitas dificuldades em realizar as estratégias de cálculo mental: a adição, a subtração e a multiplicação. No entanto, alguns alunos demonstraram dificuldades em resolver as cartas do jogo, tais como, a AC, a Mari e o B.

Dando continuidade às dinastias, foi apresentado ao grupo um powerpoint sobre “o passado nacional”. Quando confrontados com algumas questões, como por exemplo, “Porquê que se deu em 1128 a Batalha de S.Mamede?”, alguns alunos souberam responder, como o RaM, a S e o FR. Durante a projeção do powerpoint os alunos mostraram-se interessados e curiosos nas imagens selecionadas alusivas às dinastias e revelaram conhecer alguns locais apresentados, como o Convento de Mafra e o Mosteiro de Alcobaça. No final, para consolidar as aprendizagens adquiridas relativas às quatro dinastias, foi proposto ao grupo uma atividade lúdica: palavras cruzadas. É de salientar que, esta simples atividade, foi uma das que os alunos mais gostaram de realizar como é referido por eles na assembleia.

No início do jogo *“quem souber ganha...”* foi possível manter a organização e a atenção dos alunos. Ao serem confrontados com um jogo de revisão e competição motivou-os e fez com que se mantivessem atentos e empenhados para responderem certo e em primeiro lugar, ordenadamente, de forma a pontuarem e a vencerem o jogo. Os grupos e os porta-vozes foram formados pela estagiária, de forma a existir equilíbrio entre as equipas e de forma a dar a oportunidade a outros alunos de serem os porta-vozes.

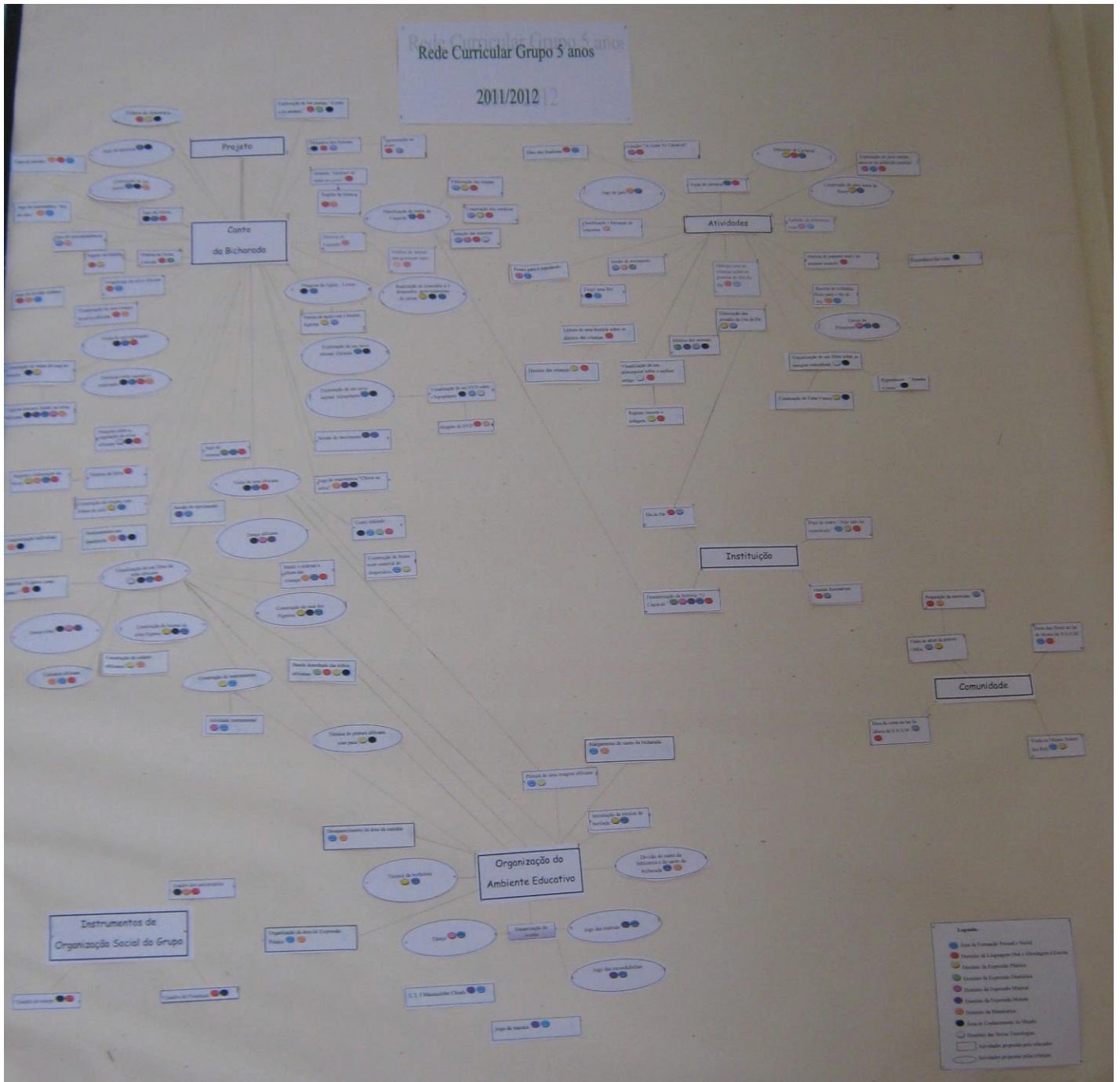
Para a aula de matemática a estagiária tinha planificado que as atividades de multiplicação e de divisão iriam ser realizadas no quadro interativo com o uso da caneta de forma a proporcionar uma aula diferente aos alunos. No entanto, como os imprevistos acontecem, o site da escola virtual não estava a ser projetado corretamente no quadro interativo impossibilitando, assim, a realização dos exercícios. Contudo, a estagiária teve de utilizar outra estratégia que não estaria planificada, tendo assim de improvisar para que a atividade fosse realizada. Posto isto, foi projetado no quadro os problemas propostos na escola virtual, os alunos realizaram-nos no caderno e, à posteriori, iriam ao computador resolver o problema para que todos corrigissem o que fizeram. Na opinião da estagiária, embora tenha existido um contra-tempo é fundamental arranjar uma solução para o nosso problema de forma a dar continuidade ao que estava planeado fazer, sem nunca deixar que isso interfira na atividade e nos condicione.

Por último, o diálogo com os alunos sobre *“o que é arte”* mostrou-se uma atividade bastante significativa, uma vez que, os alunos deram diferentes opiniões do que é para eles arte quando questionados pela estagiária *“a arte para mim é o desenho que nós fazemos bem feito”*, disse o RaM, *“é as esculturas”* para o I, *“a arte não é só as pinturas, mas há outros tipos de arte como o karaté”* acrescentou o Má. Um dos alunos, o JP, afirmou mesmo que *“o mundo é uma arte”*, um comentário bastante positivo do aluno, comentário esse que a estagiária tentou perceber melhor perguntado-lhe o porquê desta afirmação ao que o aluno sublinhou *“ó professora, todo o mundo é uma arte porque à nossa volta existe muita arte... as pinturas, os castelos, as igrejas, os monumentos, a música, ...”*. Outro aluno (FR) disse ainda que *“a arte é a nossa imaginação profunda... nós fechamos os olhos, imaginamos e pintamos!”*. Depois do diálogo, na atividade *“mergulhar as folhas”* os comentários positivos

à atividade surgiram e relevaram que só o facto de mergulharem uma folha de árvore seca em água pode ser motivadora para o grupo, sendo isso evidenciado no comentário, a título de exemplo, que a Ma fez “ó professora isto fica mesmo giro! Já viu como a folha fica?” ou então “ó professora se eu mergulhar

a

Anexo LXXII – Rede Curricular



Comentário: A rede curricular encontra-se afixada na sala para que todos tenham uma visão do que foi feito durante o ano na sala dos 5 anos.

Anexo LXXIII – Reflexões elaboradas na Ed. Pré-Escolar

• Reflexão Envolvimento Parental

Reformulação: 23 de maio de 2012

O educador deve *“incentivar a participação das famílias no processo educativo [...]”* (Decreto-Lei nº5/97, 10 de Fevereiro), pois estes são os agentes principais responsáveis pela educação da criança e têm direito de conhecer, escolher e contribuir nas aprendizagens dos filhos. Assim, tendo por base a afirmação do Decreto-Lei achei que seria importante envolver os pais no projeto da nossa sala para que tivessem conhecimento do que estava a ser trabalhado e desenvolvido com as crianças.

Quando iniciei o estágio, a Educadora informou-me que já estava a estabelecer o envolvimento dos pais no projeto pedindo que cada criança realizasse em casa uma pequena pesquisa sobre um animal selvagem e a trouxesse para a sala. Quando a pesquisa era entregue à Educadora, a Educadora li-a para que todo o grupo tivesse conhecimento do trabalho dos amigos. É importante que exista este trabalho de pesquisa com os pais porque *“o envolvimento dos pais nas actividades de pesquisa pode trazer um contributo fundamental para o trabalho educativo. É um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem ao favorecer um clima de comunicação, de troca e procura de saberes entre crianças e adultos”* (DEB, 2002:45).

A primeira proposta para envolver os pais foi a construção de uma história relacionada com um dos animais selvagens que as crianças tivessem aprendido.

À medida que as crianças traziam a história, esta era lida para o grande grupo para que as crianças conhecessem a história que os amigos fizeram com os pais e que, posteriormente, ilustraram. As crianças ficavam muito felizes quando as suas histórias eram lidas para os colegas.

No final, as *“histórias da bicharada”* foram expostas no placard exterior.

Assim, *“a participação dos pais nas atividades realizadas na escola é pois, bastante importante e vantajosa para o desenvolvimento integral das crianças, isto porque a aprendizagem pela ação depende das interações positivas entre a escola e a família. Tendo em conta que é importante fornecer às crianças um clima psicologicamente protegido e saudável, os adultos devem ser apoiantes nas atividades e brincadeiras dos mesmos, mostrando sempre à criança que estão interessados e empenhados nesses trabalhos, quer na escola, quer em casa. Este tipo de interação permite à criança expressar-se com liberdade e confiança, experimentando uma partilha verdadeira de tudo o que é feito no seu dia-a-dia.”* (Hohmann, Weikart, 2007)

O interesse das crianças era tanto no projeto e nos animais selvagens que nos pediram para construirmos mais animais para o canto da bicharada. No entanto, como as propostas das crianças eram muitas, não havia tempo para fazer tudo o que nos pediam. Desta forma, sentimos a necessidade de pedirmos aos pais que construíssem com a ajuda dos filhos e com materiais recicláveis os animais que enriquecessem o nosso canto. Estes trabalhos foram expostos no exterior da sala. Contudo, apenas 50% dos pais trouxeram um animal porque os restantes afirmaram que não tinham tempo para fazer. E, tal como Teresa Vasconcelos afirma *“o envolvimento directo das famílias é de grande importância em educação de infância, em particular para o desenvolvimento de projectos em sala de actividades, constituindo um recurso valioso.”* (2012:33)

Para além de ser necessário envolver os pais nos projetos das salas, também é importante que façam planeamento das *“reuniões com as famílias. Convidar as famílias para um encontro informal [...] Os membros da família pode assim observar o ambiente escolar e conhecer os técnicos e outras famílias.”* (Hohmann, Weikart, 1995:118). Desta forma, durante os quatro meses de estágio tive a oportunidade de assistir a uma reunião de pais da sala dos 5 anos, bem como estar presente na festa do Dia do Pai e do Dia da Mãe. Em ambas as comemorações houve um desfile de pais com filhos onde existiam temas e teriam de ser feitas construções de acordo com um tema. É de salientar que, nos dois desfiles surgiram trabalhos muito originais e houve uma grande adesão por parte dos pais das crianças que frequentam a instituição.

“A família modela a criança segundo as suas práticas educativas e os seus esquemas culturais” (Pourtois, 1994), é no seio da família que a criança constrói a estrutura da personalidade. Actualmente acredita-se que *“os efeitos da educação pré-escolar estão intimamente relacionados com a articulação com as famílias”* (Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, 1997:22), por isso não devemos abandonar a articulação entre estabelecimento educativo e as famílias. John Dewey garante que *“ (...) é tarefa da escola aprofundar e alargar os valores da criança, previamente desenvolvidos no contexto da família”* (Hohmann, 2009:99). Adoptando uma relação próxima e de diálogo com os pais podemos dar a conhecer as finalidades, funções e benefícios educativos da educação pré-escolar, não contribuindo para a desvalorização desta valência. O educador deve encarar a família como a unidade de prestação de serviços, ou seja, a família ajuda a conhecer os pontos fortes da criança e da própria; a dar resposta às prioridades identificadas pela família e a apoiar os valores e o modo de vida de cada família.

Em suma, *“o envolvimento dos pais e de outros parceiros educativos constitui um processo que se vai construindo. Encontrar os meios mais adequados de promover a sua participação implica uma reflexão por parte do educador e da equipa sobre o n+ível e formas de participação desejáveis e as iniciativas a desenvolver, num processo que vai sendo corrigido e ajustado de acordo com a avaliação realizada.”* (ME, 1997:46)

- **Reflexão alteração do espaço**

Reformulação: 24 de maio de 2012

“A organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo” (1997:37), atendendo à afirmação das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, a equipa pedagógica achou conveniente retirar da sala a área da casinha para poder prolongar o canto da bicharada. O novo canto criado vai ao encontro do projeto lúdico escolhido pelas crianças e todos os materiais existentes no canto foram construídos pelas crianças e sugeridos por elas, tais como, o leão e o crocodilo construídos com materiais de desperdício e as árvores e as lianas que fazem parte do habitat dos animais da selva.

Ao canto da bicharada as crianças quiseram acrescentar os objetos característicos de um explorador da Natureza: o jipe, as lupas, as lanternas e os binóculos, objetos esses construídos, também, com material de desperdício. Assim, o canto da bicharada é enriquecido com materiais que surgem *“de acordo com as necessidades das crianças e o seu projeto pedagógico, tendo em conta critérios de qualidade.” (1997:38)*

Tendo em conta os interesses das crianças no projeto e o desejo de quererem conhecer mais, depois de terem conhecido os povos africanos, as crianças propuseram a construção de uma cubata (casa dos pigmeus), com um guarda-sol e uma esteira. Ao ser construída a habitação dos pigmeus na sala, o canto ficou mais enriquecido e fez com que a equipa pedagógica alterasse um pouco a área da biblioteca. Ao confrontar-se com a inserção da cubata na sala, a equipa pedagógica achou necessária esta alteração de forma a adequar o espaço ao grupo. Assim, é fundamental que se reflita *“sobre o espaço, materiais e sua organização para evitar espaços estereotipados e padronizados que não são desafiantes para a criança.” (1997:38)*

É de salientar que os materiais que permitem à criança “explorar” a natureza ou “viver” como uma tribo contribuem para o desenvolvimento e conhecimento da criança e tal como é mencionado nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar *“o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão*

dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender.” (1997:37)

O jogo simbólico assume uma importância extrema nesta faixa etária, pois é através deste que as crianças entendem o mundo dos adultos, desenvolvem a sua imaginação e a criatividade, adquirem sentido de responsabilidade, dispersam emoções e desenvolvem a sua identidade, para a partir daqui, construírem elas próprias a sua acção, uma vez que já conseguem dar significados que lhes permitem conhecer e recrear o real. A criança através de um conjunto de técnicas e materiais explora a sua criatividade e a imaginação, expressando o seu mundo interior e expressando aquilo que viu. No canto da bicharada as crianças, cada vez mais, reproduzem aquilo que vêem. Depois de visualizarem o DVD da tribo africana as crianças começaram a imitar aquilo que viram no filme.

Relativamente aos materiais existentes no canto da bicharada, estes foram construídos com materiais recicláveis o que realça a importância de preservar o ambiente. Os materiais disponibilizados às crianças na educação pré-escolar serão fundamentais *“para que a criança possa realizar o que deseja.”* (ME, 1997:62). Ao construirmos com as crianças materiais alusivos ao povo africano e ao explorador da Natureza dá-lhes a oportunidade de vivenciar aquilo que elas tanto queriam. Assim, as crianças vão sentir-se privilegiadas porque foram “ouvidas” e faremos com que elas expressem, cada vez mais, aquilo que querem.

Ao ser alargado o canto da bicharada foi permitido que as crianças presentes nesta área aumentassem. No entanto, por vezes surgem alguns conflitos entre as crianças porque querem todas ir para o canto da bicharada. Mas, quando se entendem, são capazes de brincar todas juntas.

Em suma, é fundamental que o educador dê a possibilidade à criança *“de fazer escolhas e de utilizar o material de diferentes maneiras, que incluem formas imprevistas e criativas, supõe uma responsabilização pelo que é partilhado por todos.”* (1997:38)

- **Espaço sala e materiais**

Reformulação- 25 de maio de 2012

“Quando um objeto ou um ambiente é aberto a diferentes possibilidades de interpretação e de uso, a criança passa a deter o poder de definir o que ele é ou para que serve, em vez de, estereotipadamente, identificar uma maneira correta de o entender ou de sobre ele agir.” (HOHMANN.; BANET.; WEIKART, 2011:161)

A sala dos 5 anos é grande, ampla, muito bonita e apelativa, luminosa, possui várias janelas que possibilitam a entrada de luz natural, essas mesmas janelas são importantes para as crianças terem a visão do que acontece à volta, se chove ou se está sol.

A organização e a diversidade do espaço, bem como os materiais disponibilizados pelo educador são de elevada importância, pois condicionam o que as crianças podem fazer e aprender. Segundo os Modelos Curriculares para a Educação de Infância *“ a sala permite à criança uma vivência plural da realidade e a construção da experiência dessa pluralidade.” (FORMOSINHO, 1996:53)*

A sala está dividida por áreas de trabalho, tais como: o canto da bicharada, a área da plástica, a área dos jogos, a área das construções e a área da biblioteca. Segundo Júlia Formosinho *“Esta organização da sala em áreas, além de ser uma necessidade indispensável para a vida em grupo, contém mensagens pedagógicas quotidianas.”(FORMOSINHO, 1996:53)*

Segundo Lluís Borràs, *“Cada uma das áreas de aprendizagem que a parecem no currículo são necessárias para uma educação global e integral, porque todas elas respondem a uma ampla observação das peculiaridades psicopedagógicas, físicas e sociais das crianças destas idades.” (BORRÀS, 2002:274)* Por sua vez, Bernard Spodek e Olivia Saracho asseguram que cada área *“deve ser planeada de modo a propiciar atividades baseadas nos interesses das crianças e que estimulem uma aprendizagem valiosa.” (SPODEK, SARACHO, 1998:127)*

O **canto da bicharada** é a mais frequentada por ambos o sexos. Esta área está bem apetrechada e foi construída tendo em conta os interesses das crianças.

O canto da bicharada está dividido em duas partes, sendo uma a tenda do explorador e outra a casa africana (cubata). No meio de ambas, encontram-se alguns animais construídos quer pelas crianças quer no envolvimento parental.

Na tenda, as crianças têm à disposição vários elementos característicos de um explorador, tais como, o jipe, as lupas, os binóculos, as lanternas, os tachos, os frutos tropicais e a fogueira.

Na cubata, o grupo tem à sua disposição os arcos e as flechas característicos do povo africano, colares africanos e instrumentos musicais.

Neste canto da sala, predomina o jogo simbólico, na medida em que, as crianças fingem ser exploradores da natureza ou uma tribo africana.

Na **área das construções**, é possível encontrar legos de vários tamanhos, carros, pistas, blocos de madeira e bonecos pequenos. A área não tem muitos materiais mas as crianças adoram ir para lá e com os materiais que estão à disposição realizam casas, piscinas, aviões, carros, quintas para os animais, etc. Através desta área as crianças também estão imersas na realidade, fazendo alusão a várias profissões como pedreiros, construtores civis ou carpinteiros. (FORMOSINHO, 1996:68) Ao realizarem as construções desenvolvem o raciocínio lógico e aprendem a sequenciar os acontecimentos. Para possibilitar mais aprendizagens a área poderia englobar: *“rampas, cartões, blocos de diversas formas e tamanhos, blocos feitos com pacotes de leite ou sumo, tubos de plástico ou metal, tábuas, paus, cordas, etc.”* (HOHMANN; BANET; WEIKART, 2011:187)

Na **área das expressões** as crianças podem utilizar folhas, lápis de grafite, de cor e de cera, marcadores, borracha, afixador, tintas, pincéis, massa de farinha, tesouras e materiais de desperdício como diversas lãs, bocados de papel, espuma, etc. Esta área também está muito bem apetrechada e possibilita ao grupo uma pluralidade de experiências. Podem usar a imaginação e fazerem belas obras de arte colando e recortando, podem desenvolver a motricidade fina e a criatividade usando o cavalete, as tintas e os pincéis para fazerem pinturas abstratas ou com um objetivo específico, podem também moldar com pasta de farinha, as crianças gostam muito deste material. *“Enquanto amassam, mexem, enrolam, cortam, furam, torcem e dobram materiais, as crianças em idade pré-escolar aprendem a observar mudanças: encaixar coisas, separá-las, ordená-las, combiná-las e transformá-las”* (HOHMANN; BANET; WEIKART, 1984:60) Esta é talvez a área que

desenvolve mais capacidades e articula mais saberes, é também dos espaços favoritos do grupo.

Na **área dos jogos** existem puzzles de diferentes graus de dificuldade, jogos de informação, os blocos lógicos, o tangrã, o dominó, o jogo do galo, entre outros. Existem ainda outros jogos relacionados com o projeto, tais como, a roleta dos animais, o puzzle do hipopótamo, o tiro ao alvo, o jogo da memória, etc. As crianças frequentam esta área com moderação preferindo outras áreas. No entanto, as que frequentam a área revelam prazer por construir os puzzles e esforçam-se por os conseguir montar. Também gostam de montar o dominó, mas algumas vezes servem-se dele para fazerem construções. Esta área pode desenvolver o raciocínio lógico matemático, a cooperação e o trabalho em grupo, a aceitação das ideias dos outros e permite a familiarização com as figuras geométricas.

A **área da biblioteca** encontra-se situada num local sossegado e tranquilo, beneficiando da luz natural. Na biblioteca existem alguns livros e estão catalogados por cores para facilitar a sua arrumação, organizados em duas estantes baixas.

As crianças adoram ouvir histórias mas também apreciam muito serem elas a contar histórias, tanto aos amigos como aos adultos. Contam as histórias fingindo estarem a ler, interpretando aquilo que veem nas imagens e usando a memória. Para além dos livros, e depois de contar uma história com fantoches, foi inserido na área da biblioteca um cesto com fantoches. É de salientar que as crianças os utilizam várias vezes, inventando histórias com as personagens que têm.

A biblioteca assume uma grande importância, pois familiariza as crianças com o código escrito e desperta o gosto pela leitura e pela escrita.

Por último, a **área do acolhimento** é o local onde o adulto se reúne com as crianças de manhã ou de tarde. É neste mesmo local se são realizadas as atividades em grande grupo, as danças, as trocas de ideias, as partilhas, as novidades, entre outros.

Para Lluís Borrás, a organização dos espaços da sala deve depender do grupo de crianças e dos seus interesses, pois é através deles que as crianças vão descobrir, aprender e crescer. As crianças devem participar na organização dos espaços e estes devem ser amplos, de fácil acesso e devem estar bem identificados, para que as crianças consigam facilmente perceber o que podem encontrar em cada uma das divisões da sala, tornando-se assim mais autónomas.

Por sua vez, os espaços exteriores também assumem um papel fundamental no processo de aprendizagem das crianças, as crianças ao brincarem livremente ou orientadas pela educadora descobrem o mundo que as rodeia, despertando nelas vários interesses.

Desde o início do ano que a sala já sofreu algumas transformações devido aos interesses das crianças e devido ao surgimento de um novo canto na sala. No início do estágio, quando cheguei à sala ainda existia a área da casinha, no entanto, com o grande interesse das crianças em desenvolver o projeto, o canto da bicharada começou a tornar-se pequeno e foi necessário retirar da sala a área da casinha. Relativamente à área da expressão plástica, esta também tem vindo a sofrer alterações, tais como, a reorganização das mesas.

Em suma, a sala está bem apetrechada e os materiais foram surgindo lentamente para que as crianças possam explorar melhor cada material. Existem materiais comprados, construídos e outros trazidos de casa, originados da vida real. Miguel Zabalza atesta que uma sala de ensino pré-escolar *“deve conter materiais de todos os tipos e condições, comerciais e construídos, alguns mais formais e relacionados com atividades académicas e outros provenientes da vida real, ... de todas as formas e tamanhos.”* (ZABALZA, 1992:53)

Anexo LXXIV – Reflexões elaboradas no 1ºCEB

Envolvimento Parental Pré-Escolar/1ºCEB

23 de novembro de 2012

Como é referido na Lei de Bases do Sistema Educativo “*à família cabe um papel essencial (...)*” (Lei nº46/86) na vida escolar dos seus educandos e o modelo pedagógico adotado valoriza bastante a participação dos pais nos projetos desenvolvidos na sala e na escola

O educador deve “*incentivar a participação das famílias no processo educativo [...]*” (Decreto-Lei nº5/97, 10 de Fevereiro), pois estes são os agentes principais responsáveis pela educação da criança e têm direito de conhecer, escolher e contribuir nas aprendizagens dos filhos. Assim, tendo por base a afirmação do Decreto-Lei a estagiária achou que seria importante envolver os pais no projeto da sala, quer na Educação Pré-Escolar quer no 1ºCEB, para que tivessem conhecimento do que estava a ser trabalhado e desenvolvido com o grupo.

Várias foram as propostas na Educação Pré-Escolar que envolveram as famílias, desde a construção de histórias sobre a bicharada à construção de animais em três dimensões e ainda foram realizadas pesquisas com as crianças, entre outras. E, tal como é afirmado pelo Departamento de Educação Básica (2002:45), é importante que exista este trabalho de pesquisa com os pais porque “*o envolvimento dos pais nas actividades de pesquisa pode trazer um contributo fundamental para o trabalho educativo. É um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem ao favorecer um clima de comunicação, de troca e procura de saberes entre crianças e adultos*”

Também no 1ºCEB a relação família/escola é importante e deve, sem dúvida, existir. A relação entre pais e professores dos diferentes níveis de ensino torna-se fundamental para a transição que os alunos necessitam de fazer entre ciclos.

Ao iniciarem o estágio, as estagiárias começaram a delinear estratégias que pudessem envolver os pais. Assim, foi solicitado, primeiramente, aos pais que participassem nos projetos que se estavam a viver na escola, tais como, a recolha de tampinhas para ajudar as crianças com NEE, a recolha de alimentos e vestuário

para as crianças com mais dificuldades económicas. É de salientar que, até ao momento, várias têm sido as ajudas prestadas pelos pais, respondendo positivamente à ajuda solicitada.

Outra das formas de envolver os pais, vai de encontro com os projetos que estão a ser trabalhados pelos alunos. Desta forma, as estagiárias pretendem, no final do estágio, dar a conhecer aos pais os trabalhos que os alunos realizaram em grupo durante os três meses de estágio, porque é importante dar a oportunidade aos pais de verem o que foi desenvolvido pelos filhos, uma vez que, *“os resultados podem ser espantosos.”* (Machadom 2011:77).

As estagiárias pretendem também solicitar aos pais, a construção de enfeites de natal para decorarem a nossa sala, bem como a escola, de forma a envolver-los mais no processo de aprendizagem dos seus filhos.

Para além de ser necessário envolver os pais nos projetos das salas, também é importante que façam planeamento das *“reuniões com as famílias. Convidar as famílias para um encontro informal [...] Os membros da família pode assim observar o ambiente escolar e conhecer os técnicos e outras famílias.”* (HOHMANN, Weikart, 1995:118).

“A família modela a criança segundo as suas práticas educativas e os seus esquemas culturais” (Pourtois, 1994), é no seio da família que a criança constrói a estrutura da personalidade. Actualmente acredita-se que *“os efeitos da educação pré-escolar estão intimamente relacionados com a articulação com as famílias”* (Ministério da Educação, 1997:22), por isso não devemos abandonar a articulação entre estabelecimento educativo e as famílias. John Dewey garante que *“(...)é tarefa da escola aprofundar e alargar os valores da criança, previamente desenvolvidos no contexto da família”* (HOHMANN e WEIKART, 2009:99). Adoptando uma relação próxima e de diálogo com os pais podemos dar a conhecer as finalidades, funções e benefícios educativos da educação pré-escolar, não contribuindo para a desvalorização desta valência. O educador/professor deve encarar a família como a unidade de prestação de serviços, ou seja, a família ajuda a conhecer os pontos fortes da criança e da própria; a dar resposta às prioridades identificadas pela família e a apoiar os valores e o modo de vida de cada família, porque *“a família e a escola são parceiros na educação e “(...) os bons professores ajudam os pais a participar ativamente na vida escolar dos filhos”* (Estanqueiro, 2010:111).

Em suma, é importante que o educador/professor cultivem esta relação entre a escola e a família pois, *“a relação entre pai e professor, apesar de muitas vezes ser complexa e necessitar de bastante atenção, acaba por ser gratificante.”* (Machado, 2011:85)

Movimento da Escola Moderna

Reformulação: 23 de novembro de 2012

Historicamente, o Movimento da Escola Moderna (MEM) encontra as suas raízes nas propostas pedagógicas de Freinet e na Pedagogia institucional.

O MEM, modelo pedagógico fundado em Portugal em 1966, visava o trabalho teórico e prático “(...) *operando uma deslocação do modelo de uma «pedagogia Freinet» para um modelo contextualizado (...)*” (Niza, 1998:1).

Os instrumentos de organização e de regulação educativa utilizados por Freinet foram reestruturados e reformulados pelo MEM. Assim, na Educação Pré-Escolar e no 1ºCEB, a ação educativa abrange toda a vida destes contextos “(...) desde os atos de planeamento e dos projetos à sua realização e avaliação cooperadas” (Niza, 1998:143). Os instrumentos de monitorização da ação educativa a que chamamos instrumentos de pilotagem são: o plano de atividades, o quadro semanal de tarefas, o quadro de presenças, a lista de projetos e o diário de grupo.

Durante as primeiras semanas de estágio, a estagiária teve a oportunidade de comprovar que no 1ºciclo do Ensino Básico os alunos não são ouvidos com tanta atenção como na educação pré-escolar. Não tem qualquer oportunidade de dar sugestões acerca do que querem fazer na próxima semana. Algo que era estimulado na Educação Pré-Escolar através das assembleias semanais.

Ao serem confrontadas com esta realidade, as estagiárias acharam que seria estimulante para o grupo, e indo ao encontro o que é estabelecido pelo Movimento da Escola Moderna, apresentar semanalmente a planificação ao grupo e mencionar que no final da semana será realizada uma assembleia onde terão de dizer aquilo que mais gostaram de fazer, o que menos gostaram, o que gostariam de fazer na semana seguinte, bem como, aquilo que gostavam de fazer de maneira diferente. A planificação semanal, será afixada na sala para que todos tenham a oportunidade de visualizar aquilo que será feito semanalmente.

Tal como na educação pré-escolar, no 1ºCiclo do Ensino Básico podem ser desenvolvidos trabalhos de projeto com os alunos, trabalhos esses que vão de encontro as suas necessidades e os seus interesses. O trabalho de projeto torna-se uma mais-valia para os alunos, na medida em que “*os projetos providenciam a parte do currículo no qual as crianças são encorajadas a fazer as suas próprias*

escolhas e decisões, geralmente em cooperação com os pares, acerca do trabalho que é preciso realizar. Nós consideramos que este tipo de trabalho promove a confiança da criança acerca do seu poder intelectual e fortalece as suas disposições para continuar no processo de aprendizagem.” (FORMOSINHO, 1996:123).

Nesta pedagogia os alunos têm uma participação ativa na organização do espaço, do grupo e do tempo, assim como na planificação, execução e avaliação do projeto. A participação dos alunos na organização democrática do grupo, do espaço e do tempo estabelece uma base para a formação pessoal e social, para isso, é necessário proporcionar à criança situações que envolvam cooperação, decisões em comum de regras imprecidíveis à vida social e distribuição de tarefas essenciais à vida coletiva.

Para dar início aos trabalhos de projeto, as estagiárias começaram por definir com a turma qual o tema que cada um gostaria de trabalhar e se os seus interesses seriam iguais. Posto isto, foi estabelecido com o grupo o que é que cada um gostaria de fazer, o que iria pesquisar e como gostaria de o fazer. Tal como na Educação Pré-Escolar, também no 1ºCiclo do Ensino Básico, o trabalho de projeto é desenrolado por fases. A primeira fase diz respeito ao planeamento – os alunos definem aquilo que querem fazer para em seguida elaborá-lo, concebendo um plano de trabalho distribuindo as acções no tempo e atribuindo as responsabilidades. Numa segunda fase, os alunos podem realizar as pesquisas em documentos ou utilizando outra ferramenta. Nas fases seguintes os alunos preparam e fazem a divulgação do seu projeto.

Tal como na Educação Pré-Escolar, também no 1ºCEB podem ser utilizadas as assembleias semanais para avaliar tudo aquilo que foi feito com o grupo, o que mais gostaram de fazer e como correu a semana, tendo em conta a opinião dos alunos. E, tal como Isabel Moreno Gonçalves refere *“a assembleia é um modelo aberto, onde os adultos e as crianças são parceiros, procurando juntos resolver os problemas, aprender a olhar o mundo sob diversas perspectivas, procurando aprender e agir de forma participativa na comunidade, para reconstruir e transformar.”* (2008:44).

Anexo LXXV - Registo do Projeto Lúdico “O canto da bicharada”

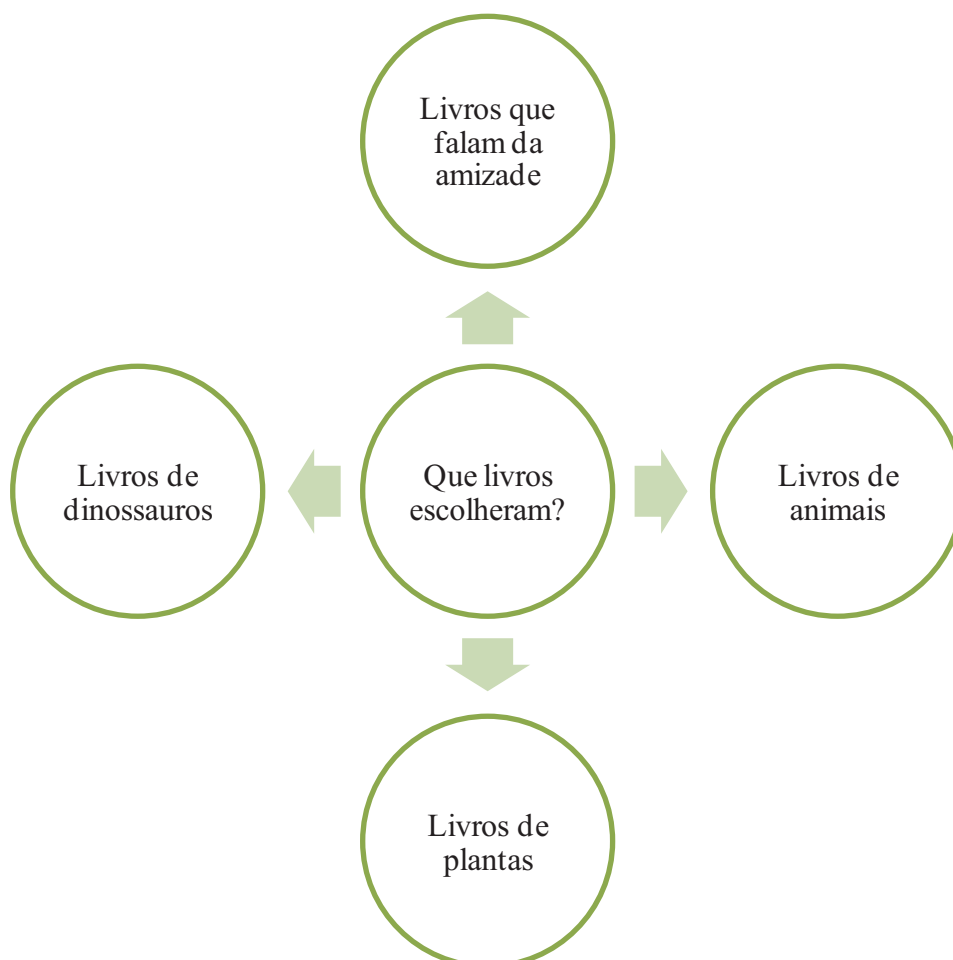
Data de Início: 2 de janeiro de 2012

Motivação: Intrínseca

FASE I: DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

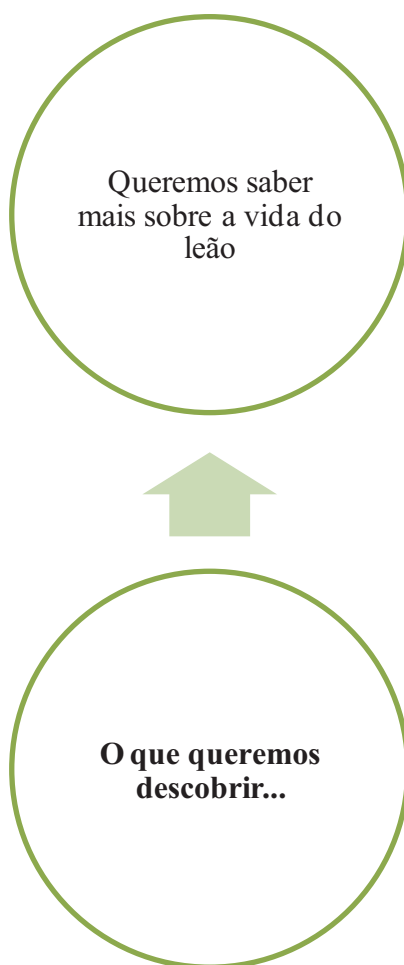
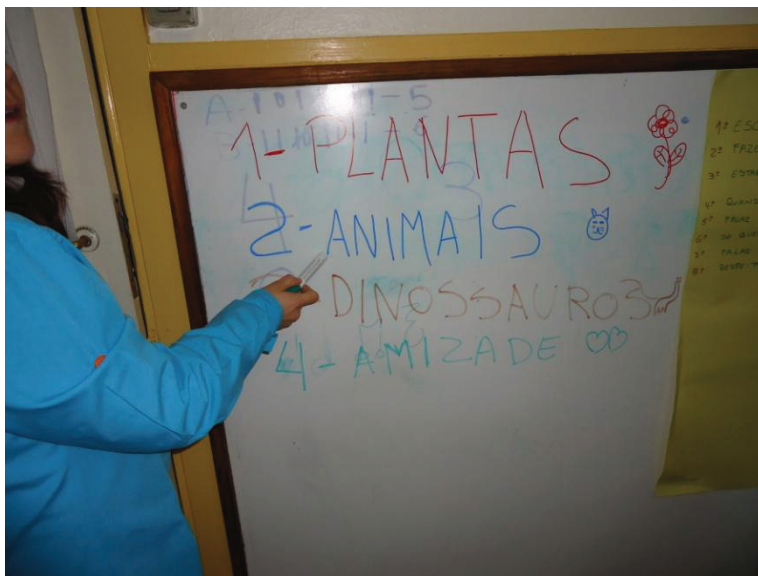
Quando cheguei à instituição e fiquei a conhecer a sala dos 5 anos, a Educadora informou-me que já estava a ser vivido na sala um projeto intitulado o “canto da bicharada”. Este teve início no dia 2 de janeiro de 2012 e surgiu da iniciativa das crianças.

O projeto iniciou-se depois de um diálogo com as crianças relativamente ao projeto que tinham vivido, “o corpo humano”. Ao constatar que o projeto já não suscitava grande interesse nas crianças, a Educadora dialogou com o grupo para perceber os seus interesses. Assim, pediu que cada criança escolhesse um livro da biblioteca, as escolhas incidiram sobre quatro temas:



Para escolherem um tema para o projeto, a Educadora sugeriu que fossem a votos.

Posto isto, deu a cada criança uma placa de papel onde cada uma teria de escrever o tema que queria trabalhar. Desta forma, a escolha incidiu sobre os animais, mais concretamente os animais selvagens.



FASE II: PLANIFICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO



FASE III: EXECUÇÃO

Etapas:

🕒 Etapa 1: Construção do leão a três dimensões

A primeira atividade realizada com o grupo foi de encontro a proposta das crianças: construir um leão a três dimensões para o canto da bicharada. Assim, deu-se início à construção do leão com garraões de água, cartão (rolos) e jornal. Para que o leão ficasse mais resistente revestiu-se os garraões com jornal e, posteriormente com gesso que a mãe de um menino trouxe para o corpo, para as pernas e para a cabeça do leão. No final, pintaram com tinta castanha clara e foi colocada espuma para fazer a juba do leão.



Crianças que realizaram a atividade: Para revestir os garraões foi utilizado jornal que antes tinha sido cortado pelas crianças: JM, I, M, RF, G e o P. A T, a I e a la pintaram o corpo e as patas do leão e o B pintou a cabeça.

Competências:

Conhecimento do Mundo:

- Conhecer as características do leão (revestimento do corpo);

Expressão Plástica:

- Criar formas tridimensionais utilizando materiais de desperdício: leão;

De forma a retratar o habitat de um leão, as crianças sugeriram que fossem construídas as árvores da savana. Para a construção das árvores foram utilizados vários garraões que, posteriormente, foram revestidos por jornal. O tronco das árvores foi pintado com tinta castanha e foram recortadas, pelas crianças, em cartolina verde algumas folhas. Durante esta atividade várias crianças tiveram a oportunidade de participar trabalhando a pares ou individualmente.



Crianças que realizaram a atividade: O ZM, o D, o M e o Jo colocaram a cola nos garraões para, posteriormente, a C colocasse s jornais. O Jo, a C, a T, o B e RA pintaram as árvores de castanho. O P, o D, o Jo e a S recortaram algumas folhas para decorar os troncos das árvores.

Competências:

Conhecimento do Mundo:

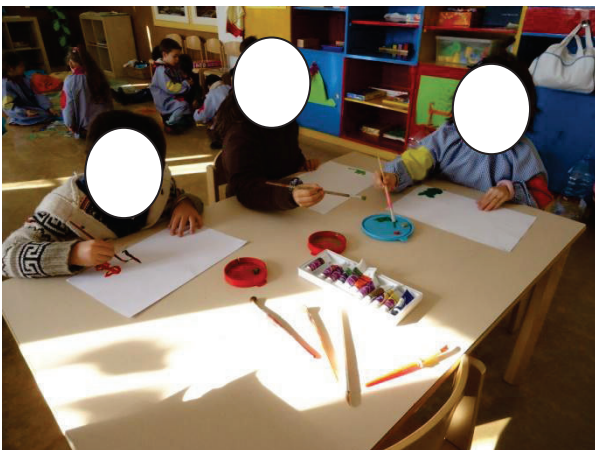
- Conhecer as características do habitat do leão;

Expressão Plástica:

- Criar formas tridimensionais utilizando materiais de desperdício: habitat do leão;

📌 **Etapa 3: Reprodução da obra de arte de Rousseau, “Tigre numa tempestade tropical”, com aguarelas e guaches**

📌 Depois de uma visita à Biblioteca Municipal Almeida Garrett, com quem foi estabelecida uma parceria, foram emprestados alguns livros para serem trabalhados na sala. Assim, numa dos livros era retratada a obra de arte de Rousseau “Tigre numa tempestade tropical”. Posto isto, e tendo em conta que a obra se adequava ao projeto que está a ser vivido, as crianças tiveram a oportunidade reproduzir a obra de arte com aguarelas e guaches.



Crianças que realizaram a atividade: todas as crianças tiveram a oportunidade de realizar esta atividade que foi posteriormente colocada no placard exterior;

Competências:

Expressão Plástica:

- Apreciar uma obra de arte;
- Conhecer a obra de Rousseau;
- Reproduzir o que observou na obra de arte;
- Utilizar diferentes materiais de expressão plástica.

Para enriquecer o canto da bicharada o grupo propôs a construção de um crocodilo com materiais de desperdício. O crocodilo foi construído pelas crianças com caixas de cereais, que trouxeram de casa, pacotes de batatas fritas. Para cobrir o corpo do crocodilo, as crianças rasgaram papel higiênico e adicionaram-no à água. Após colocarem o papel na água, foi dada a oportunidade a cada criança de amassar o papel. No final foi adicionada tinta verde à pasta. As patas do crocodilo foram feitas com a pasta de papel.



Crianças que realizaram a atividade: Todas as crianças tiveram a oportunidade de fazer a pasta de papel, podendo rasgar o papel higiênico e posteriormente amassá-lo. A pasta de papel foi colocada por quatro crianças: a J, o D, a I e o RF.

Comentários das crianças: A Criança C estava sentada na roda após rasgar papel e ter a oportunidade de amassá-lo, afirmou: “*esta atividade foi muito divertida. Gostei muito!*”.

Competências:

Expressão Plástica:

- Criar formas tridimensionais utilizando materiais de desperdício: crocodilo;

📍 Etapa 5: História do Cuquedo

Atendendo ao interesse e curiosidade das crianças em querer saber mais sobre os animais selvagens propus a leitura da história “*O Cuquedo*”. A leitura da história foi feita para o grande grupo e este demonstrou um grande interesse e curiosidade à medida que era feita a narração da mesma.



Antes de contar a história, comecei por mostrar a capa às crianças e questioná-las relativamente ao título do livro, de forma a compreender o que para elas poderia ser o Cuquedo. Assim as respostas foram diversas, algumas crianças diziam que o Cuquedo era um animal, outras diziam que era um monstro.

À medida que a história era contada, fui mostrando ao grupo as ilustrações para que eles pudessem ter conhecimento e verem os diversos animais que eram apresentados.

Comentários das crianças: No final da história, uma das crianças perguntou “*não podemos fazer um teatro sobre a história que leste?*” ao que respondi afirmativamente. As crianças mencionaram o que será necessário para fazermos o teatro, como por exemplo, as roupas, as máscaras, os cenários, as músicas, o narrador, o ensaiador, ...

Competências:

Abordagem oral e escrita:

- Ouvir atentamente uma história;
- Ser capaz de se expressar corretamente;

🌀 Etapa 6: Planificação do teatro do Cuquedo

De forma a dar resposta à proposta das crianças, demos início à construção das roupas e à elaboração do cenário.

Assim, em diálogo com o grande grupo foi definido quem iria construir as roupas, quem iria fazer o cenário, quem ficaria responsável pelo panfleto e quem entregaria os convites às outras salas.

O grupo responsável pelas roupas decidiu que as roupas seriam feitas com sacos de plástico e máscaras com cartão (caixas de cereais).

O grupo responsável pelo cenário disse que queria pintar a selva onde andam os animais com tintas e pincéis.





Crianças que realizaram a atividade:

- Construção das roupas/máscaras: criança C, criança S, Criança I, Criança JM, criança J, criança B;
- Construção do cenário: Criança I, criança T, criança D;

Comentários das crianças: “As nossas roupas estão a ficar mesmo giras”, afirmou a S enquanto colava uma faixa branca da zebra no saco preto.

“Estas bolinhas castanhas ficam mesmo bem aqui! Vamos parecer mesmo girafas...”, disse a C.

Competências:

Expressão dramática:

- Planificar as tarefas do teatro;
- Reconhecer o teatro como prática artística presencial e integradora de outras práticas e áreas de conhecimento (música, expressão plástica, histórias, ...);

Expressão Plástica:

- Utilizar materiais de desperdício (caixas) para a construção de adereços;
- Utilizar materiais recicláveis;

📌 Etapa 7: Dramatização da história “O Cuquedo”

Depois de construídas as roupas e o cenário, e depois de realizarmos alguns ensaios, o grande grupo referiu que eram necessários os convites para virem ver a peça de teatro deles. Assim, mencionaram que queriam convidar a sala dos pequeninos, a sala dos médios e as irmãs para assistirem ao teatro d’ “O Cuquedo”, desta forma construímos os convites e um placard para colocar na entrada.

A apresentação da história às outras salas correu bem, na medida em que, o grande grupo estava interessado e se empenhou na dramatização, sem se inibir perante as outras salas.



Crianças que realizaram a atividade: todas as crianças participaram na apresentação da história às outras salas;

Comentários das crianças: “As nossas roupas estão a ficar mesmo giras”, afirmou a S enquanto colava uma faixa branca da zebra no saco preto.

“Estas bolinhas castanhas ficam mesmo bem aqui! Vamos parecer mesmo girafas...”, disse a C.

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

- Cooperação

Expressão Dramática:

- Ser capaz de se expressar corretamente;
- Interagir com outros em atividades de faz-de-conta;

📌 Etapa 8: Construção do jipe do explorador

A curiosidade e o interesse do grupo em querer saber mais sobre a selva fez com que as crianças se quisessem tornar exploradores da Natureza para que pudessem explorar a natureza e conhecer mais a selva. Assim, tendo em conta as características que conheciam de um explorador da natureza, as crianças propuseram, na assembleia, que fosse construído um jipe.

Desta forma, deu-se início à construção do jipe com um cartão que uma das crianças trouxe de casa. Posteriormente foi pintado de verde e cozidas duas fitas para que as crianças pudessem colocar as fitas no ombro e andem com o jipe.

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

- Cooperação

Expressão Plástica:

- Criar formas tridimensionais utilizando materiais de desperdício: jipe;

📌 Etapa 9: Construção das lupas, dos binóculos e das lanternas do explorador

Para além do jipe, as crianças também quiseram construir as lupas, os binóculos e as lanternas do explorador. Desta forma, foi feito o registo dos materiais que queriam utilizar, assim, decidiram que: para as lupas seria utilizado cartão, para os binóculos utilizavam rolos de papel higiénico e para as lanternas usavam as garrafas de água.

Foram feitas quatro lupas: uma cor-de-rosa, uma azul, uma verde e uma amarela. Foram construídos quatro binóculos: uns castanhos, uns azuis, uns verdes e uns amarelos. As lanternas foram pintadas de azuis e cor-de-rosa.

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

- Cooperação

Expressão Plástica:

- Criar formas tridimensionais utilizando materiais de desperdício: lupas, binóculos e lanternas;

📌 Etapa 10: Construção do chapéu com filtros de café

A estagiária do 3ºano construiu com o grande grupo um chapéu de explorador, isto é, a estagiária trouxe um chapéu de palha e com a ajuda da Educadora mergulhou com cada criança um filtro de café no café. À posteriori, a estagiária colou os filtros de café no chapéu.



Crianças que realizaram a atividade: todas as crianças participaram na construção do chapéu;

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

- Cooperação

Expressão Plástica:

- Criar formas tridimensionais utilizando materiais de desperdício: lupas, binóculos e lanternas;

📍 Etapa 11: Visita de um explorador

Como as crianças mencionaram na assembleia que queriam saber mais sobre o explorador: o que comia, o o que levava na mochila e o que fazia receberam a visita de um explorador. Assim, mascarei-me de explorador e levei alguns objetos característicos de um explorador: uma lupa, uma máquina fotográfica, uns binóculos, e uma lanterna.



Depois de mencionar o que comia o grupo estava curioso para saber o quê que eu levava na mochila. Assim, comecei a mostrar cada objeto que levava: a máquina fotográfica, a lupa, a lanterna, os binóculos e fotografias, as fotografias eram de frutos característicos da floresta africana (ananás, manga, gengibre e fruta-pão) e de animais que lá existem.

Crianças que realizaram a atividade: esta atividade foi realizada com o grande grupo com o auxílio da Educadora que colocou questões ao explorador;

Comentários das crianças: Depois de observar um a um, as crianças colocaram algumas questões “O que comes na selva africana?” ao que respondi “Como alguns frutos que colho das árvores, como o gengibre, a manga, a banana ...” e a S mencionou “Na floresta tropical também há cocos por isso também deves beber água de coco”.

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

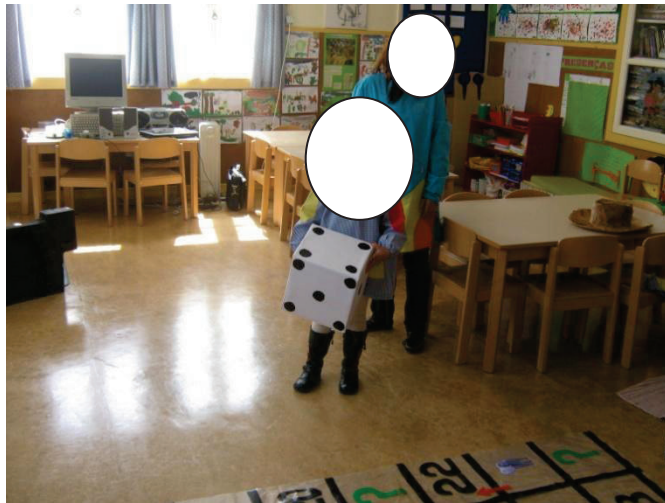
- Cidadania;

Conhecimento do Mundo:

- Conhecer as características de um explorador da natureza;

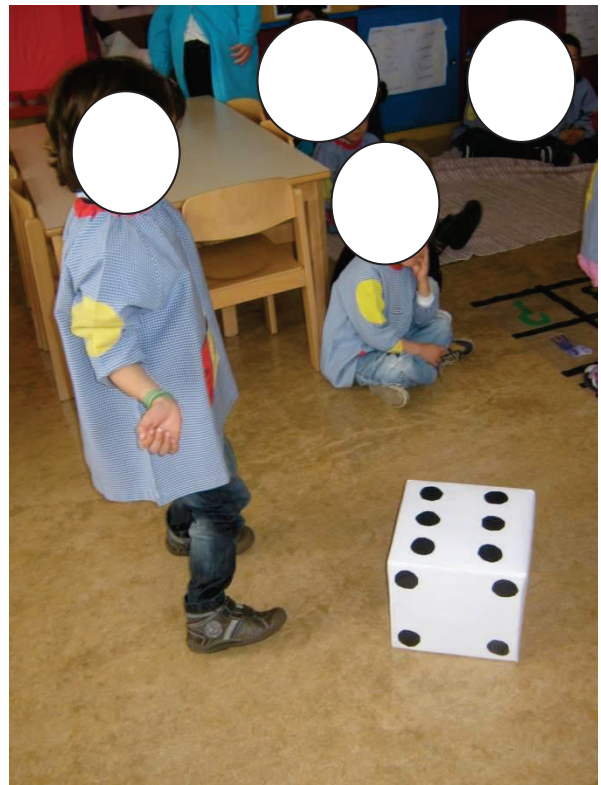
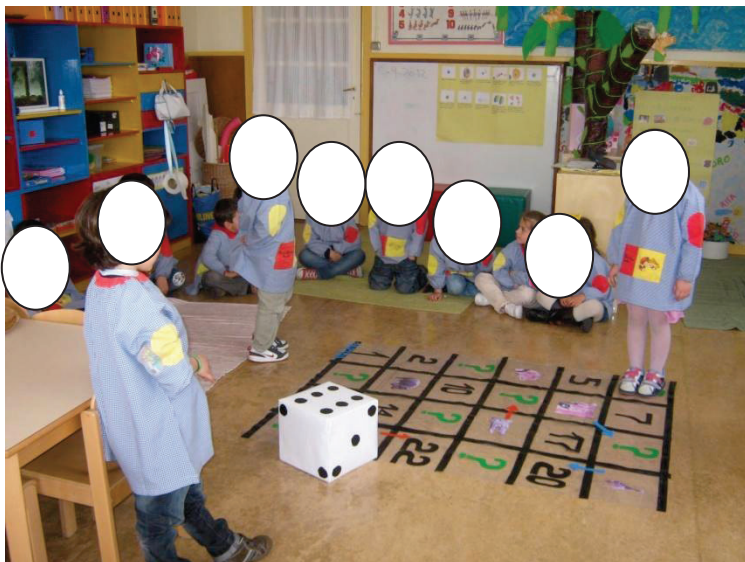
📌 Etapa 12: Jogo da Glória

O jogo da glória foi apresentado ao grupo, uma vez que, algumas crianças mencionaram que já tinham jogado este jogo on-line. No entanto algumas disseram que nunca jogaram mas que gostam de vir a jogar. Desta forma, surpreendi o grupo ao construir o jogo e ao leva-lo para a sala.



Este jogo foi construído com um plástico transparente e colocados números de 1 a 24. Algumas casas têm animais relacionados com o projeto, outras são casas mistério.

O jogo suscitou um grande interesse nas crianças, principalmente quando lhes foi dada a oportunidade de jogarem. Ao jogarem as crianças têm a oportunidade de interiorizar o jogo. O jogo foi bastante chamativo para as crianças que ficou no canto para que seja jogado por três crianças.



Crianças que realizaram a atividade: esta atividade foi realizada com o grande grupo de forma a que todos percebessem a intencionalidade do jogo;

Comentários das crianças: “*Eu nunca joguei este jogo mas não parece ser difícil*”, afirmou o Jm depois de jogar a primeira vez o jogo da glória.

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

- Competição;

Domínio da matemática:

- Ser capaz de estabelecer relações entre quantidades (mais dois que/menos dois que...);
- Reconhecer sem contagem o número de objetos de um conjunto;

Conhecimento do Mundo:

- Conhecer características de alguns animais selvagens (locomoção, revestimento, habitat, ...);

🌀 Etapa 13: História “Meninos de todas as cores” de Luísa Ducla Soares

A história “*Meninos de todas as cores*”, de Luísa Ducla Soares, narra a história de um menino que viaja pelo mundo e conhece diferentes povos. Uma vez que as crianças referiram na assembleia que podem existir diferentes povos decidi ler para o grande grupo esta história.

Para contar a história decidi adotar uma estratégia diferente.

Assim, contei a história através de um flanelógrafo. À medida que ia contando a história ia colando algumas das imagens, que considerei mais significativas.



Depois do diálogo relativamente aos diferentes povos que existem (índios, africanos, árabes, chineses, ...) foi despertada a curiosidade das crianças nos povos africanos, assim, foi realizada uma chuva de ideias relativamente ao que pretendem saber (costumes, alimentação, vestuário, habitação,...)

Crianças que realizaram a atividade: esta atividade foi realizada com o grande grupo de forma a que todos conhecessem a história de Luísa Ducla Soares que dá resposta a uma questão que surgiu na assembleia;

Comentários das crianças: Numa assembleia a S questionou “Se na Amazónia existem os indígenas. Será que na selva africana existem povos?”, para dar resposta a esta questão da S li a história “*Meninos de todas as cores*”.

No final da narração a S exclamou “*O Liner e os meninos castanhos são iguais a nós, só muda a melanina!*”. “*Exatamente, nós somos todos iguais independentemente da nossa cor, somos todos iguais por dentro só muda na cor*”, completou a In.

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

- Respeito pela diferença: reconhecer a diversidade de características e hábitos de outras pessoas e grupos;

Abordagem Oral e Escrita:

- Ser capaz de ouvir uma história com atenção;

📍 Etapa 14: Visita de uma africana

Após a leitura da história de Luísa Ducla Soares, “Meninos de todas as cores”, e de registar numa chuva de ideias o que as crianças queriam saber, mascarei-me de Abélenga. Para me disfarçar de africana utilizei um tecido característico de África e coloquei um turbante na cabeça, pintei a cara de castanho e levei um nenuco pretinho às costas, tal como as africanas transportam os seus filhos.

Durante a atividade em grande grupo, fui apresentando alguns povos que existem em África bem como a sua habitação, através de imagens. Mas, para dar a conhecer às crianças os frutos tropicais característicos deste continente, levei para a sala alguns frutos verdadeiros

e dei a possibilidade das crianças experimentarem, tais como: gengibre, ananás, côco e manga.



Comentários das crianças: A manga e o ananás todas as crianças já tiveram a oportunidade de provar, no entanto, a reação ao gengibre foi geral, ninguém gostou e afirmaram que era picante, quanto ao coco algumas crianças gostaram e outras não, surgindo da parte de uma criança um comentário relevante “*O coco é bom mas é um bocado seco!*”

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

- Respeito pela diferença: reconhecer a diversidade de características e hábitos de outras pessoas e grupos;

Abordagem Oral e Escrita:

- Ser capaz de se expressar;

Domínio da matemática:

- Noção de peso (onde as crianças tiveram de referir se o fruto era pesado ou leve)

Conhecimento do Mundo:

- Textura do fruto (macio ou áspero).

📍 Etapa 15: Dança africana

Durante a visita da Abélenga, as crianças tiveram a oportunidade de vivenciar um dos costumes africanos: a dança africana, uma vez que, as crianças também tinham mencionado que queriam conhecer alguns costumes característicos deste povo. Desta forma, a africana dançou com o grupo e é de salientar que as crianças estavam bastante alegres e entusiasmadas com a visita da africana.



Comentários das crianças: No final da visita da Abélenga, uma das crianças questionou a africana “Será que não nos podes vir visitar mais vezes?”

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

- Respeito pela diferença: reconhecer a diversidade de características e hábitos de outras pessoas e grupos;

Expressão Musical/ Dança:

- Participar em danças de grupo;

As crianças várias vezes referiram que não tinham alimentos para comerem como os africanos. Assim, propus às crianças que fossem construídos alguns frutos que pudessem ser utilizados no canto da bicharada para brincarem.

Desta forma foram construídos alguns frutos



tropicais, tais como, três cocos, quatro bananas, duas mangas e um gengibre.

Para a construção dos frutos foi necessário jornal e posteriormente pintaram com as tintas. Os cocos foram pintados de castanho, as bananas de amarelo, o gengibre de castanho claro e as mangas de verde e cor-de-rosa.



Crianças que realizaram a atividade: o RA, a J e o M pintaram os cocos; o RF e o Jo pintaram as mangas; a C, o P, a T e a I pintaram as bananas e o B pintou o gengibre.

Comentários das crianças: Enquanto o J pintava a manga de verde e cor-de-rosa, o B aproximou-se e disse “*achas que estás pintar bem?*”, ao que o J respondeu “*claro que estou! Não vês que as mangas também podem ser desta cor?*”

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

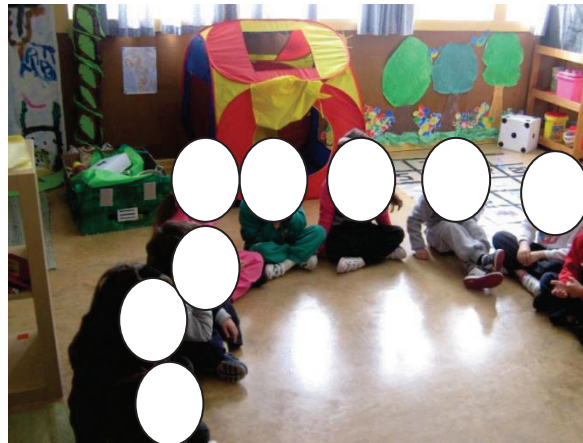
- Cooperação;
- Autonomia;

Expressão Plástica:

- Criar formas tridimensionais utilizando materiais de desperdício: frutos tropicais;

📍 Etapa 17: Conto redondo a partir de uma imagem africana

Para a trabalhar com as crianças uma técnica de expressão dramática, o conto redondo, apresentei ao grupo uma imagem da selva africana onde teriam de inventar uma história. Desta forma, dei início à história e as crianças tiveram de dar continuidade. A história ficou registada em suporte áudio, um microfone, e no final podemos ouvir o resultado.



Crianças que realizaram a atividade: a atividade foi realizada com o grande grupo;

Comentários das crianças: No final da história os comentários foram bastante positivos, muitas crianças disseram “*é giro gravar a nossa voz!*”, outras ainda referiram “*a nossa voz fica um bocadinho diferente aí!*”

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

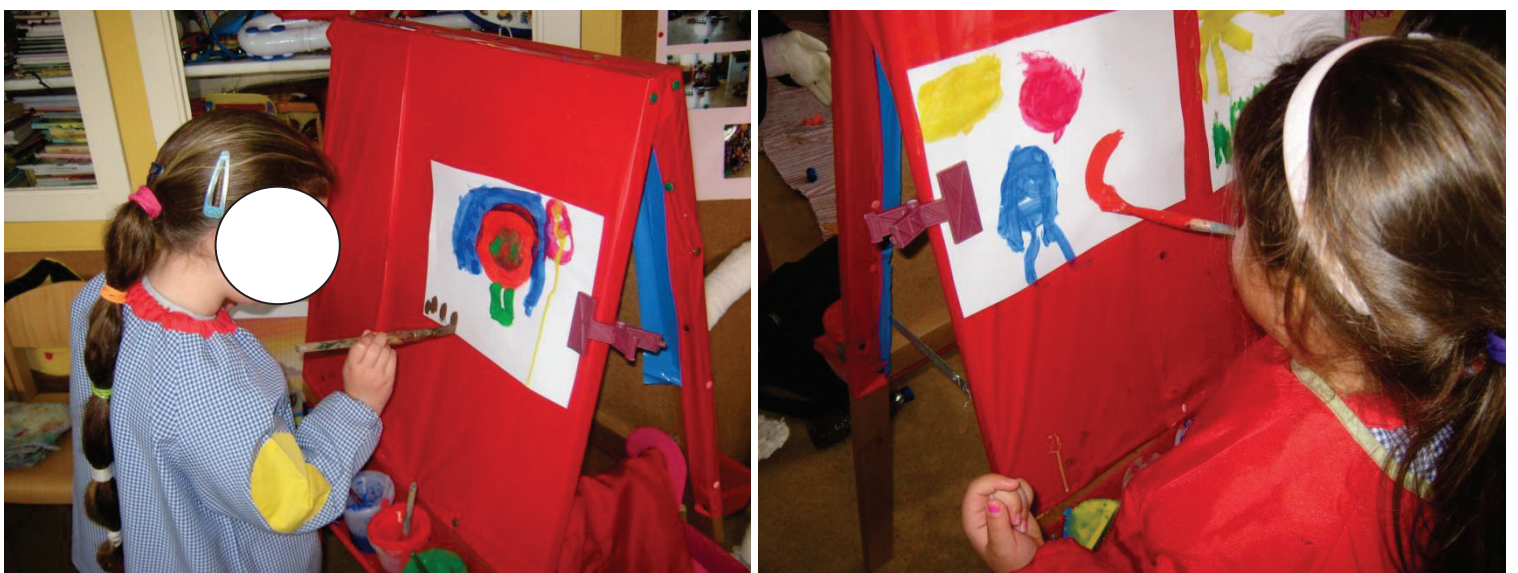
- Cooperação;
- Autonomia;

Expressão Dramática:

- Ser capaz de inventar e recriar histórias e diálogos a partir de imagens;

🌀 Etapa 18: Pintura de uma imagem africana

Para que as crianças pintassem no cavalete, propus a pintura da imagem africana. Assim, as crianças utilizaram o cavalete e as cores que estavam na imagem: como o cor-de-laranja, o amarelo, o castanho, o roxo, entre outras.



Crianças que realizaram a atividade: a atividade foi realizada com o grande grupo, no entanto, não podiam utilizar todas o cavalete ao mesmo tempo, assim, foram pintando a pares;

Comentários das crianças: o B enquanto desenhava questionou-me “*sabes o que é isto roxo que vou desenhar?*” ao que respondi “*Não!*”. Então ele explicou-me “*vou desenhar o paninho roxo porque o africano que desenei também leva o bebé ao colo!*”

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

- Autonomia;

Expressão Plástica:

- Representar vivências de paisagens, através da pintura;

📌 Etapa 19: Sessão de movimento – paus

Para que as crianças conhecessem outro costume africano, como tinham pedido na assembleia, realizei com o grande grupo na sessão de expressão motora alguns jogos tradicionais africanos, tais como, cabo de tora e lutas africanas.



Crianças que realizaram a atividade: a atividade foi realizada com o grande grupo;

Comentários das crianças: durante a corrida de troncos (cabo de tora) o RF referiu “*é fixe correr com este tronco, podemos jogar outra vez?*”

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

- Competição;

Expressão Motora:

- Participar em jogos de competição;



📌 Etapa 20: Construção da casa dos Pigmeus

Na assembleia do dia 27 de abril, as crianças fizeram várias propostas do que queriam aprender. Assim, de forma a dar resposta a uma das propostas das crianças, apresentei ao grupo um vídeo onde era apresentada a tribo Pigmeu. Com a visualização deste filme as crianças ficaram a conhecer a forma como esta tribo se veste, como caça e como dança. Após dialogar com o grande



grupo surgiu a ideia de construir uma cubata para o canto da bicharada. Assim, pintamos um guarda-sol de castanho claro e cosemos uma esteira para que fosse recriada a habitação dos Pigmeus.

Crianças que realizaram a atividade: a I, o M, o P e o D pintaram o guarda-sol;

Comentários das crianças: *“Como é que vamos pintar o guarda-sol?”*, questionei o grupo. A S respondeu que *“podíamos pintar o guarda-sol com tinta castanha clara para parecerem as folhas... mas será que não vai lascar?”*. Ao deparar-me com esta solução da S disse *“Pois, não sei S... Mas vamos experimentar?”*

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

- Autonomia;
- Cidadania - reconhecer a diversidade de características e hábitos de outras pessoas e grupos;

Expressão Plástica:

- Utilizar a pintura para recriar vivências;

📌 Etapa 21: Banda desenhada das tribos africanas

As crianças na assembleia também mencionaram que queriam construir uma história sobre a selva.

Assim e como ao longo do estágio tenho vindo a verificar que o grupo tem uma grande capacidade de imaginação pedi ao pequeno grupo para inventarem uma história relacionada com o nosso projeto de sala. Assim, a história inventada ficou muito original e foram relacionados os conhecimentos adquiridos pelas crianças: os animais selvagens, as tribos africanas e os frutos tropicais. Nesta atividade, umas crianças



construíram a história, outras tiveram a oportunidade de desenhar, dando origem a uma banda desenhada que foi afixada no canto da bicharada.

Crianças que realizaram a atividade: a S, o M, o RF, o RA, o J e a G inventaram a história;

Comentários das crianças: ao olhar para o placard onde foi construída a nossa história a C afirmou “ *a nossa história está mesmo gira, não achas Ângela?*”, enquanto que a I pediu opinião relativamente ao desenho que fez “ *Oh Ângela, achas que o desenho está bem assim?*”

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

- Autonomia;
- Cidadania - reconhecer a diversidade de características e hábitos de outras pessoas e grupos;

Expressão Dramática:

- Ser capaz de inventar histórias;

Expressão Plástica:

- Utilizar o desenho para ilustrar uma história;

📍 Etapa 22: Sessão de movimento – flechas

Os pigmeus caçavam com arcos e flechas e no filme as crianças tiveram a oportunidade de observar isso. Assim, na sessão de motora propus que as crianças realizassem um exercício onde teriam de lançar o arco, para ver quem lançava mais longe. Posteriormente, os arcos e as flechas foram colocadas na sala.



Crianças que realizaram a atividade: a atividade foi realizada com o grande grupo;

Comentários das crianças: “*Ângela os arcos e as flechas podem ficar na nossa sala?*” perguntaram o P e o D. “*Eu vou lançar sozinho o arco porque é fácil e eu consigo!*”, afirmou o RA.

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

- Competição;
- Cidadania - reconhecer a diversidade de características e hábitos de outras pessoas e grupos;

Expressão Motora:

- Participar em jogos de competição;

📍 Etapa 23: Construção de instrumentos

Depois de observarem no filme um dos instrumentos africanos utilizados pelos pigmeus, o jambém, as crianças perguntaram se elas também não poderiam ter na sala alguns instrumentos africanos.

Algumas crianças construíram castanholas: pintaram garrafas de água e colocaram no interior da garrafa areia. Um dos meninos pintou um bocado de papel de cenário para forrar um mealheiro.



Crianças que realizaram a atividade: o RA pintou o papel de cenário utilizado para o jambé; as castanholas foram pintadas pela C, pela T, pelo RF e o B.

Comentários das crianças: “Fixe, agora já temos instrumentos africanos. Podemos tocar?” perguntou o RF. “Mas fomos nós que pintamos!” disse o M, “eu sei, mas podemos brincar todos” respondeu a R.

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

- Competição;
- Cidadania - reconhecer a diversidade de características e hábitos de outras pessoas e grupos;

Expressão Musical:

- Percussão corporal;

Expressão Plástica:

- Utilizar materiais de desperdício para construir instrumentos musicais;

📍 Etapa 24: Culinária africana

Aproveitando a existência de uma docente africana na instituição, pedimos se ela não se importaria de confeccionar uma receita africana para os meninos, uma vez que era uma das propostas deles.

Assim, a Celeste fez para os meninos uma sobremesa africana. No final, a sobremesa foi servida à hora de almoço e as crianças das outras salas também tiveram a oportunidade de experimentar.



Crianças que realizaram a atividade: a atividade de culinária foi realizada com o grande grupo;

Comentários das crianças: “*Ui que bom, podemos provar?*” perguntou o J enquanto a Celeste fazia a sobremesa africana

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

- Cidadania - reconhecer a diversidade de características e hábitos de outras pessoas e grupos;

📍 Etapa 25: História “E agora como pinto?”

Para contar uma história relacionada com o projeto utilizei uma mala. Ao verem este dispositivo pedagógico, as crianças demonstraram uma grande curiosidade em saber para quê que serviria a mala e o que estaria dentro dela. Dentro da mala tinha dois bonecos africanos, ao quais chamei Lêle e Bassi. Com esta história dei a conhecer ao grupo a forma como os pigmeus pintam e as cores que utilizam e ainda trabalhei o conceito de entreajuda e de amizade.



Crianças que realizaram a atividade: a história foi contada para o grande grupo;

Comentários das crianças: “Para que serve essa mala?” questionou o M. “O que tem lá dentro?” perguntou o J.

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

- Cooperação;
- Cidadania - reconhecer a diversidade de características e hábitos de outras pessoas e grupos;

Abordagem Oral e Escrita:

- Ser capaz de ouvir uma história com atenção;

📌 Etapa 26: Técnica de pintura africana com paus

Após a narração da história “E agora como pinto?”, as crianças tiveram a oportunidade de experimentar a técnica de pintura africana. Assim distribui pelas cores que iriam ser utilizadas alguns paus de madeira para que as crianças pintassem. No final, os trabalhos foram colocados no placard exterior.



Crianças que realizaram a atividade: a atividade de pintura foi realizada com o grande grupo;

Comentários das crianças: “Pintar com estes paus é difícil Ângela!” exclamou a C. “Eu estou a gostar de pintar com os paus, parece ser fácil.” afirmou a I.

Competências:

Área de Formação Pessoal e Social:

- Cooperação;
- Cidadania - reconhecer a diversidade de características e hábitos de outras pessoas e grupos;

Expressão Plástica:

- Experimentar uma técnica de expressão plástica característica de um povo;

📍 Etapa 27: Exploração de um poema “A tribo e os animais”

Para explorar com o grande grupo um poema criei eu um relacionado com todo o nosso projeto, intitulado “A tribo e os animais”. Com esta atividade pude observar que as crianças são bastante expressivas e que conseguem identificar com facilidade as palavras que rimam num poema.



Crianças que realizaram a atividade: a dramatização do poema foi realizada com o grande grupo;

Comentários das crianças: “Crocodilo rima com Nilo, não rima Ângela?” perguntou a S. “E voar rima com caçar” frisou o M. “Eu gostei deste poema, podemos repetir? Vá lá, por favor...”, pediu o P.

Competências:

Abordagem Oral e Escrita:

- Recitar um poema;

Expressão Dramática:

- Participar em práticas de fãz-de-conta;

ENVOLVIMENTO PARENTAL NO PROJETO:

- **PESQUISA DOS ANIMAIS**

A primeira proposta para envolver os pais foi pequena pesquisa, realizada em casa, sobre um animal selvagem e que a criança teria de trazer para a sala. Quando as crianças traziam a pesquisa esta era lida para que todo o grupo tivesse conhecimento do trabalho dos amigos.

À posteriori, foi realizado um ficheiro dos animais para a área da biblioteca com as pesquisas.

- **CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIA**

De forma a envolver os pais no projeto da sala foi-lhes pedido que construíssem uma história alusiva ao nosso projeto.

À medida que as crianças traziam a história, esta era lida para o grande grupo para que as crianças conhecessem a história que os amigos fizeram com os pais e que, posteriormente, ilustraram. As crianças ficavam muito felizes quando as suas histórias eram lidas para os colegas.

No final, as “*histórias da bicharada*” foram expostas no placard exterior.



• CONSTRUÇÃO DE ANIMAIS EM 3D

O interesse das crianças era tanto no projeto e nos animais selvagens que nos pediram para construirmos mais animais para o canto da bicharada. No entanto, como as propostas das crianças eram muitas, não havia tempo para fazer tudo o que nos pediam. Desta forma, sentimos a necessidade de pedirmos aos pais que construíssem com a ajuda dos filhos e com materiais recicláveis os animais que enriquecessem o nosso canto. Estes trabalhos foram expostos no exterior da sala. Contudo, apenas 50% dos pais trouxeram um animal porque os restantes afirmaram que não tinham tempo para fazer.





FASE IV: AVALIAÇÃO

A avaliação do projecto foi sendo realizada com as crianças no decurso do mesmo, nas assembleias, e, no final, foi feito um balanço global das aprendizagens e de todo o trabalho desenvolvido. Esse registo foi feito pelas crianças através de desenho e de um comentário da criança, onde disseram o que mais gostaram de fazer no projeto e o que aprenderam com ele.

O projeto culminou com a apresentação de um filme aos pais. Neste filme constavam todas as fases do projeto, bem como outras atividades que foram realizadas ao longo do ano com as crianças, de forma a dar a conhecer todas as aprendizagens adquiridas pelo grupo.

Os comentários dos pais ao vídeo e ao trabalho desenvolvido ao longo do ano foi bastante positivo e compensador da prática exercida com as crianças!

Anexo LXXVI – Grelha de avaliação do Projeto

Grelha de avaliação de projetos lúdicos

Procure caracterizar o projeto em termos das competências adquiridas no que diz respeito ao grupo de crianças

Aprendizagem: Aquisição maior ou menor de saberes e competências relativas a problemáticas enfrentadas no projeto.

*“A **Formação Pessoal e Social** integra todas as áreas pois tem haver com a forma como a criança se relaciona consigo própria, com os outros e com o mundo, num processo que implica o de desenvolvimento de atitudes e valores” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 1997:49).*

Assim, ao longo do projeto, várias atitudes e valores foram trabalhadas com as crianças.

As crianças demonstraram ser capaz de escolher as atividades que pretendiam realizar na semana seguinte, quando era realizada a assembleia e quando questionadas, relativamente ao que queriam fazer/aprender, sendo trabalhada assim, a autonomia das crianças.

Outro valor trabalhado com as crianças foi a cooperação, uma vez que, as crianças participaram ativamente na planificação das atividades e contribuíram para o funcionamento e aprendizagem do grupo. Também, em atividades livres, no canto da bicharada, foi notória a cooperação e a amizade das crianças ao brincarem todos juntos e ao partilharem os brinquedos existentes no canto da bicharada.

O respeito pela diferença foi um dos valores que esteve muito presente no nosso projeto, na medida em que, as crianças tiveram a oportunidade de conhecer outro povo, o africano, conhecendo características e hábitos de um povo diferente do nosso.

Ao longo do projeto, o grupo demonstrou ser bastante curioso e que queria saber sempre mais. Foi possível constatar isso quer em relação aos animais selvagens, quer em relação aos exploradores da natureza, quer em relação ao povo africano.

A **área do conhecimento do mundo** foi uma área bastante trabalhada no nosso projeto, uma vez que, as crianças começaram por querer explorar os animais da selva africana.

Primeiramente, as crianças começaram por classificar os animais quanto à classe (mamíferos, aves, felinos ou répteis). À medida que traziam as pesquisas realizadas em casa, as crianças ficaram a conhecer mais sobre os animais. Ou seja, conheceram o habitat dos animais, a locomoção (voar, andar, rastejar,...), a alimentação (carnívoro ou herbívoro), entre outros aspetos.

Para além do conhecimento adquirido através das pesquisas realizadas em casa, as crianças também ficaram a saber mais através da visualização dos filmes sobre os animais. Enriquecendo, assim, o conhecimento das crianças.

À medida que o projeto foi avançando, as crianças quiseram conhecer o povo africano. Desta forma, a habitação africana, os costumes africanos, a alimentação africana e os instrumentos africanos fazem parte desta área do currículo.

Ao nível da **expressão plástica**, as crianças tiveram a oportunidade de contactar com diferentes técnicas de expressão plástica.

Ao nível da pintura, as crianças tiveram a oportunidade de fazer carimbagem para decorar as flores do canto da bicharada, de repensar uma imagem africana no cavalete, de pintar com guaches uma obra de arte de Rousseau, de utilizar paus de madeira como os africanos para pintar e de experimentar a digitinta.

Ao nível das construções, quer o leão quer as árvores do canto da bicharada foram construídos tendo por base materiais de desperdício, assim como o jipe, as lupas, as lanternas e os binóculos do explorador da natureza. Os instrumentos musicais africanos também foram construídos com materiais de desperdício.

Foi ainda dada a possibilidade às crianças de reproduzirem a obra de arte de Rousseau, *“Tigre numa tempestade tropical”*, com aguarelas e guaches.

Nas sessões de **expressão motora** tentei utilizar jogos tradicionais africanos, como a corrida de tora, as lutas africanas e o arco e a flecha. No relaxamento foram utilizadas músicas características de África.

A **expressão dramática** também esteve presente no decorrer do projeto com a dramatização da história “O Cuquedo”.

Para além disso, nas brincadeiras livres, as crianças imitam ser um explorador da natureza ou um elemento da tribo africana. As crianças têm em atenção os elementos característicos quer do explorador quer do povo africano e através da brincadeira, as crianças refletem o que aprenderam ao longo do projeto.

Relativamente à **expressão musical**, durante a vivência do projeto, as crianças aprenderam várias músicas relacionadas com o mesmo, tais como, “O Crocodilo do Nilo”, a “Canção da Selva”, entre outras.

Com a visita de uma africana à sala, as crianças ainda tiveram a oportunidade de conhecer um costume africano, bem como, experimentá-lo.

Ao proporem a construção de instrumentos africanos, foi possível trabalhar a pirâmide musical com as crianças, mais concretamente a percussão corporal.

No que diz respeito à **linguagem oral e abordagem à escrita** esta também foi trabalhada durante o projeto. As crianças tiveram a oportunidade de alargar o campo lexical ao contactarem com palavras que antes não conheciam como: Pigmeus, cubata, herbívoro, carnívoro, entre outros.

Os registos do que as crianças queriam saber eram feitos através de pictograma para que fosse facilitada a leitura para o grupo.

A par do projeto também foi trabalhada a divisão silábica de palavras, a leitura e exploração de poemas, lengas-lengas, a observação de imagens, entre outras atividades.

Por último, relativamente ao **domínio da matemática**, foram várias noções trabalhadas com as crianças. Para trabalhar a noção de correspondência termo-a-termo foi realizado com o pequeno grupo um jogo em que teriam de fazer a correspondência entre o número de pintas de um dado e o número de animais selvagens de um conjunto.

O jogo do puzzle do hipopótamo permitiu que as crianças trabalhassem e aprendessem a divisão de peças para formar um todo.

Com o jogo do tiro ao alvo foi trabalhada utilização dos números ordinais em diferentes contextos, bem como a resolução de problemas simples.

Autonomia: Capacidade maior ou menor de as crianças implicadas no projeto gerirem espaços de autonomia existentes no contexto em que se movem.

Durante a vivência do projeto, as crianças demonstraram sempre autonomia nas suas decisões.

Todo o projeto foi desenvolvido por elas e pelas suas ideias e questões que eram colocadas quer nas assembleias quer nas conversas realizadas em grande grupo.

Foi a partir das crianças que o leão existente na sala foi construído; depois, achavam que o leão tinha de ter um habitat e daí surgiram as árvores. Como queriam enriquecer o canto da bicharada com mais animais e como viam que não tínhamos tempo para tudo, sugeriram que os restantes fossem construídos em casa com os pais.

Depois de conhecerem um pouco de África, as crianças propuseram que fosse construída na sala a casa africana, a cubata.

Assim, posso afirmar que, toda a gestão do espaço é da responsabilidade das crianças. E todos os materiais construídos foram propostos pelas crianças.

Cooperação: Capacidade maior ou menor de trabalhar em grupo e partilhar experiências e saberes.

O grupo é um grupo bastante curioso e que quer sempre saber mais. Com o avançar do projeto, várias questões foram surgindo e todos anceavam por respostas às suas dúvidas e curiosidades.

As crianças participaram ativamente na planificação das atividades e contribuíram para o funcionamento e aprendizagem do grupo. Também, em atividades livres, no canto da bicharada, foi notória a cooperação e a amizade das crianças ao brincarem todos juntos e ao partilharem os brinquedos existentes no canto da bicharada.

Eficácia: Capacidade maior ou menor de, isoladamente ou em grupo, contribuir para que sejam

conseguidos resultados considerados positivos no processo.

Foi notória a evolução do grupo ao longo do projeto. Várias foram as competências desenvolvidas nas crianças com o avançar do projeto.

O sentido de responsabilidade e de cuidado das crianças foi notório durante estes quatro meses, uma vez que, as crianças chamavam sempre a atenção de um amigo ou de um adulto sempre que alguém estrava alguma coisa do canto da bicharada.

Implicação: Sentimento de pertença e responsabilidade maior ou menor que as crianças terão em relação ao projeto em que trabalham.

Todas as crianças estiveram envolvidas no projeto e todas realizaram as atividades relacionadas com o mesmo. Com a divisão de tarefas foi mais fácil para conseguir envolver, de igual forma as crianças.

Negociação: Capacidade maior ou menor de lidar com situações conflituais surgidas no decurso do projeto

A meu ver, não existiu nenhuma situação conflituosa relacionada com o projeto, uma vez que as crianças estavam sempre de acordo umas com as outras completando mesmo o raciocínio ou a ideia umas das outras.

Procure caracterizar o projecto em termos de critérios de qualidade adquiridas no que diz respeito à equipa pedagógica

Adequação: Capacidade maior ou menor de resposta do projeto às necessidades identificadas no grupo com que se trabalha.

Na minha opinião, o projeto lúdico vivido na sala dos 5 anos foi adequado às necessidades e aos interesses do grupo corretamente. As atividades desenvolvidas com as crianças relacionadas com mesmo, foram atividades previamente pensadas e tendo como base as metas de aprendizagem.

As atividades planejadas foram atividades que partiram, maioritariamente das crianças, mas também que foram de encontro todas as áreas de conteúdo.

É de salientar o trabalho entre a equipa pedagógica que permitiu dar resposta a tantas propostas das crianças.

Eficácia: Qualidade e/ou quantidade de efeitos (previstos ou imprevistos) para os quais o projeto poderá estar a contribuir ao longo do seu processo de desenvolvimento.

Com o projeto todo o grupo adquiriu novos conhecimentos, conhecimentos esses que não foram esquecidos e que são notórios nas atividades desenvolvidas pelas crianças no canto da bicharada. Quer na tenda do explorador, quer na cubata dos Pigmeus e no diálogo estabelecido entre as crianças enquanto brincam.

Todo o projeto foi desenvolvido pelas crianças e tudo o que foi feito para o projeto partiu da vontade do grupo, sendo a planificação elaborada com as propostas das crianças, maioritariamente.

Flexibilidade: Agilidade maior ou menor revelada pelo projeto em recorrer a diferentes metodologias que se estejam a revelar mais adequadas às características do contexto e problemas que o projeto procura enfrentar.

A equipa pedagógica mostrou-se bastante flexível com as propostas das crianças e tentou sempre dar resposta ao que era pedido pelo grupo, de forma a adequar a articular as áreas de conteúdo, como é possível verificar no primeiro ponto da avaliação do projeto.

Assim, após as propostas das crianças, tentávamos saber sempre quais os materiais que o grupo pretendia utilizar para a elaboração das atividades, como por exemplo, a construção dos animais a três dimensões ou da cubata africana, para que conseguíssemos dar resposta à necessidade do grupo e sendo flexíveis com as propostas das crianças.

Negociação: Capacidade maior ou menor que é encontrada no projeto de identificar e compatibilizar diferentes interesses e valores presentes na população abrangida pelo projeto.

Foi necessário por vezes negociar com as crianças relativamente aos materiais que estas queriam utilizar para a construção de alguns materiais existentes no canto da bicharada.

Também foi necessário negociar com as crianças na divisão de tarefas, visto que, por vezes as crianças queriam todas fazer o mesmo o que não era possível.

Partilha: Capacidade maior ou menor que um projeto revela de proporcionar espaços de intervenção pelos quais os diferentes atores nele implicados se sintam responsáveis em práticas desenvolvidas cooperativamente.

De uma maneira geral, o projeto serviu para que as crianças desenvolvessem a comunicação entre elas e a troca de saberes, uma vez que, existiu uma grande partilha de ideias e de curiosidades por parte do grupo.

Também entre a equipa pedagógica e as crianças houve uma grande partilha de conhecimentos, uma vez que, a equipa tentou sempre dar resposta às questões levantadas pelas crianças, de forma a enriquecer o conhecimento destas em todas as áreas do currículo.

Pertinência: Grau de relevância que as propostas do projeto assumem para a qualidade de vida das crianças abrangidas.

O tema do projeto lúdico teve uma grande pertinência ao longo do ano, uma vez que, foi um projeto que surgiu por vontade das crianças e foi sempre desenvolvido tendo como base as ideias e os interesses do grande grupo.

Este tema deu a possibilidade de serem trabalhadas várias competências e das crianças terem a oportunidade de contactar com um povo diferente, chamando à atenção para a diversidade cultural, a diferença, o respeito pelos outros, entre outros.

Reflexibilidade: Estímulo maior ou menor que o projeto dá à ocorrência de atividades de auto e hetero-avaliação do processo em curso.

Ao realizarmos, semanalmente, as assembleias podemos verificar aquilo que as crianças gostaram mais de fazer, aquilo que aprendera, aquilo que gostaram menos de fazer e o que tencionam aprender/fazer na próxima semana. Assim, ao fazermos as assembleias com as crianças conseguimos avaliar e elas próprias auto-avaliam a sua semana.

A reunião de avaliação e de planificação constitui um momento de reflexão e discussão com a Educadora que resulta sempre em novas aprendizagens e crescimento

da minha parte.

Responsabilidade: Papel mais ou menos relevante que o projeto atribui aos contributos críticos da criança ou grupo de crianças que intervêm no projeto (difusão e uso das informações)

A responsabilidade da equipa pedagógica e das crianças em desenvolver o projeto foi uma constante ao longo do ano.

Assim, à medida que as crianças iam propondo as atividades, a equipa pedagógica preocupou-se em dar resposta às necessidades e aos interesses do grupo, de forma a desenvolver o conhecimento das crianças.